GUILHERME SOUZA COSTA

UMA LEITURA SOCIOCRÍTICA DO JORNAL *QUILOMBO*:
VIDA, PROBLEMAS E ASPIRAÇÕES DO NEGRO (1948-1950)

Londrina
2015

GUILHERME SOUZA COSTA

UMA LEITURA SOCIOCRÍTICA DO JORNAL *QUILOMBO*:
VIDA, PROBLEMAS E ASPIRAÇÕES DO NEGRO (1948-1950)

Trabalho apresentado ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL) como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Maria Nilza da Silva.

Londrina
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C837L Costa, Guilherme Souza.
Uma leitura sociocrítica do jornal Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro (1948-1950) / Guilherme Souza Costa – Londrina, 2015.
103 f.: il.

Orientador: Maria Nilza da Silva.
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2015.
Inclui bibliografia.

1. Racismo. – Teses. 2. Imprensa dos negros. – Teses. 3. Teatro experimental negro. - Teses. I. Silva, Maria Nilza da. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDU 323.118

GUILHERME SOUZA COSTA

UMA LEITURA SOCIOCRÍTICA DO JORNAL *QUILOMBO*:
VIDA, PROBLEMAS E ASPIRAÇÕES DO NEGRO (1948-1950)

Trabalho apresentado ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL) como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Maria Nilza da Silva
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Maria José de Rezende
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Paulo Vinicius Silva
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Londrina, 17 de dezembro de 2015.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas foram muito generosas comigo e com meu trabalho nestes últimos anos. Venho agradecê-las na esperança de que este texto corresponda ao investimento que elas em mim fizeram, com a esperança de que possam perdoar as minhas limitações. Nesse sentido, a primeira pessoa que quero agradecer é minha orientadora Maria Nilza. Sempre paciente e generosa e um exemplo de ser humano, líder, educadora, pesquisadora, enfim, um exemplo de amiga. Também tenho que agradecer a todos os docentes que me acompanharam em minha jornada acadêmica, contribuindo para o meu desenvolvimento e motivando a cada vez mais empreender em projetos que tragam contribuição para as pessoas ao meu redor. Em especial, a professora Maria José, cujo exemplo de atenção e dedicação a seus alunos vão ficar sempre em minha memória. Mas acredito que essas palavras nem chegam perto do carinho especial e da admiração que os alunos transmitem quando estão perto dela.

Muito do que sou e do que tenho também devo a esta Universidade, onde passei os últimos sete anos absorvendo todo o conhecimento e desfrutando o amplo leque de oportunidades que ela nos propicia. Só quem cresceu em Londrina sabe dos enormes desafios e entende o quanto significa realizar o sonho de estudar nesta instituição. Mas devo um agradecimento especial a todas as amizades que fiz nesta Universidade. Alguns se tornaram meus melhores amigos com quem sei que posso contar para o resto da vida. Com outros, eu não tenho a oportunidade de ter mais um contato tão próximo e constante, mas têm um lugar especial em minha história de vida.

Devo muito à minha família, aos meus amigos e todas as pessoas que acreditaram em mim. Se não tenho medo de novas empreitadas e desafios é porque sei que não estou sozinho. Não importa o quão grande sejam as dificuldades, eu sempre terei alguém com quem contar. A todas essas pessoas, meu sincero obrigado!

“What difference is there in the color of the soul?”

(Que diferença há na cor da alma?)

Solomon Northup, "12 Anos de Escravidão".

COSTA, Guilherme Souza. **Uma leitura sociocrítica do jornal Quilombo:** vida, problemas e aspirações do negro (1948-1950). 2015. 103 f. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais - Universidade Estadual de Londrina - Londrina-Paraná, 2015.

RESUMO

Este trabalho se dedica a uma análise exploratória das dez edições do jornal *Quilombo*, editadas sob a direção de Abdias Nascimento entre 1948 e 1950, publicadas em edição fac-similar em 2003, pela Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo. Buscou-se por meio da discussão dos textos analisados, captar a forma pela qual os intelectuais do Teatro Experimental Negro (TEN) enxergavam o problema racial no Brasil e de que maneira eles reagiam para mudar essa realidade. Os principais temas discutidos foram o reconhecimento do racismo, o debate em torno do mito da democracia racial, os seminários de Grupoterapia, que visavam a superação dos problemas do negro, e as lutas pelo reconhecimento e igualdade de oportunidades. Concluo, por meio deste estudo, que a vida do negro no país é retratada no jornal como uma luta diária contra os efeitos herdados no regime de escravatura, somada a uma manutenção das desigualdades e ao racismo. As aspirações do negro são, portanto, de que um dia esse problema seja superado, por meio da articulação política, da valorização da cultura negra e da implementação de políticas afirmativas.

Palavras-chave: Jornal *Quilombo.* Imprensa Negra. Racismo. Democracia racial.

COSTA, Guilherme Souza. **A sociocritical reading of the newspaper Quilombo:** life, problems and aspirtations of the black people (1948-1950). 2015. 103 p. Dissertation of Master in Social Sciences - Universidade Estadual de Londrina - Londrina-Paraná, 2015.

ABSTRACT

This research is dedicated to an exploratory analysis of ten editions of the newspaper *Quilombo*, edited by head Abdias Nascimento between 1948 and 1950, published in fac-similar edition in 2003, by Support Foundation to São Paulo University. We sought to investigate, through the discussion of the arguments used in the analyzed texts, how the founders of the Black Experimental Theatre (TEN) understood the racial issue in Brazil and how they reacted in order to change this reality. The main themes discussed are the recognition of the racism, the debate around the myth of the racial democracy, the Group Therapy seminars, which intended to overcome the problems of the black people, and the fight for the appreciation, as well as the fight for opportunities equality. I conclude with this study that the life of the black people in the country is portrayed in the newspaper as a daily fight against the effects of the slavery regime added to the maintenance of the inequalities and to the racism. The aspirations of the black people, therefore, are that eventually this problem may be overcome, through political articulation, appreciation of the black culture and implementation of affirmative policies.

Key-words: Newspaper *Quilombo.* Black Press. Racismo. Racial democracy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - 1° Edição do Menelcick.....19
Figura 2 - O Clarim da Alvorada.....20
Figura 3 - Capa de edição Fac-similar 27
Figura 4 - Guerreiro Ramos 29
Figura 5 - Candomblé da Bahia num desenho de Paul OF.....36
Figura 6 - Sincretismo religioso: altar de Yemanjá.....36
Figura 7 - A orquestra sendo cumprimentada.....37
Figura 8 - Capa da 3° edição 38
Figura 9 - Teatro Experimental do Negro.....47
Figura 10 – Abdias Nascimento.....49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FNB	Frente Negra Brasileira
MNUCDR	Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial
ONU	Organização das Nações Unidas
PEC	Projeto de Emenda à Constituição
PDT	Partido Democrático Trabalhista
TEN	Teatro Experimental Negro
TEB	Teatro do Estudante do Brasil
UNE	União Nacional dos Estudantes
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

1 **IMPRENSA NEGRA NO BRASIL** 17
1.1 Revisitando a Imprensa Negra no Brasil.....18
1.2 Apresentação do jornal *Quilombo*.....25
1.3 Características do jornal *Quilombo* 27

2 **MOVIMENTOS NEGROS NO BRASIL** 39
2.1 Frente Negra Brasileira (FNB) 39
2.2 O Teatro Experimental Negro (TEN).....46

3 **O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL**.....54
3.1 Perspectivas sobre a democracial racial no Brasil.....54
3.2 O debate em torno da democracia racial 59

4 **A "DESCOMPLEXIFICAÇÃO" DO NEGRO** 66
4.1 Os seminários de Grupoterapia 67
4.2 Patologia da normalidade e ajustamento social.....73
4.3 O 1° Congresso do Negro Brasileiro.....77

5 **CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....86

REFERÊNCIAS.....94

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa envolve aspectos da luta contra o racismo e das desigualdades desencadeadas pelo pensamento racista, além dos esforços pela exaltação da identidade negra e a afirmação dos direitos constitucionais e democráticos dos negros. A premissa de igualdade nas oportunidades, concomitante ao reconhecimento e ao respeito às diferenças fenotípicas e culturais, foram reivindicados pelo Movimento Negro e traduzidas em textos e publicações independentes veiculadas pela Imprensa Negra no Brasil.

A escolha pelo tema que envolve as desigualdades sociais entre negros e brancos, junto aos efeitos nocivos do racismo, se dá no contexto em que vive-se um momento ímpar da discussão sobre as relações raciais no Brasil. É perceptível um maior interesse da sociedade e dos formadores de opinião no debate das desigualdades entre as raças. Avanços nas esferas política e governamental puderam ser percebidos nos últimos anos: a implementação de ações afirmativas para a inclusão de estudantes negros no Ensino Superior, a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial e a implementação da Lei 10.639/03 - que inclui nos currículos de escolas públicas a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileiras".

Os meios de comunicação, no entanto, ainda têm muito a evoluir ao discutir este que é um tema tabu, fadado à invisibilidade na imprensa, no cinema, na televisão, no rádio e na *internet*. Ainda é possível perceber no jornalismo, nos filmes, nas novelas e na publicidade a insistência de clichês que fadaram por décadas a população negra aos estereótipos outrora instituídos.

Podemos perceber apenas algumas das muitas tentativas de reparar uma dívida histórica do país com a população descendente da Diáspora, depois de mais de trezentos anos de opressão e exploração impostos pelo regime de escravidão. Trata-se de um erro, entretanto, acreditar que foram conquistas fáceis e que o problema está solucionado. Como esta pesquisa corrobora, essas são antigas reivindicações, de articulação e de sofrimento da população negra. Há ainda muitos avanços a serem feitos para que se possa pensar em uma sociedade igualitária para todas as raças no Brasil.

O objeto de análise deste estudo é composto pelos debates levantados e pelas ações de transformação da realidade social impulsionados pelos membros do Teatro Experimental Negro[1] (TEN) sobre a causa negra no Brasil. A pergunta-chave da qual partimos nossos questionamentos é: como os membros do Teatro Experimental Negro enxergavam a questão racial no Brasil e de que modo eles atuavam para mudar essa realidade?

Sob a liderança do jornalista, teatrólogo, economista, professor, político, artista plástico, autor, ator, político e militante do Movimento Negro, Abdias Nascimento; do sociólogo, pesquisador, professor e também militante Guerreiro Ramos; além de muitos outros intelectuais, o TEN representava uma resposta aos limites impostos aos negros pelo racismo no Brasil. Não só por meio de peças teatrais, produzidas e protagonizadas por artistas negros - o que, para a época, já era uma grande inovação - o grupo dispunha de um amplo projeto psicopedagógico que procurava elevar a moral de negro e prepará-lo para combater o racismo, não por meio de um confronto direto, mas sim, afirmando o seu valor perante a sociedade.

O Teatro Experimental Negro incorporou um projeto de valorização da subjetividade de negros e negras, que por muito tempo foram assolados pelos efeitos nefastos da escravidão e, posteriormente, do processo de exclusão resultado da modernização capitalista. Essa mudança no comportamento e o no *mindset* do negro, seria feita por meio da iniciação no meio artístico, da educação e, sobretudo, por meio do teatro, do psicodrama e do sociodrama[2].

---

[1] O projeto do Teatro Experimental do Negro englobava o trabalho pela cidadania do ator, por meio da conscientização e também da alfabetização do elenco, recrutado entre operários, empregadas domésticas, favelados sem profissão definida e modestos funcionários públicos. A companhia inicia suas atividades em 1944, colaborando com o Teatro do Estudante do Brasil (TEB), na encenação da peça *Palmares*, de Stella Leonardos. Quando decidem empreender um espetáculo próprio, constatam que não há, na dramaturgia brasileira, textos que sirvam aos seus objetivos. Abdias do Nascimento descobre em *O Imperador Jones*, de Eugene O'Neill, o retrato mais aproximado da situação do negro após a abolição da escravatura. O espetáculo estreia em maio de 1945, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, e obtém boa receptividade, com elogios ao protagonista, Aguinaldo Camargo (MENDES, 1993, p. 51).

[2] O psicodrama é uma prática terapêutica concebida pelo médico romeno Jacob Levy. O método passou a ganhar contorno sociológico, expandindo-se com ampla utilização em psicoterapias de grupo. Trata-se de uma abordagem que utiliza a improvisação de cenas dramáticas para analisar e orientar processos psicoterapêuticos. No Brasil, chegou entre 1948 e 1950 pelas mãos de Guerreiro Ramos, preocupado com as condições de educação e qualificação profissional dos negros. Ele criou novas possibilidades a partir das ideias morenianas, dando cursos e escrevendo sobre psicodrama e sociodrama. Enquanto técnicas, a diferença entre psicodrama e sociodrama consiste

Analisamos neste trabalho a maneira pela qual os intelectuais do TEN pretendiam formar uma *inteligentzia* negra, que atuasse de maneira equiparada às elites brancas nos processos decisórios de modo a superar o descompasso entre a condição formal de cidadão livre e sua adversa situação, não só econômica, mas também sociocultural.

Para analisar os métodos de atuação do TEN, utilizaremos os registros feitos por Abdias Nascimento e seus companheiros nas reportagens e artigos veiculados no jornal "Quilombo - Vida, Problemas e Aspirações do Negro". Publicado entre 1948 e 1950 pelo Teatro Experimental Negro (TEN), sob o comando de Abdias do Nascimento, o jornal é um importante representante na história da Imprensa Negra brasileira. Para esta pesquisa, foi utilizada a versão fac-similar publicada em 2003 pela Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo que reúne, na íntegra, todas as edições do jornal.

A escolha pela análise de um veículo de comunicação como canal para articulação dos conceitos aqui trabalhados, bem como um passado histórico, com o objetivo de se compreender as complexidades dos problemas atuais, se deu, sobretudo, devido à premissa básica da imprensa de refletir de maneira mais objetiva e fidedigna a realidade do momento em que suas páginas são veiculadas. A partir desta prerrogativa, pode-se apreender dos jornais de uma época informações que, mediante uma leitura crítica, são capazes de nos conferir um diagnóstico social.

Como se poderá perceber, a publicação foi uma importante ferramenta pela afirmação racial, conscientizando sobre a vida, os problemas e aspirações do negro no Brasil no início da democracia contemporânea. No tocante à metodologia para analisar essa nova prática proposta pelo TEN, o estudo se baseia em uma análise qualitativa. Conforme Miriam Goldenberg, em suas considerações sobre metodologias de análise nas Ciências Sociais:

---

em que, no primeiro, o trabalho dramático focaliza o indivíduo - embora sempre visto como um ser em relação - e no segundo focaliza o próprio grupo. Ver mais em Scarparo; et. al., 2010; Silva, 1999; Febrap, 2007.

> o principal interesse da ciência social é o comportamento significativo dos indivíduos engajados na ação social, ou seja, o comportamento ao qual os indivíduos agregam significado considerando o comportamento de outros indivíduos. Os cientistas sociais, que pesquisam os significados das ações sociais de outros indivíduos e deles próprios, são sujeito e objeto de suas pesquisas (GOLDENBERG, 2004, p.19) [3].

É interessante frisar que um traço marcante desta metodologia é de que ela não parte da operacionalização de variáveis ou de hipóteses pré-definidas, mas segundo objetivos de exploração e compreensão dos fenômenos e de suas complexidades (SILVA, 2013)[4]. Pelo fato do corpus consistir, principalmente, de material textual, em que prevalece a modalidade de dissertação argumentativa[5], realizaremos uma análise argumentativa à luz da teoria da argumentação desenvolvida pelo filósofo e educador britânico Stephen Toulmin (1922-2009)[6]. Na obra "The Uses of Argument", de 1958, o acadêmico propôs um *layout* de componentes interrelacionados para a análise dos argumentos envolvendo: alegações, dados, garantias, apoios, refutações e qualificadores. A análise argumentativa se dá, portanto de uma interpretação ou correlação entre esse componentes detectados nos textos (LIAKOPOULOS, 2002, p.220)[7].

> O termo argumentação se refere a uma atividade verbal ou escrita que consiste em uma série de afirmações com o objetivo de justificar, ou refutar determinada opinião, e persuadir uma audiência (van Eemeren *et al.*, 1987). O objetivo da análise da argumentação é documentar a maneira como afirmações são estruturadas dentro de um texto discursivo, e avaliar sua solidez (LIAKOPOULOS, *op.cit.* p.219).

---

[3] GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro. Record. 2004.

[4] SILVA, Eugénio Alves da. As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais. Revista Angolana de Sociologia, nº12, 2013. Disponível em < http://ras.revues.org/740#tocto2n4> Acesso em 14 de setembro de 2015.

[5] Os gêneros discursivos não se apresentam puros, mas em maior ou menor escala, a argumentatividade perpassa todos eles, visto que as próprias escolhas de inclusão ou exclusão de termos ou informações são ideológicas, portanto argumentativas. Por meio do discurso, o argumentador influencia, intencionalmente, o meio social em que vive, de modo a provocar mudanças no pensamento e no comportamento dos outros. Um sujeito político e social é capaz, orientando seus argumentos, de manifestar um posicionamento pessoal, no sentido de determinadas conclusões (SOARES,2009).

[6] A Teoria da Argumentação de Stephen Toulmin se enquadra nos meios de comunicação de massa. O teórico propõe uma analogia entre um argumento e um organismo, ao passo que pode ser representado de uma forma esquemática. (LIAKOPOULOS, 2002, p.220).

[7] LIAKOPOULOS, Miltos. **Análise argumentativa**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis- RJ, 2002.

Os textos analisados nessa pesquisa, portanto, seguem os passos elencados por Miltos Liakopoulos, em texto que compõe a coletânea "Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático": coleta de uma amostra representativa, síntese dos principais pontos do texto, identificação dos componentes do texto e uma interpretação, em termos de contexto geral, do mérito e da completude dos argumentos.

Essas análises se encontram no capítulo 3 deste estudo, em que são discutidos os textos: "A Atitude Brasileira", "Linhas de Cor", "Os Arianos de Criciuma" que debatem a chamada "democracia racial" e a propagação deste mito no Brasil; e no capítulo 4, por meio dos textos: "Uma experiência de Grupoterapia", "Apresentação da Grupoterapia", "Teoria e Prática do Psicodrama", "A Conferência do Negro e as Nações Unidas", "Prêmio Nobel para Bunche", "Da Solidariedade Humana" e "Espírito e Fisionomia do Teatro Experimental do Negro", em que se debate o mérito das ações implementadas pelo TEN para a valorização do negro

Antes que se dê início a essa análise, o primeiro capítulo se dedica a revisitar o passado da Imprensa Negra e de sua importância frente aos movimentos negros na História brasileira. Em primeiro lugar, elencamos os títulos mais significativos da Imprensa Negra no Brasil. Este não foi um movimento homogêneo de publicações feito por um grupo organizado. Trata-se de uma denominação posteriormente empregada por historiadores e estudiosos das Ciências Sociais e da Comunicação com o intuito de classificar os impressos alternativos publicados por grupos militantes pela causa negra. As dificuldades econômicas e de estrutura limitavam essas publicações a uma tiragem pequena de exemplares, periodicidade inconstante e durabilidade efêmera. Mas isto não significa que essas limitações se traduziam em menor qualidade ou menos relevância dessas publicações para a discussão dos problemas que estavam sendo relatados.

A segunda parte do capítulo 1 se dedica a uma apresentação do jornal *Quilombo*, de modo a contextualizar o leitor sobre a mídia em que foram veiculados os textos que serão posteriormente analisados. Conforme já dito, o corpus selecionado para o estudo é composto pelas dez edições do jornal *Quilombo*, que foram publicadas entre dezembro de 1948 e 1950 sob a direção do intelectual e militante negro, Abdias do Nascimento. Como o próprio nome do jornal sugere, os

textos abordam aspectos sociais e sociológicos a respeito da vida, dos problemas e das aspirações do negro. Ao longo das páginas, entre as reportagens e artigos, percebemos a discussão das temáticas que serão abordadas ao longo dos capítulos desta dissertação.

O segundo capítulo passa pela história de dois importantes movimentos cujos passados de militância são pertinentes ao objeto deste estudo. Em um primeiro momento, ressaltamos os principais aspectos que perpassaram a história da Frente Negra Brasileira (FNB), por seu pioneirismo e importância histórica dentre as muitas tentativas de mobilização que compõem o Movimento Negro no Brasil. Veremos que houve associações esportivas ou carnavalescas que antecedem a FNB, mas esta se destaca por ser a primeira a reunir um verdadeiro projeto de melhoria e valorização da vida do negro, aliado ao combate às práticas de racismo.

A FNB foi ponto de partida na atuação de militância de Abdias do Nascimento, que na década seguinte viria a criar o Teatro Experimental Negro (TEN), cuja história é contada na parte final do segundo capítulo. Mais que uma companhia teatral, o grupo tinha um amplo projeto político e pedagógico que materializava a militância de seus participantes que visavam a valorização do negro e de sua cultura.

O terceiro capítulo dessa pesquisa se dedica a analisar como os membros do TEN encaravam a questão da existência do racismo no Brasil, mais especificamente, como a difusão de uma ideia de democracia racial impactava na discussão dos problemas raciais no Brasil. Analisaremos nesta etapa da pesquisa o debate em torno da democracia racial, que coloca em lados opostos duas frentes com maneiras de pensamento distintas. De um lado estão pensadores da orientação liberal, que acreditavam em uma convivência harmoniosa entre as raças no Brasil. Do outro, aqueles que denunciavam um racismo mascarado na sociedade brasileira, traduzido em desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais. Os argumentos do primeiro lado, exemplificados no texto de Gilberto Freyre, são sistematicamente refutados pelos argumentos do lado oposto, representados por textos de Guerreiro Ramos, Raquel de Queiroz e Origenes Lessa. Podemos então concluir que o TEN colaborou para a desconstrução do mito da democracia racial e lutou para que a difusão da ideia dessa suposta convivência harmoniosa entre as raças, não

causasse entraves à luta contra o racismo e pelos direitos iguais entre negros e brancos.

O capítulo 4 é fundamental para responder a um dos principais questionamentos desta pesquisa. Veremos como o Teatro Experimental do Negro procurava, por meio de sua intervenção artística, pedagógica e terapêutica, mudar a realidade do negro no Brasil. O TEN representou um esforço na construção de uma aliança antirracista, que denunciava as práticas de racismo no país. Estão refletidas em suas propostas intervenções que objetivavam solucionar o "problema negro". Essas conquistas seriam possíveis por meio dos seminários de Grupoterapia, organizados pelo sociólogo e professor Guerreiro Ramos, implementando a metodologia psicoterapêutica do psicodrama e do sociodrama.

Guerreiro Ramos via o problema racial no Brasil como uma patologia que deveria ser tratada com a descomplexificação do homem negro. Ele buscava, por meio de seus seminários, desenvolver processos científicos destinados ao tratamento deste problema. Acreditava ainda que a sociedade precisava ser reeducada - tanto o branco, libertando-se de seus critérios exógenos de comportamento - como o negro, que deveria enfrentar seus medos e ressentimentos, se livrando de estereótipos e visões autodepreciativas. Durante os seminários de Grupoterapia, havia a transposição para o palco de situações de preconceito e conflito concretas, que eram diariamente vivenciadas pelos indivíduos. A partir dessa representação é que se desencadeava o tratamento. A prática do sociodrama pelo TEN foi então registrada pelas matérias assinadas por Guerreiro Ramos no jornal *Quilombo*.

Este material se destaca, portanto, por sua importância no reconhecimento da história recente do negro em sua "vida, problemas e aspirações", como anuncia o subtítulo do jornal *Quilombo.* A expectativa é que, por meio desta análise, o leitor seja capaz de ampliar sua compreensão sobre o cotidiano, as identidades e o imaginário dos negros no reconhecimento dos seus direitos, na luta pela igualdade de oportunidades e no combate às discriminações.

Boa leitura!

1 IMPRENSA NEGRA NO BRASIL

Percebemos no nosso dia-a-dia a importância da mídia na propagação e difusão de mensagens. No entanto, a constituição de uma prática discursiva que desencadeia estereótipos e preconceitos se faz presente no discurso das mídias[8]. "No discurso em questão, a materialidade simbólica produz efeitos de verdade que desencadeiam a uma situação de negação e rejeição ao negro" (OLIVEIRA, 2013, p.122)[9].

É visível que, no aspecto racial, os meios de comunicação refletem e predizem o padrão de dominação e acabam difundindo formas de pensamento e ação que, em diversos momentos, são marcados pela estereotipação e estigmatização. Quando se analisa a atuação do racismo sobre o discurso midiático, pode-se inferir que os meios de comunicação ainda têm muito a evoluir ao discutir este que é ainda um tema tabu, fadado à invisibilidade na imprensa, no cinema, na televisão, no rádio e na *internet*. Ainda é possível perceber no jornalismo, nos filmes, nas novelas e na publicidade a insistência de clichês que fadaram por décadas a população negra aos estereótipos outrora instituídos (SODRÉ, 1998, p.24-28)[10]. Segundo Sandra Almada, não obstante, os meios de comunicação ainda reprimem os aspectos positivos das manifestações culturais negras, além de mostrar desconhecimento quanto à contribuição civilizatória dos negros no Brasil (ALMADA, 2012, p.28) [11].

Em contrapartida, emerge a chamada Imprensa Negra, que não se constituiu em uma associação organizada e homogênea de empresas de comunicação com

[8] "De fato, o discurso midiático influencia a informação e/ ou o conhecimento que se tem a respeito de um fato, os padrões de linguística, as ações sociais, as atitudes e as emoções. Nesse sentido, deixa de ser meramente instrumental para ser estrutural. A comunicação muda o lugar da cultura na sociedade tornando-se estruturante e reestruturante" (SANTOS; MEDEIROS, 2009).

[9] OLIVEIRA, Mirian Ribeiro de. **A ideologia racista de cor no discurso midiático filhas do vento**. Revista Calidoscópio. Vol 11, n°2, p116-123, mai/ago 2013.

[10] SODRÉ, Muniz. **Sobre imprensa negra**. Revista Lumina – Facom/UFJF – v1, n°1, p.23-32, jul/dez 1998.

[11] ALMADA, Sandra. **Prefácio**. In. BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Orgs.). **Mídia e Racismo.** Petrópolis, RJ; Brasília: ABPN, 2012.

suas publicações, como é o caso da grande imprensa[12], mas sim em uma série de publicações alternativas[13] que foram independentemente publicadas por diferentes grupos com um objetivo em comum: o debate da questão racial no Brasil. A denominação "Imprensa Negra" é um termo utilizado pelos estudiosos das relações etnicorraciais atualmente, apenas a título de uma classificação e maior facilidade na organização e análise destas publicações.

Neste primeiro capítulo, vamos revisitar o percurso de periódicos que surgiram no Brasil, a partir do Brasil República, e que a duras penas transmitiram em suas palavras os princípios da militância e denunciaram os abusos e preconceitos contra a população negra no Brasil. Também apresentamos o jornal escolhido neste estudo, cujos textos publicados, fornecem subsídios para a análise - o jornal *Quilombo*.

1.1 Revisitando a "Imprensa Negra" no Brasil

Em um primeiro momento, vale destacar a importância da diferenciação entre Imprensa Abolicionista e Imprensa Negra. Os abolicionistas se preocupavam com a abolição da escravatura lenta e gradual, ao passo que a imprensa negra reivindicava a liberdade combinada à integração social do negro:

> Constata-se o nascimento de um discurso e de uma prática jornalística negra não disseminadora dos estigmas raciais percebidos na imprensa do século XIX e XX e, sim, comprometida com o valor máximo republicano: a igualdade de direitos. Desde 1833, os jornais negros frisavam os direitos constitucionais dos cidadãos brasileiros para ilustrar o grau de exclusão e discriminação que atingia os descendentes de africanos (ROSA, 2014, p.555)[14].

O primeiro registro de imprensa negra data de 14 de setembro de 1833, com a publicação do jornal *Homem de Cor*, que teve a duração de cinco números (LIMA JÚNIOR, 2009, p. 15)[15]. A jornalista Ana Flávia Magalhães Pinto (2006)[16], ao longo

---

[12] A grande imprensa "[...] designa o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico e organizacional e financeiro" (LUCA, 2008, p.149-175).

[13] Dalila Teles Vera, no ensaio "A imprensa alternativa no Brasil como resistência cultural", classifica os jornais alternativos como "[...] publicações culturais fora dos circuitos oficiais. [,,,] Esse tipo de imprensa reaparece sempre que há mudanças no regime onde impere o autoritarismo" (VERAS, 1991).

[14] ROSA, Isabel Cristina Clavelin da. **Imprensa negra:** descobertas para o jornalismo brasileiro. Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol 11 n°1 Julho a Dezembro de 2014.

[15] LIMA JÚNIOR, Ariovaldo. **Jornal ìrohìn:** estudo de caso sobre a relevância do papel da imprensa negra no combate ao racismo (1996-2006). USP. São Paulo - SP, 2009.

de um levantamento, também destaca alguns outros títulos que sucederam-no: *Brasileiro Pardo*, *O Cabrito*, *O Crioulinho* e *O Lafuente* – todos circulantes em 1833. Fora da Corte (Rio de Janeiro), *O Homem – Realidade Constitucional ou Dissolução Social* foi o primeiro impresso a circular em Recife (1876), seguido por *A Pátria,* em São Paulo (1889), e *O Exemplo*, em Porto Alegre (1892).

Publicado em Recife como legítimo representante da Imprensa Negra, *O Homem – Realidade Constitucional ou Dissolução Social*, circulou a partir de 1876. De acordo como o próprio jornal, este era "*defensor* das pessoas de cor" e profundamente imbuído da causa negra. (PINTO, *Op. Cit*, p.15).

O representante inicial da Imprensa Negra no sul do país foi o jornal *O Exemplo*, que circulou com interrupções no período de 1892 e 1930. Oliveira Ferreira da Silveira (2005, p.115)[17] o caracteriza como "iniciativa e organização de negros", ressaltando que o período gaúcho antecipa-se à importante imprensa negra paulista e paulistana que contou com: *O Baluarte* (Campinas, 1903), *A Pérola* (São Paulo, 1911), *O Menelick* (São Paulo, 1915) *e O Clarim da Alvorada* (1924). Entre os títulos relacionados por Silveira (Op. Cit., p.115) na imprensa negra gaúcha do século XIX estão: *A Cruzada* (Pelotas, 1905), *A Alvorada* (Pelotas, 1907), *A Revolta* (Bagé, 1925), *A Navalha* (Santana do Livramento, 1931).

Figura 1 - 1° edição d'O Menelick, janeiro de 1916[18]

BRAZIL — Capital, 1° de Janeiro de 1916 — E. DE S. PAULO

O MENELICK

Regresso de Vesper

leitoras

---

[16] PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura à tinta preta** - a imprensa negra no século XIX (1833-1899). 197 f. Brasília: UNB, 2006.

[17] SILVEIRA, Oliveira Ferreira da. **Palavra de negro**. In: SANTOS, Irene. **Negro em preto e branco:** história fotográfica da população negra de Porto Alegre. Porto Alegre: Do Autor, 2005.

[18] Fonte: http://onda21.com.br/o-menelick-a-imprensa-negra-paulista-na-busca-da-cidadania/. Acesso em 22 de janeiro de 2015.

Um dos levantamentos mais completos e consagrados sobre o jornalismo brasileiro, *História da Imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré, refere-se à imprensa negra através dos jornais *O Crioulo*, *O Crioulinho*, *O Mulato*, *O Cabrito* e *O Homem de Cor* como publicações surgidas das “inquietações geradas em três séculos de domínio colonial sob a rígida estrutura do latifúndio” (SODRÉ, 1999, p.157)[19].

Em maio de 1947, José Correia Leite (1947, p.5-6) publicou um artigo no jornal *Alvorada* revisitando os periódicos de importância para a Imprensa Negra entre 1916 e 1926. O autor destaca "O Getulino", um jornal negro de formato germania, publicado por um grupo liderado por Lino Guedes e Gervásio de Morais. Também menciona "A Rua", jornal crítico-literário, dirigido com Domingos José Fernandes e Oliveira Paula. O jornal com que sempre contribuiu em seus tempos de militância, no entanto foi "O Clarim d'Alvorada", que antes se chamava "O Clarim", sob direção de Jim de Araguary e Leite. Correia Leita relembra:

> Nesta altura, já "O Clarim d'Alvorada" criava asas de um condor. Resistia à fúria dos maus ventos da incompreensão. E, assim, com o decorrer do tempo, fica sendo ele o único jornal a circular. Não demorou em adquirir uma feição marcante pelas suas convicções próprias. Levantando o véu dos problemas, sem temor das críticas e dos doestos, abordava os assuntos de frente e sem subterfúgios (CUTI, 2007, p. 258)[20].

Figura 2 - O Clarim da Alvorada[21]

O Clarim da Alvorada

28 de Setembro

Dia da Mãi Negra

O CLARIM d'ALVORADA

O DIA DA MÃE PRETA

[19] SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
[20] CUTI. **... E disse o velho militante José Correia Leite**. São Paulo: Noohva América, 2007.
[21] Fonte: maristelafarias6.blogspot. Acesso em 22 de janeiro de 2015.

> "Os jornalistas de *O Clarim da Alvorada* e os ativistas do movimento negro que se formara na década de 1920 se apresentaram como uma liderança para elevar o moral dos negros da cidade de São Paulo. Esse grupo se organizou a partir da criação do Centro Cívico Palmares no ano de 1927, espaço onde se reuniam e discutiam a questão racial. No periódico, José Correia Leite e Jayme de Aguiar defendiam uma disciplina rígida para o comportamento dos negros, que deveriam usar a educação formal como um meio de assimilar os valores vigentes da elite paulistana. A instrução, nesse sentido, seria o elemento primordial para a ascensão social dos negros da cidade de São Paulo" (FARIAS, 2013)[22].

Sobre o período de 1915 a 1963, a pesquisadora Miriam Nicolau Ferrara, em sua dissertação de mestrado, também destaca os seguintes títulos: *O Menelick* (1915), *A Rua* (1916), *O Xauter* (1916), *O Alfinete* (1918), *O Bandeirante* (1919), *A Liberdade* (1919), *A Sentinela* (1920), *O Kosmos* (1922) e *Getulino* (1923), *O Clarim da Alvorada* (1924), *Elite* (1924), *Auriverde* (1928), *O Patrocínio* (1928), *Progresso* (1928), *Chibata* (1932), *Evolução* (revista 1933), *A Voz da Raça* (1933), *Tribuna Negra* (1935) e *A Alvorada* (1936), *Alvorada* (1945), *Senzala* (revista 1946), *União* (1948), *Mundo Novo* (1950), *Quilombo* (revista 1950), *A Voz da Negritude* (1953), *O Novo Horizonte* (1954), *Notícias de Ébano* (1957), *O Mutirão* (1958), *Hífen* (1960), *Níger* (1960), *Nosso Jornal* (1961) e *Correio d´Ébano* (1963) (FERRARA, 1981)[23]. Para a realização da pesquisa que destacou esses títulos, a autora entrevistou fundadores e colaboradores e resumiu políticas editoriais. Ela conclui que a abordagem dos jornais da Imprensa Negra no período analisado nos apresenta um passado que envolve um grupo negro se posicionando frente a uma sociedade dominante - um órgão de protesto oriundo de um tratamento desigual entre um grupo dominante para com um grupo minoritário.

Uma pesquisa de Ubirajara Damaceno Motta de 1986 explora com uma abordagem diferente a Imprensa Negra, comparando-a com a agitada imprensa alternativa que existia desde o final do século XIX. Trata-se do estudo "*Jornegro* - Um projeto de comunicação afro-brasileira". De acordo com o autor, a Imprensa

---

[22] FARIAS, Maristela. **Experiências afro-americanas nas páginas do Clarim da Alvorada**. 29 de Novembro de 2013. Disponível em <http://maristelafarias6.blogspot.com.br/2013/11/experiencias-afro-americabas-nas.html> Acesso em 04 de abril de 2015.

[23] FERRARA, Miriam Nicolau. **A imprensa negra paulista (1915-1963)**. São Paulo: USP, 1981.

Negra dessa época era altamente influenciada pelas publicações da classe operária, uma vez que ambos tinham um objetivo principal: denunciar os problemas vividos pelo seu grupo. Enquanto os operários lutavam por melhores condições de trabalho, os negros lutavam por uma melhor integração social, mas ambos tinham em comum a conscientização dos seus leitores: "o negro percebe nos imigrantes, além do rival que lhe toma as chances de sobrevivência, um exemplo a ser seguido para melhorar seu nível de vida" (MOTTA, 1986, p.78)[24]. Na análise de Motta sobre as relações raciais no mercado de trabalho, principalmente no desenvolvimento da ordem fabril em São Paulo, foram encontrados mecanismos tão engenhosos para a exclusão da população negra, que o autor chega utilizar o termo "racismo à paulista": "[...] a elite empregava um discurso que hora apontava a suposta vagabundagem, ora identificava o pretenso despreparo profissional da população negra como as causas de seu estado de penúria e marginalização" (MOTTA, *Op.Cit.*, p.110).

No estudo "Os arcanos da cidadania - a imprensa negra paulistana nos primórdios do século XX", a pesquisadora Marinalda Garcia (1999) conclui que o mais significativo em matéria de novidade da produção jornalística feita pela Imprensa Negra, nesse período:

> são as dissimulações utilizadas [pelo negro] para manter um padrão de informação e não perder a voz. Por isso, os autores das notícias utilizavam-se de metáforas, leis e discursos a determinada pessoa do grupo, com o intuito de marcar a presença nos assuntos que permeavam o universo das sociedades (GARCIA, 1999, p.100)[25].

Petrônio Rodrigues (2008) nos chama a atenção também para os curiosos subtítulos dos jornais alternativos da imprensa negra, que muito dizem sobre a linha editorial dessas publicações. Na avaliação do autor:

> Os subtítulos dos periódicos da imprensa negra eram sugestivos. *A Pátria* considerava-se o *Órgão dos homens de cor*; *O Baluarte*, por sua vez, proclamava-se ser *Dedicado à defesa de classe*; *O Menelick* apresentava-se como *Órgão mensal, noticioso, literário e crítico dedicado a homens de cor*; *A Liberdade* reivindicava ser um *Órgão crítico, literário e noticioso dedicado à classe de cor*; *O Bandeirante* se declarava *Órgão de combate em prol do reerguimento geral da classe dos homens de cor*; *Getulino* se dizia um *Órgão de interesse para a defesa dos homens pretos*; e, finalmente, *O Clarim da Alvorada*, um *Órgão literário, noticioso e humorístico*, que, em 1928, adotou como subtítulo *Legítimo órgão da*

[24] MOTTA, Ubijara Damaceno da. ***Jornegro:*** um projeto de comunicação afro-brasileira. São Bernardo do Campo: Institulo Metodista de Ensino Superior, 1986.

[25] GARCIA, Marinalda. **Os arcanos da cidadania** - a imprensa negra paulista nos primórdios do século XX. São Paulo: FFLCH -USP, 1999.

> *sociedade negra de São Paulo - Pelo interesse dos homens pretos - Noticioso, literário e de combate* (RODRIGUES, 2008, p.36)[26].

A partir da década de 70, período de efervescência afro-brasileira, que desencadeou processos políticos como a fundação do MNUCDR (Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial)[27], em 1978, também há outro marco importante para a história da imprensa negra no Brasil. Trata-se da revista *Tição*, publicada em Porto Alegre entre 1978 e 1980. De acordo com Silveira, o jornal tinha:

> Apresentação cuidada, boa diagramação e conteúdo envolvendo história, debate sobre racismo, questões sociais, políticas e culturais em geral, reafirmaram a possibilidade de uma imprensa negra vigorosa, renovada, séria e rica em abordagens, temas, profundidade (SILVEIRA, 2005, p.115).

Kössling[28] (2007, p.39) constatou a discussão da causa negra na imprensa alternativa na década de 1970, em publicações como a *Revista do Movimento Negro Unificado*, *Jornegro* e *Versus*, todas de São Paulo. A autora ressalta que sob o contexto de ditadura militar do período, o racismo e o preconceito de classe eram condenáveis, com pena de até três anos de prisão, com agravamento caso fosse encontrado prova material como panfletos, escritos, mídias impressas ou radiodifusão, conforme previsto na Lei da Imprensa de 09 de fevereiro de 1967.

Ao se referir à Imprensa Negra da década de 1980, Muniz Sodré destaca grande preocupação dos jornais em desmontar o mito da democracia racial e montar estratégias antirracistas (SODRÉ, 1999, p. 247). Já na década de 1990, como decorrência da Marcha Zumbi 300 anos[29], realizada em 1995, surge o Jornal *Ìrohìn*

---

[26] DOMINGUES, Petrônio. **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

[27] "No Brasil, o Movimento Negro intensificou-se na década de 1970, motivado pelo acompanhamento dos movimentos nos EUA, pelas lutas de libertação na África e por acontecimentos internos, como a repressão dos governos militares. Neste contexto, os movimentos negros utilizaram a questão da identidade étnica como instrumento de conscientização de um grupo diferenciado, conduzindo a percepção das desigualdades e carências em relação aos outros grupos, favorecendo a luta pela democracia. Em 1978, os movimentos negros se organizaram formando o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR). [...] A partir de então, o MNUCDR vem discutindo questões de valorização e respeito à cultura de origem africana no Brasil, conquistando direitos e denunciando ações de caráter racista no país. Algumas ações afirmativas passaram a ser realizadas por causa das lutas promovidas pelo movimento negro, tais como: a política de cotas em concursos e universidades públicos" (AHISTORIA, 2014).

[28] KÖSSLING, Karin Sant'Anna. **As lutas anti-racistas de afro-descendentes sob vigilância do DEOPS/SP (1964-1983)**. São Paulo: FFLCH-USP, 2007.

[29] "A primeira Marcha Zumbi contra o Racismo, pela Cidadania e pela Vida foi realizada no dia 20 de novembro de 1995. Cerca de 30 mil pessoas se reuniram em Brasília para denunciar a ausência de políticas públicas para a população negra. O ato marcou os 300 anos do assassinato de Zumbi, principal liderança do Quilombo dos Palmares, um território livre em Pernambuco que virou símbolo da resistência ao regime escravista e da consciência negra no país. Em reconhecimento à

com o objetivo de “informar à sociedade sobre assuntos não tratados pela grande imprensa e diretamente relacionados ao cotidiano da comunidade afro-descendente” (ROSA, 2014, p.565). *Ìrohin*, na língua yorubá, significa "notícia" e em seu projeto editorial, se propõe a dois objetivos:

> [...] articular as organizações do movimento negro para acompanhamento de políticas governamentais de promoção da comunidade afro-brasileira por meio da capacitação de lideranças negras para esse acompanhamento; e acompanhar a atuação do Congresso Nacional em assuntos diretamente relacionados aos direitos e promoção da comunidade afro-brasileira (ODARAXOS, 2011)[30].

Abdias Nascimento, em entrevista a um estudo de Rosa (2009), não economizou elogios ao se referir ao jornal: "Acho extraordinário o esforço daquela gente. Acho extraordinário porque é um jornal que tem peso [...] O *Ìrohin* entra na luta política mesmo e faz notícia para valer" (NASCIMENTO, 2009, In: ROSA, 2011, p, 71)[31].

De acordo com Gilmar Luiz de Carvalho[32], muitos estudiosos da Imprensa Negra concordam que os problemas financeiros gerados pelo elevado custo para manter um jornal motivaram a decadência do processo reivindicatório presente na imprensa negra (CARVALHO, 2009, p.174). Os periódicos eram consideravelmente efêmeros no sentido de que duravam poucas edições e também deve-se ressaltar que as tiragens eram geralmente pequenas. Ainda assim, Roger Bastide destacou que estas publicações são ainda importantes, pois propiciam a possibilidade de obter parâmetros acerca das representações coletivas, das necessidades comuns, das atitudes e dos sentimentos dos ativistas negros (BASTIDE, 1983, 129)[33]. Seguindo o mesmo raciocínio, Marcondes Filho (1986)[34] afirma que criar um jornal

---

importância de Zumbi, a data foi transformada em 1971 no Dia Nacional da Consciência Negra (JORGE, 2005)".

30 Publicado em < https://sites.google.com/site/odaraxos/utilidade/jornalirohin> em 23 de janeiro de 2011. Acesso em 19 de janeiro de 2014.

31 NASCIMENTO, Abdias. Entrevista concedida a Isabel Cristina Clavelin da Rosa. Rio de Janeiro, Brasil. 7 de novembro de 2009. In: ROSA, Isabel Cristina Clavelin da Rosa. **Racismo em Pauta** – A pluralidade confrontada no noticiário da Folha de S. Paulo na primeira década de 2000. Brasília: UnB, 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2009.

32 CARVALHO, Gilmar Luiz de. **A imprensa negra paulista entre 1915-1937:** características, mudanças e permanências. São Paulo: USP, 2009.

33 BASTIDE, Roger. **Estudos afro-brasileiros** - A imprensa negra do Estado de São Paulo. Perspectiva S.A.: São Paulo, 1983.

34 MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia** – Jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo. Ática, 1986.

equivale à garantia de uma inserção na esfera de poder do jornalismo, de participar da circulação de ideias em meio a uma esfera pública como integrantes de um jogo em que estão implícitas relações de valor, poder e *status*.

Na avaliação de Florestan Fernandes (1955)[35], a Imprensa Negra se destacou devido ao seu caráter de protesto diante da insatisfação resultante da relação entre negros e brancos dentro de um contexto de "acomodação das relações raciais". Na opinião do autor, a existência de veículos que difundiam o ideário da causa negra propiciou o surgimento de um movimento social reacionário às restrições que afetam os negros. Dentre os efeitos positivos do surgimento destes movimentos, podemos ver a formalização (pelo poder público e pela opinião pública) de garantias de igualdade política perante a lei e o surgimento de líderes e grupos no início de uma luta coletiva objetivando a elevação moral e intelectual do negro. Para Fernandes, a Imprensa Negra foi um canal encontrado para expressar essas reivindicações.

1.2 Apresentação do jornal *Quilombo*

Este trabalho contempla uma análise da edição fac-similar do jornal *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*; que é composta pelas edições de 1 a 10, publicadas entre 1948 e 1950, deste que é um dos mais importantes periódicos da Imprensa Negra da história brasileira. Editado pelos célebres militantes Abdias do Nascimento (1914-2011) e Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982), o jornal descreve o combate empreendido contra o racismo, em um momento histórico brasileiro de lutas pela consolidação das leis e das instituições democráticas, mostrando o ambiente político, cultural e social da mobilização antirracista. Como se poderá perceber, a publicação foi uma importante ferramenta pela afirmação, conscientizando sobre a vida, os problemas e aspirações do negro no Brasil no início da democracia contemporânea.

A edição fac-similar utilizada foi editada em 2003 pela Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo (USP) e conta com texto de apresentação co-escrito pelo editor e diretor do jornal, Abdias do Nascimento, e de sua esposa, também acadêmica e estudiosa das relações raciais, Elisa Larkin Nascimento. O texto de

[35] FERNANDES, Florestan. **A luta contra o preconceito de cor**. In FERNANDES, Florestan. BASTIDE, Roger. Inquérito UNESCO-Anhembi - Relações Raciais entre negro e brancos em São Paulo. Anhembi, São Paulo -SP, 1955.

apresentação busca uma contextualização sociohistórica a fim de reiterar o leitor acerca do cenário político que se perpassava na configuração do Estado brasileiro no período em que o jornal fora publicado. O Brasil passava por um momento de consolidação do regime de direito após a derrota do Estado Novo. Além disso, a votação da Constituinte de 1946 ainda repercutia no meio social. Deste modo, vale ressaltar que estamos tratando aqui de um momento de instituições e de uma democracia ainda muito recentes e frágeis na história sociopolítica brasileira.

Ainda nesta apresentação, percebemos os objetivos que norteavam as intenções do Teatro Experimental Negro (TEN), grupo responsável por editar e publicar o *Quilombo*. Nas palavras do próprio Abdias do Nascimento: "que o negro rompa o dique de resistências atuais com seu valor humano e cultural, dentro de um clima de legalidade democrática que assegura a todos os brasileiros igualdades de oportunidades e obrigações" (NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2003, p.7)[36].

O jornal contava também com um programa, que funcionava como uma espécie de contrato com os leitores. O *box* de uma coluna que ocupava meia página, resumia de forma sucinta e clara os objetivos da publicação. Os cinco tópicos foram publicados até a quinta edição do jornal junto ao expediente[37] e sua reprodução se mostra pertinente neste estudo:

> Nosso programa:
> Trabalhar pela valorização e valoração do negro brasileiro em todos os setores: social, cultural, educacional, político, econômico e artístico. Para atingir esse objetivo, o **QUILOMBO** propõe-se:
> **1- Colaborar na formação da consciência de que não existem raças superiores nem servidão natural, conforme nos ensina a teologia, a filosofia e a ciência;**
> **2 - esclarecer ao negro que a servidão significa um fenômeno histórico completamente superado, não devendo, por isso, constituir motivos para ódios ou ressentimentos e nem para inibições motivadas pela cor da epiderme que lhe recorda sempre o passado ignominioso;**
> **3 - lutar para que, enquanto não for tornado gratuito o ensino em todos os graus, sejam admitidos estudantes negros, como pensionistas do Estado, em todos estabelecimentos particulares de ensino secundário e superior do país, inclusive nos estabelecimentos militares.**

[36] NASCIMENTO, Abdias do. NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Apresentação**. In. **QUILOMBO**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

[37] Listagem dos nomes que compõem a equipe da redação, bem como as informações de contato do jornal e da editora.

> **4 - combater os preconceitos de cor e de raça e que as discriminações que por esses motivos se praticam, atentando contra a civilização cristã, as leis e a nossa constituição;**
> **5 - pleitear para que seja previsto e definido o crime da discriminação racial e de cor em nossos códigos, tal como se fez em alguns estados da Norte-America e na Constituição de Cuba de 1940** (QUILOMBO, 1948, p.3)[38]**.**

Márcio José de Macedo (2005, p.151)[39] chama atenção para o fato de o programa ser uma reprodução das reivindicações eleitas na Convenção Nacional do Negro, realizada em novembro de 1945 e da coluna "Problemas e Aspirações do Negro", publicada a partir de 1946 no *Diário Trabalhista*. De acordo com o pesquisador, nos itens 1 e 2, a mensagem está voltada para os próprios negros no sentido de que não há mais a necessidade de reconhecimento do público, seja ele branco ou negro, da existência do preconceito racial no Brasil. Os demais objetivos seriam de princípio reformista, mas não pelo enfrentamento do Estado, mas em busca de uma resolução do problema negro por meio do concílio das bases políticas, jurídicas, culturais e educacionais.

1.3 Características do jornal *Quilombo*

Figura 3 - Capa da edição fac-similar, 2003

[38] QUILOMBO. **Nosso programa**. Dezembro de 1948. In. **QUILOMBO**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

[39] MACEDO, Márcio José de. **Abdias do Nascimento:** a trajetória de um negro revoltado (1914 - 1968). São Paulo: USP, 2005.

As dez edições foram originalmente lançadas em formato tabloide entre o período que compreende dezembro de 1948 e julho de 1950, revelando duas características típicas da Imprensa Negra da primeira metade do século XX: a periodicidade pouco constante e a efemeridade.

Os principais idealizadores do projeto foram Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos, mas ao longo das edições foram se incorporando outros colaboradores como Aguinaldo de Oliveira Camargo, Wilson Tibério, Teodorico dos Santos e José Herbal, entre outros. Além disso, João Conceição tinha um papel importante no jornal: assinou quatro matérias e era responsável por fazer traduções de matérias do inglês para o português e vice--versa, tornando-se, posteriormente, correspondente do jornal *The Pittsburgh Courier* no Brasil. Havia ainda Maria Nascimento, que assinou um total de oito matérias e era responsável pela coluna "Fala a Mulher", dirigida ao público feminino.

Uma homenagem a um dos principais colaboradores do *Quilombo* foi publicada na segunda página da edição número 9, de maio de 1950, na sessão "Cartaz". No texto em questão, Abdias traz uma carinhosa biografia a Alberto Guerreiro Ramos, um importante colaborador do TEN o do Movimento Negro:

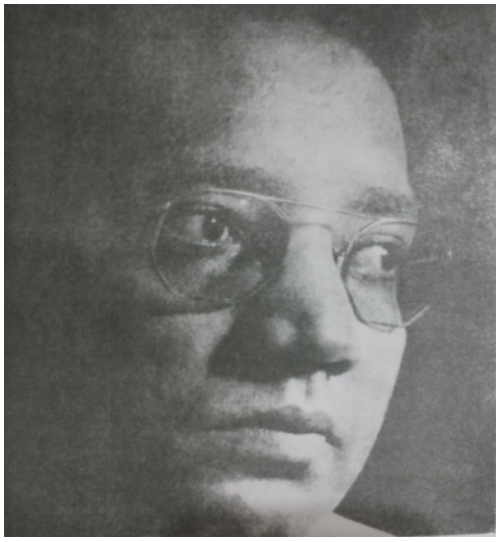
> Guerreiro Ramos é um tipo stendhaliano[40], uma natureza humana complexa em que os extremos se conciliam. Sua evolução cultural e espiritual tem sido uma espécie de contraponto. Espírito que ainda não se cansou de experiências, ainda inquieto e dividido como um adolescente, tem muitas vezes infundido suspeita aos que o conhecem superficialmente. Mas assim como no contraponto existe uma unidade temática, também na vida experimental de Guerreiro Ramos, tão rica de variações, existe uma coerência interna apreensível a quem observá-lo com simpatia. Ele é uma criatura de eleição e, por isto desconcertante para muitos. Visionário, parece um iniciado em não sei que eulesinos segredos, em não sei que inefável evangelho que lhe conferem comprovada capacidade de exorcisar o pânico e desconcertar ameaças, de como reza um dos seus poemas inéditos (Imago) "caminhar no universo no dorso de números familiares". Homem prático, é mestre de vida, um líder organizador, um hábil conciliador de interesses e antagonismos (QUILOMBO, 1950, p.2)[41].

[40] Referência ao francês Stendhal, autor do clássico *O Vermelho e o Negro*. Nota do autor.

[41] QUILOMBO. **Cartaz:** Guerreiro Ramos. Dezembro de 1950. In. **QUILOMBO**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

Ao longo das dez edições do jornal, Guerreiro Ramos assinou seis matérias: "Contatos Raciais no Brasil", "Uma experiência de Grupoterapia", "Apresentação da Grupoterapia, "Teoria e Prática do Psicodrama", "Teoria e Prática do Sociodrama e "Apresentação da Negritude".

Figura 4 - uerreiro Ramos. Acompanha o texto biográfico publicado na edição n°9 em maio de 1950.



Autores

Os editoriais, por sua vez, eram da autoria de Abdias Nascimento enquanto as outras matérias eram assinadas por um total de 56 autores intermitentes, a saber: Renato de Almeida; Carlos Drummond de Andrade; Francisco de Assis Barbosa; J. Barbosa; Orestes Barbosa; Lima Barreto; Roger Bastide; Georges Bataille; Efrain Tomás Bó; Braga Filho; José Brasil; Ralph Bunche; Edson Carneiro; Mauro de Carvalho; Waldemar das Chagas; George Chalaby; João Conceição; Osvaldo Conceição; Haroldo Costa; Di Cavalcanti; Katherine Dunham; Paulo Eleutério Filho; Estanislau Fischlowitz; Heitor Nunes Braga; Gilberto Freyre; J.S. Guimarães; W. Hardin Hughes; Nelson Hungria; Brasilio Itiberí; Péricles Leal; Orígenes Lessa; Jael de Oliveira Lima; Guiomar Ferreira de Matos; Joviano Severino de Melo; Murilo Mendes; Edmar Morel; Abdias do Nascimento; Bráulio do Nascimento; Maria Nascimento; Hamilton Nogueira; Cleo Novarro; Nestor R. Ortiz Oderigo; Eurico de Oliveira; Henrique Pongetti; Rachel de Queiroz; Arthur Ramos; Guerreiro Ramos; Joaquim Ribeiro; Ironides Rodrigues; Nelson Rodrigues; Daniel Rops; Jean-Paul

Sartre; George Schuyler; Paul Vanorden Shaw; Solano Trindade e D'Almeida Vitor (QUILOMBO, 2003, p.13-14)[42].

Colunas

Havia ainda colunas permanentes: *Livros*, *Tribuna Estudantil*, *Escolas de Samba*, *Cinema*, *Música*, *Rádio*, *Negros na História*, *Fala a Mulher*, *Pelourinho*, *Democracia Racial*, *Cartaz*, *Sociais*, *Close Up* e *Notícias do Teatro Experimental Negro*. Percebe-se um enquadramento das colunas Livros, Cinema, Música, Rádio e Notícias do Teatro Experimental Negro na modalidade de resenha, classificada por José Marques de Melo (1975, p. 130)[43] como um gênero jornalístico opinativo destinado a orientar o público na escolha dos bens culturais que circulam no mercado. Mais adiante, percebe-se características também da modalidade de resenha classificada por Fiorin e Saviolli (2011)[44] como a crítica, no sentido em que apreciações, notas e correlações são feitas ao longo dos textos publicados. As demais colunas se dividem entre ensaios autorais, pedagógicos e artigos opinativos, os quais, ainda sobre uma conceituação de José Marques de Melo (2003, *op. cit.*, 123), por se tratarem, na maioria dos casos, de contribuições espontâneas[45], mostram a atualidade e a opinião no posicionamento do articulista sobre a temática que está sendo debatida - no caso do *Quilombo* - a questão racial.

Campo jornalístico

A forte presença de conteúdo cultural no *Quilombo* revela ainda algumas propriedades de determinação do "campo jornalístico" em que a publicação se encontra. Estamos nos referindo aqui às diferentes intermediações entre os atores sociais que surgem nesta derivação, com escopo mais específico, do conceito de campo, que foi elaborado em um estudo consagrado de Pierre Bourdieu[46]. Nesta

---

[42] QUILOMBO: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

[43] MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo** - gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos de Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

[44] FIORIN, José Luiz; SAVIOLLI, Francisco Platão. **Para entender o texto:** leitura e redação. 17ed. São Paulo: Ática, 2007.

[45] Ainda que exista alguma espécie de compensação, uma colaboração espontânea significa que o autor não mantém um vínculo empregatício formal com o jornal, não sofrendo, portanto, pressões internas em relação ao conteúdo que está produzindo para a publicação.

[46] Em suma, "o campo, no seu conjunto, define-se como um sistema de desvio de níveis diferentes e nada, nem as instituições ou agentes, nem os atos ou nos discursos que eles produzem, têm

perspectiva, o jornalismo constituiu-se na oposição entre jornais que eram essencialmente informativos (grande imprensa) e os que emitiam, sobretudo, opinião (imprensa alternativa). Há ainda o agravante da influência do campo jornalístico sobre o campo cultural. Este é exercido por meio da intervenção de produtores culturais que se encontram em um campo incerto entre o jornalismo e alguma especialização – como a literária ou as artísticas. A ação desses "jornalistas-intelectuais", afirma Bourdieu, carrega em si uma grande responsabilidade, pois pode tanto tomar produtos de cultura média como obra de vanguarda, como subestimar obras de vanguarda em nome do bom senso (BOURDIEU, 1997, p.65-69)[47]. Portanto, se levarmos em conta essa dupla atuação do resenhador, apontada por Bourdieu, agindo ao mesmo tempo como produtor do conteúdo jornalístico e agente cultural, não é de se espantar que todas as resenhas coincidam em uma exaltação das peças e obras analisadas, uma vez que o jornal *Quilombo* tem um compromisso com a política de engajamento, que foi esclarecida desde o início, e não com um compromisso de imparcialidade ou distanciamento que se perceberia em um jornal tradicional.

Editoriais

Os editoriais, enquanto modalidade de jornalismo opinativo, e como defendem os estudos em Comunicação Social, devem expressar as opiniões oficiais e institucionais sobre os assuntos cotidianos defendidas pela organização que o jornal representa. Trata-se de um enunciado interno que revela o engajamento do autor. Se por um lado, autores como Patrick Charaudeau (2006, p.183)[48] afirmam que na imprensa tradicional, o posicionamento do editorialista deve ser distanciado, demonstrando ceticismo e marcado por uma argumentação ponderada, estudos sobre a imprensa alternativa demonstram que nesse tipo de publicação há espaço para o engajamento. Autores como Paulo Roberto Gonçalves Segundo acreditam que todo enunciado é visto como posicionado e atitudinal. O engajamento é,

---

sentido senão racionalmente, por meio do jogo das posições e das distinções" (BOURDIEU, 2003, p. 179).

47 BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão:** seguido de A Influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1997.

48 CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

portanto, o modo pela qual a voz autoral se posiciona em relação ao meio em seu redor (SEGUNDO, 2009, p.2116)[49].

O texto "Nós", assinado por Abdias do Nascimento, publicado em dezembro de 1948, ocupa toda uma coluna vertical da capa da edição de estreia do *Quilombo*. Este primeiro editorial procura reafirmar a denúncia da existência do racismo no Brasil e negar a tão difundida democracia racial. O tom de crítica do texto faz uma explicitação dos objetivos do grupo de intelectuais do TEN em criar um jornal voltado para o público negro: a denúncia do abandono da cultura e do pensamento dos afro-brasileiros, constantemente recalcados e ridicularizados pelos líderes do "branqueamento". Abdias Nascimento afirma que uma vez que não podemos mais falar em servidão e submissão do negro (ao menos não legalmente), há uma constante tentativa do grupo dominante em arrancar a autonomia política e econômica do negro.

Ao longo da argumentação, há uma descrição de um cenário político de demonstra algumas conquistas, mas que ainda tem muito a avançar. A exemplo: é celebrada a condenação da discriminação racial no Haiti, por meio da Conferência de São Francisco; temos a eleição do presidente Truman nos Estados Unidos, com ênfase na campanha pelos direitos humanos, inclusive dos negros; as primeira denúncias na Organização das Nações Unidas das práticas de segregação racial na África do Sul. O editor conclui a argumentação e a explicitação dos objetivos neste editorial ao afirmar:

> O nosso trabalho, o esforço de *Quilombo* é para que o negro rompa o dique das resistências atuais com seu valor humano e cultural, dentro de um clima de legalidade democrática que assegura a todos os brasileiros igualdade de oportunidades e obrigações (QUILOMBO, 1948, p.1[50]).

Em uma diagramação peculiar, o texto continua ao canto da página número 6, ainda na edição número 1, onde uma perspicaz provocação política pode passar quase despercebida aos olhos dos mais desatentos. Afirma o editor que os partidos

---

[49] SEGUNDO, Paulo Roberto Gonçalves. **Modalidade e engajamento em editoriais da imprensa paulistana de bairro**. Cadernos da CNLF, Vol XIII, n°4, p.2115-2127. Disponível em <http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/tomo_2/modalidade_e_engajamento_em_editoriais_da_imprensa_PAULO.pdf > Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

[50] NASCIMENTO, Abdias. **Nós**. 1948, p.1. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

políticos (não importa sua orientação ideológica) se aproveitam eleitoralmente do negro sem, no entanto, advogar uma política negra que, de fato, atenda às demandas dessa população.

Fala a mulher

Assinadas por Maria Nascimento, assistente social, primeira esposa de Abdias do Nascimento e uma das fundadoras do Teatro Experimental do Negro e do Jornal Quilombo, as matérias de "Fala a Mulher" eram especialmente direcionadas ao público e feminino e incorporava temáticas desse grupo. A coluna teve espaço fixo no jornal por seis edições e, à sétima publicação, virou "Escreve a mulher".

No primeiro texto, intitulado "Crianças racistas", publicado na edição número 1 de dezembro de 1948, antes de manifestar os argumentos centrais daquele texto em especial, Maria Nascimento explicita os objetivos da coluna dedicada às mulheres e a maneira como a qual ela pretendia interagir com as leitoras.

> DESTA coluna conversarei com as minhas patrícias de cor. Discutiremos nossos problemas, minhas patrícias, com a simplicidade de verdadeiras irmãs e amigas que se amam. E mesmo quando o debate se tornar por ventura mais acalorado, nunca deveremos perder a serenidade. Na maneira de falar e de agir revelamos condições de seres humanos ou procedimento inconsciente de irracionais. Vamos, pois, conversar e atuar como pessoas que só não estão mais integradas neste século de civilização e progresso por falta de oportunidades. Oportunidades que doravante lutaremos por conseguir (NASCIMENTO, 1948, p.8)[51].

Arquivo

A coluna "Arquivo" foi publicada nas primeiras seis edições do jornal e só retornou na nona edição. As matérias foram assinadas por Raquel de Queiroz, Origenes Lessa, Guerreiro Ramos, Daniel Rops, Geroge S. Schuyler e Di Cavalcanti. Não constituíam, no entanto, material inédito: a maioria dos textos já havia sido publicado em alguns jornais como *O Cruzeiro* e *O Globo*. A coluna mostra, sobretudo, as preocupações dos autores com os problemas raciais sofridos pelos negros no Brasil.

---

[51] NASCIMENTO, Maria. **Crianças racistas**. 1948, p.8. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

Na visão de Munanga e Gomes (2006, p.122)[52], trazer matérias de outros jornais para o *Quilombo* foi uma estratégia encontrada por Abdias Nascimento, junto à equipe editorial, com o objetivo de mostrar que a publicação não tratava de demandas isoladas, defendidas somente pelo *Quilombo*, mas sim pela sociedade em geral, representada por jornais também da grande imprensa. Na avaliação dos autores, outro diferencial é a sintonia com o mundo cultural e a influência de publicações de outros países.

Influência internacional

Nenhum outro representante da Imprensa Negra brasileira manteve um diálogo tão próximo com as experiências de publicações estrangeiras da maneira que o *Quilombo* fez. Além de elogios e da incitação da importância das revistas americanas *Our World* e *The Crisis* - e da francesa *Présence Africaine*, entre outras - o sinal mais evidente da influência vivida por *Quilombo* pela experiência estrangeira é a participação do jornalista americano George S. Schuyler, correspondente do jornal *The Pittsburgh Courrier*, cuja visita ao Brasil recebeu uma atenção especial nas páginas do *Quilombo*. Na edição número 5, um texto traduzido do inglês por João Conceição, ocupava a coluna "Arquivo". O texto reproduz um convite do jornalista George S. Schuyler aos estudantes de escolas superiores dos Estados Unidos que estudam línguas latinas a fazerem uma assinatura do *Quilombo*. Segundo um balanço do autor, há dezenas de milhares de universitários americanos que estudam línguas latinas e seria de extrema importância que esses estudantes tivessem contato com um jornal editado "por gente de cor para gente de cor". Um estudo de Vanessa Lima Cunha (2013, p.8) aponta que essa é uma tentativa ainda mais abrangente do projeto pedagógico inicialmente iniciado pelo TEN, uma vez que há uma tentativa de ampliar o público do jornal também para os falantes de línguas latinas em outro país e, dessa maneira, dar uma visibilidade internacional e buscar adeptos às questões abordadas.

Aspectos visuais

Segundo Petrônio Domingues (2008, p.264) o jornal *Quilombo* tinha uma boa composição gráfica para a época, com fotos, desenhos e ilustrações, etc.

[52] MUNANGA, Kabengele; Gomes Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Ação Educativa, 2006.

intercaladas aos textos. Levando em consideração os recursos não textuais utilizados pelos meios impressos, Peregrino (1991, p.45)[53] considera fundamental perceber a fotografia na imprensa como uma mensagem que se constitui em uma rede tecida pelas condições de engendramento de um discurso em ação constante na superfície da imagem. Sob essa perspectiva, empreende-se que o significado de uma fotografia ou ilustração começa pela emissão de uma imagem, mas continua na circulação e se completa na concepção para compreender que o uso de recursos imagéticos tem a força de carregar simbolismos e conotar interpretações.

Para Ivan Lima (1998, p.17)[54], a fotografia utilizada na imprensa tem caráter predominantemente informativo, no entanto, "qualquer notícia acompanhada de uma fotografia desperta mais o interesse do que outra notícia sem imagem". Compreende-se então que essa premissa informativa pode também ter uma função conativa, se tornando mais atrativa para os leitores. Na primeira edição do jornal *Quilombo*, por exemplo, a matéria assinada por Edison Carneiro, com o título "Como se desenrola uma festa de Candomblé", seria capaz, somente com elementos textuais, de construir um cenário bem ilustrativo de como são realizadas tais celebrações religiosas. No entanto, por meio de uma ilustração (Figura 5) e duas fotografias (Figuras 6 e 7), o leitor é instruído de maneira bem mais didática e pode ter uma interpretação mais rica da mensagem transmitida. Em outras palavras, o leitor seria capaz de compreender melhor como se realiza uma festa de Candomblé.

[53] PEREGRINO, Nadja. **Cruzeiro**: A revolução da fotorreportagem. Rio de Janeiro:Dazibao, 1991.
[54] LIMA, Ivan. **A fotografia e sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

Figura 5 - Candomblé da Baia num desenho de Paul OF, vendo-se ao centro o "santo" Xangô.

Fonte: Quilombo

Figura 6 – Sincretismo religioso: altar de Yemanjá - candomblé da Baia - vendo-se à esquerda a santa correspondente ao catolicismo, N. S. do Rosário

Fonte: Quilombo

Figura 7 - A orquestra sendo cumprimentada por um "santo" na casa de Mãe Joana - Xangô de Recife.

Fonte: Quilombo

Na visão de Ivan Lima, a foto nos meios impressos se apresenta para o leitor como um testemunho fidedigno e transparente do que é reportado, exprimindo a literalidade das coisas. Porém, conforme Roland Barthes (1990, p.25)[55] ressalta, a complexidade da leitura de uma mensagem fotográfica está mais diretamente ligada ao repertório pessoal de cada leitor - quanto mais rico o seu repertório, mais crítica será a sua leitura - contribuindo para uma melhor compreensão do acontecimento.

No início dos anos 60, Pierre Bourdieu escreveu o livro *Un art moyen: essais sur les usages sociaux de la photographie* (em tradução livre: os usos sociais da fotografia) em que trazia à tona a fotografia como meio de integração social e como uma forma de ajudar a compreender os papeis dentro de uma sociedade. Em outras palavras, a maneira como uma sociedade cria por meio das imagens uma imagem de si própria, representando um cotidiano e ritos sociais. (PERSICHETTI, 2008, p.208)[56]. Seguindo a mesma linha, vem o discurso de José Martins de Souza em Sociologia da Fotografia e da Imagem, lançado em 2008, fazendo da fotografia uma representação de imaginários socialmente partilhados.

[55] BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
[56] PERSICHETI, Simonetta. **Documento do Imaginário Social**. In Discursos Fotográficos, Londrina v4, n5, p.207-210, jul/dez 2008.

> Para Martins, seguindo Durkheim, o homem comum é incapaz de interpretar conscientemente as relações sociais, assim como a situação de que participa. A "anomia", conceito durkheimiano, atesta o momento de abstração, de desencontro entre a consciência social desse homem e as realidades sociais nas quais se insere. Por isso, para Martins, a fotografia, muito mais do que a palavra (ou a palavra positivada), e contra a ideia de verossimilhança em que normalmente vem embalada, é instrumento capaz de tornar visíveis esses desencontros, de pôr em evidência os descompassos ou os momentos de separação da referida consciência (BAGOLIN, REIS, 2009)[57].

Figura 8 - Capa da 3° edição.

Fonte: Quilombo.

Se nas primeiras edições a fotografia tinha um papel ilustrativo e quase coadjuvante nas matérias do Quilombo, sua participação teve uma representatividade crescente ao decorrer das edições do jornal, sobretudo na capa. A foto de capa da edição 3, talvez a mais conhecida, chama a atenção pela falta de conteúdo textual lhe acompanhando, funcionando como o ponto central da capa de apresentação do periódico.

[57] BAGOLIN, Luis Armando; REIS, Magali dos. **José de Souza Martins, Sociologia da Fotografia e da Imagem**. Tempo Social. Vol 21, n1, São Paulo, 2009.

2 MOVIMENTOS NEGROS NO BRASIL

A partir da abolição da escravatura, surgiram diversos movimentos negros organizados com diferentes finalidades: recreativas, esportivas, educativas, culturais, artísticas, religiosas e políticas. A título de ilustração e relevância para a análise do jornal *Quilombo*, vamos perpassar neste capítulo pela história de dois desses movimentos organizados: a Frente Negra Brasileira (FNB) e o Teatro Experimental Negro (TEN). A Frente foi escolhida devido ao pioneirismo e importância na história do Movimento Negro do Brasil e o TEN pelo fato de, ao lado do *Quilombo*, representar um dos principais projetos de transformação social do grupo e de seu intelectual mentor, Abdias Nascimento.

2.1 Frente Negra Brasileira

O Movimento Social Negro esteve como pano de fundo das publicações que formam a chamada Imprensa Negra, comentada no tópico anterior. Segundo Luiz Alberto de Oliveira Gonçalves (1998, p. 45)[58], ao longo do século XX, a luta antirracista assume uma dimensão pública e emerge o protesto racial, primeiramente em São Paulo e, posteriormente, em outros estados do país. Nota-se a criação de organizações com base na identidade étnica.

No entanto, esses movimentos enfrentaram muitos desafios em sua criação e atuação. Jacques d'Adesky (2001, p.179-186)[59] elencou os principais obstáculos do Movimento Negro:

- o contexto histórico (que encaminha a luta contra o racismo a uma saída de reivindicação e diálogo com órgãos do Estado);
- antagonismos internos (de uma corrente moderada e uma radical);
- fatores econômicos e políticos (baixa participação de negros nas instâncias partidárias e a inexistência do voto étnico);
- a desmobilização das massas (ausência de lideranças reconhecidas pela falta de uma organização estruturada e influente nas esferas legislativa e judiciária);
- pouco acesso à cultura (pela baixa escolarização e hegemonia da cultura eurocêntrica);

---

[58] Gonçalves, Luiz Alberto de Oliveira. **Os movimentos negros no Brasil** - Construindo atores sociopolíticos. Revista Brasileira de Educação (set-dez 1998).

[59] D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo**. Racismo e anti-racismos no Brasil. Palla. Rio de Janeiro,2001.

- o ideal do branqueamento, o mito da democracia racial, aliados à inexistência de um sistema institucional explícito de segregação racial;

Um dos principais exemplos de representatividade do Movimento Negro que se tem conhecimento é a Frente Negra Brasileira, fundada em 16 de setembro de 1931. Movimento político de massa surgido a partir da Imprensa Negra tem como pano de fundo um cenário que combina uma pós-crise econômica, em âmbito mundial, com a então recente quebra na Bolsa de Nova Iorque e, em um escopo nacional, com o início da Era Vargas, caracterizado pelo autoritarismo (OLIVEIRA; SILVA, 2012, p.18)[60].

A Frente Negra foi considerada a organização de afirmação mais atuante no período em que existiu, protestando contra a discriminação racial na economia industrializada e no comércio. Os ideais do movimento de massa se espalharam por vários territórios brasileiros denunciando a exclusão do negro no acesso ao emprego e ao sistema de ensino, bem como em cinemas, teatros, hoteis, restaurantes e outros espaços de socialização (NASCIMENTO, 2003, p.231-232).

A socióloga e psicanalista Virgínia Leone Bicudo, estudiosa das relações raciais no Brasil entre as décadas 1940 e 1950, considera a Frente Negra Brasileira um movimento social nacionalista articulado em torno de um sentimento de opressão, voltado contra um opressor real. Segundo a autora, a atuação de associações negras em São Paulo eram uma evidência racismo. A autora destaca em suas pesquisas na tese "Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo", de 1945, que a atuação da FNB aproxima o Brasil à realidade norte-americana da época. Podemos citar, por exemplo, a situação de Chicago, onde os estudantes das relações raciais tinham que frequentar entidades como a *Chicago Urban League*, importante centro associativo, co-fundado pelo sociólogo americano Robert Park. A *Chicago Urban League*, compara a autora, serviu como laboratório para a ideia de assimilação de Robert Park, pois ele via e estimulava nela o comprometimento com a educação, a entrada no mercado de trabalho e o ajustamento dos negros. Da mesma maneira, Virgínia conceituava a Frente Negra Brasileira, também como um laboratório de assimilação, determinada pelas atitudes

[60] OLIVEIRA, Célia Regina Pereira de; SILVA, Nayara Cristina Freitas da. **Jornal *Quilombo*: fonte histórica de mobilização étnica**. Universidade Estadual de Goiás - Porangatu: Goiás, 2012.

positivas dos associados, e não pelos antagonismos entre negros e brancos (GOMES, 2013, p.103)[61].

Segundo Virgínia Bicudo, ainda, a criação de organizações políticas negras autônomas, como a FNB, em reação ao racismo, fundamentaria a hipótese da existência da discriminação racial no Brasil: "as atitudes dos pretos e mulatos referente à cor reciprocamente fundamentam a hipótese positiva quanto à existência da discriminação de cor do branco para o negro" (BICUDO, 1945, p. 58)[62].

Dentro deste contexto, Florestan Fernandes (1965, p.380-390)[63] observa que os Movimentos Negros entram em um patamar em que a ideologia negra manifesta-se na afirmação do negro mesmo em momentos mais adversos. O jornal *Quilombo*, que analisamos durante esta pesquisa, por exemplo, foi veiculado em um período em que o Brasil ainda sofria influência do longo período de ditadura sob o comando de Getúlio Vargas, época em que as instituições e garantias democráticas ainda eram muito frágeis. Para Fernandes, o Movimento Negro foi capaz de abranger as figuras mais expressivas que surgiram nos movimentos reivindicatórios, com indícios de amadurecimento por uma perspectiva mais integradora e multidimensional do problema negro. De acordo com o autor, observa-se a adoção de modelos democráticos e pluralistas de atuação social organizada e do surgimento de soluções institucionalmente mais elaboradas para os problemas denunciados.

A Frente Negra foi reconhecidamente o mais amplo movimento negro brasileiro, ainda que diversas associações tenham sido fundadas em São Paulo em um período anterior a 1930. Em sua tese de doutorado, Laiana Lannes de Oliveira (2008, p.9), ressaltou que essas outras organizações tinham um caráter majoritariamente recreativo e beneficente, com o objetivo de atender a demandas mais urgentes da população negra. O Movimento Negro e a Imprensa Negra, como vimos até o momento, focavam-se no incentivo à valorização racial e na desmistificação da convivência harmoniosa entre as raças no Brasil. Ainda hoje é assim, o Movimento Negro organizado como um movimento social tem como particularidade a atuação em relação à questão racial. Sua formação é complexa e engloba o conjunto de entidades, organizações e indivíduos que lutam contra o

---

[61] GOMES, Janaína Damaceno. **Os segredos de Virgínia:** estudos de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955). USP - São Paulo, 2013.

[62] BICUDO, Virgínia Leone. **Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. Dissertação de Mestrado. Escola Livre de Sociologia e Política. São Paulo- SP, 1945.

[63] FERNANDES, Florestan. **A integração do negro à sociedade de classes**. Centro Brasileiro de pesquisas educacionais. MEC: Rio de Janeiro, 1965.

racismo e por melhores condições de vida para a população negra, seja por meio de práticas culturais, de estratégias políticas, de iniciativas educacionais, etc (PEREIRA, 2011, p.26)[64].

Ao longo da obra "A integração do negro na sociedade de classes", Florestan Fernandes (1965, p.380-390), trata o movimento negro como uma "vanguarda intransigente do radicalismo liberal" e se concentrava na exigência do fim das barreiras sociais que impossibilitavam a ascensão social do negro. Nesta mesma perspectiva, Roger Bastide (1983, p.129) afirma que o Movimento Negro, junto à imprensa alternativa negra, tinha a função de agrupar homens negros e dar-lhes senso de solidariedade, colaborando uns com os outros na luta contra o complexo de inferioridade.

O surgimento do Movimento Negro se dá em um contexto em que se refletiam o estado de abandono e descaso vividos pelos negros no período pós-abolicionista. Ao contrário do que pregavam as ideologias racistas, as dificuldades do negro em ascender socialmente não eram um reflexo de uma inferioridade genética e hereditária mas, conforme interpretação de José Correia Leite - importante liderança que atuou dos anos 20 até à década de 1980 - em seu livro de memórias, destaca que o negro foi na verdade vítima de um extremo desamparo e caiu na marginalidade, após três séculos de escravidão (LEITE, 1982, p.81)[65].

Regina Pahim Pinto (1993, p.84)[66] computa que até o fim da Frente Negra Brasileira, em 1937, em decorrência do Estado Novo, houve 123 associações negras apenas na cidade de São Paulo, sem incluir as essencialmente carnavalescas e esportivas. Já Petrônio Domingues (2004)[67] contabiliza 85 entidades na cidade de São Paulo, no período entre 1897 e 1930. Eram grêmios recreativos, dramáticos e literários, entidades de caráter beneficentes, clubes dançantes e cordões carnavalescos. Na avaliação de Oliveira (2008, p.11-12),

---

[64] PEREIRA, Amilcar Araujo**. A Lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela "reavaliação do papel do negro na histório do Brasil".** Cadernos de História v1 n17 p.25-45, 2011.

[65] LEITE, José Correia. **...E disse o velho militante José Correia Leite**. SILVA, Luiz (Org.). São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

[66] PINTO, Regina Pahim. **O movimento negro em São Paulo:** luta e identidade. São Paulo: FFLCH-USP, 1993.

[67] DOMINGUES, Petrônio José. **Uma história não contada:** negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Ed. Senac, 2004.

> Essas instituições possuíam atividades voltadas para a assistência social, a educação e a cultura. [...] Embora as atividades apresentassem um caráter majoritariamente recreativo, relacionavam-se diretamente com a questão racial, na medida que buscavam elementos históricos de significâncias na trajetória do negro brasileiro. Além disso, a prática associativa, criava laços de solidariedade, estimulava padrões comportamentais e desenvolvia elementos coletivos de identificação.

Em outubro de 1926, foi fundado o Centro Cívico de Palmares (CCP), que reunia a "nata" dos intelectuais negros paulistanos e era reconhecido não somente no meio negro mas também em outros segmentos das sociedade paulistana. A forma de atuação do CCP foi sempre marcada pela cordialidade, não pelo enfrentamento (OLIVEIRA, 2008, p.14). O centro fechou as portas em março de 1929 devido a disputas entre as lideranças internas e suspeitas de desvios de recursos, mas não sem reações de muitas lideranças que depositavam ali as esperanças de reverter a difícil situação do negro. Um grupo liderado por Ignácio Amorim reabriu o Centro alguns meses mais tarde, mas deixando-se perceber um visível enfraquecimento da luta. A nova sede passou a realizar somente atividades recreativas, aproximando-se mais a outras associações negras já existentes (OLIVEIRA, *op. cit.*, p.15).

Quanto à estrutura e organização, os dados sobre o número exato de associados à FNB são divergentes:

> Três meses após a fundação, Isaltino dos Santos - secretário geral - anunciava cerca de 22.000 sócios (capital e interior). Segundo informa Domingues[68], em um ofício encaminhado em um interventor federal de São Paulo, em maio de 1932, a FNB informava possuir, apenas na capital, 15.000 associados. Em novembro do mesmo ano, Arlindo Veiga dos Santos - o presidente - anunciava em um órgão de imprensa a existência de 50.000 sócios. No ano de 1935, A Voz da Raça divulga que a FNB contava com mais de 100.000 associados em todo o território nacional. Florestan Fernandes, em seu livro[69], chega a trabalhar com a estimativa de 200.000 sócios (OLIVEIRA, *op.cit.,* p.28).

A divisão em departamentos dentro da FNB também revelava que o movimento não se limitava a discursos, mas transcendia em ações e valorizava a educação como fator crucial. O Departamento de Instrução e Cultura contava com um curso de alfabetização para adultos e do Liceu Palmares, que ministrava o

[68] Petrônio José Domingues, autor de "A nova abolição". Nota do autor.
[69] "A integração do negro na sociedade de classes". Nota do autor.

ensino primário e ginasial, mesmo para os não-membros e brancos. O Departamento Musical ensinava os associados a tocar instrumentos musicais e também contava com um grupo performático chamado *Regional Frentenegrino*, sob a direção de Aristide Teixeira. O Departamento Esportivo contava com times organizados, como o *Frentenegrino Futebol Clube*, além das aulas de ginásticas e competições esportivas. O Departamento de Artes e Ofício oferecia cursos de arte e pintura e profissionalizantes como marcenaria, ornamentação, cabeleireiro, etc. O Departamento Dramático oferecia cursos de teatro para crianças e adultos. Várias peças foram montadas pelos frentenegrinos com as temáticas negra e nacional. Um dos principais autores foi Isaltino Veiga, que viria, posteriormente a participar do Teatro Experimental Negro (TEN). O Departamento Médico também era responsável pela realização de convênios para os associados, propiciando atendimento em diversas especializações. No tocante à saúde, os membros da FNB também contavam com um gabinete dentário montado na própria sede. Além disso, o Departamento de Imprensa era responsável pela publicação do jornal *Voz da Raça*, importante divulgador do projeto ideológico e político da FNB. Por fim, o Departamento Jurídico-Social tratava de queixas que envolviam questões trabalhistas, violações dos direitos civis e discriminação racial. Os advogados acolhiam as denúncias e defendiam os direitos dos associados. Além desses departamentos, a Frente ainda contava com uma biblioteca, uma comissão para a realização de eventos (Comissão de Moços), um grupo responsável pela manutenção física da sede (Departamento da Boa Vontade) e um bar em suas dependências (OLIVEIRA, o*p.cit*, p.33-36).

Andreas Hofbauer, no estudo "Uma história de branqueamento ou o negro em questão", afirma que a FNB era uma organização bem estruturada que, além da sede, contava com núcleos locais, transformando-se rapidamente em um movimento supra-regional. Na avaliação do autor:

> O objetivo político principal da FNB era lutar por uma situação econômica melhor para seu grupo. As estratégias políticas que deveriam possibilitar esse projeto eram permeadas pelas convicções ideológicas dos líderes e, além disso, traziam as marcas profundas das concepções de cultura e de raça assumidas pela organização. Subentendia-se a cultura como um processo histórico cumulativo que garantiria o progresso da humanidade (HOFBAUER, 2006, p.252)[70].

A FNB contava até mesmo com um Estatuto cujos artigos iniciais não eram muitos diferentes dos objetivos explicitados no jornal Quilombo (e reproduzidos no primeiro capítulo desta dissertação):

> **Estatutos da Frente Negra Brasileira**
> Os Estatutos, que foram publicados no Diário Oficial e registrados em 4 de novembro de 1931, ficaram assim redigidos:
> "Art.1° - Fica fundada nesta cidade de S. Paulo, para se irradiar por todo o Brasil, a Frente Negra Brasileira, união política e social da Gente Negra Nacional, para afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude da sua atividade material e moral no passado e para reivindicação de seus direitos sociais e políticos, atuais, na Comunhão Brasileira".
> "Art.2° - Podem pertencer à Frente Negra Brasileira todos os membros da Gente Negra Brasileira de ambos os sexos, uma vez capazes, segundo a lei básica nacional".
> "Art 3° - A Frente Negra Brasileira, como força social, visa a elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional e física; assistência, proteção e defesa social, jurídica, econômica e do trabalho da Gente Negra" (CUTI, 2007, p.95).

Em 1936, a FNB transformou-se em partido político, assumindo um papel de representatividade das reivindicações negras no cenário político nacional. Nessa fase, a Frente chegou a ter alguns pedidos atendidos como a autorização de negros da Guarda Civil de São Paulo, garantindo uma credibilidade política ao partido. Em 1938, em um contexto de autoritarismo no Estado Novo, o partido político FNB foi fechado, uma vez que, em um momento de grande centralização estatal, todas atividades políticas foram proibidas (OLIVEIRA; SILVA, 2012, p.21-22).

Em conclusão, ainda que se tenha conhecimento de diversas associações organizadas por negros, prioritariamente voltadas para o público negro, desde a abolição, estas eram majoritariamente esportivas ou carnavalescas, podendo, portanto, a Frente Negra Brasileira ser reconhecida como a pioneira e mais

[70] HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o Negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

expressiva manifestação do Movimento Negro no tocante à conscientização e denúncia da discriminação e das desigualdades raciais. Mais importante ainda, segundo Abdias do Nascimento (1997, p.56)[71]: "O espírito da Frente Negra e das demais organizações dos anos 30 estaria presente na criação do Teatro Experimental Negro, que fundei no Rio de Janeiro, em meados da década seguinte".

2.2 Teatro Experimental Negro (TEN)

Em uma passagem pelo Brasil em 1979, quando estava "auto-exilado", Abdias do Nascimento deu um depoimento sobre a origem do Teatro Experimental do Negro (TEN) ao Serviço Nacional do Teatro.

> O cenário era o Teatro Municipal de Lima, no Peru, em 1941. Abdias do Nascimento viajava com seu grupo artístico Santa Hermandad Orquídea criado onze anos antes com seus amigos poetas. Em cena, um ator peruano dava vida ao Imperador Jones, personagem-título da obra de Eugene O'Neill. A peça era mais uma dentre tantas programações culturais que o grupo desfrutava em sua viagem pela América do Sul, mas um detalhe da apresentação chamou a atenção: o personagem da história, que era negro, era interpretado por um ator pintado de preto. Esta realidade não era muito diferente na dramaturgia brasileira, onde os autores escreviam para um teatro de público predominantemente branco. Aos atores negros, restavam os papéis brejeiros, caricatos e muitas vezes com conotação pejorativa. Abdias entendia que isso se tratava de reflexos de uma sociedade que insistia em negar sua face racista. E foi com a vontade de fazer um teatro que protagonizasse a figura do negro que ele criou, em 1944, o Teatro Experimental do Negro (TEN) (MOREIRA, 2015)[72].

Pouco tempo depois, Abdias conta que fora à São Paulo com o objetivo de começar uma empresa de extração de borracha (aplicando os conhecimentos que obteve em suas viagens pela Amazônia). Mas o empreendimento incorreu em um insucesso. Em seguida, devido a uma pena disciplinar do Exército (julgada posteriormente como injusta), fora preso em São Paulo. Foi quando ele fundou o Teatro do Sentenciado. Nas atividades do grupo, os presos escreviam e atuavam nas peças dirigidas por Abdias do Nascimento, com o apoio do diretor do presídio:

---

[71] NASCIMENTO, Abdias. **Pronunciamentos**: Frente Negra Brasileira. In. **Thoth**/Escriba dos deuses - informe restrito do gabinete do senador Abdias Nascimento. Set/Dez - 1997. Brasília: Gabinete do Senador Abdias Nascimento, 1997.

[72] MOREIRA, Mariana. **O Teatro Experimental do Negro de Abdias Nascimento**. Disponível em < http://www.afreaka.com.br/notas/o-teatro-experimental-negro-de-abdias-nascimento/> Acesso em 4 de abril de 2015.

Flamínio Favero. Abdias relata que os guardas do presídio compunham a plateia junto aos outros detentos. Abdias foi solto três anos depois, quando o Supremo Tribunal Federal o considerou inocente. Abdias se mudou então para o Rio de Janeiro, para onde carregava a experiência do Teatro Experimental do Sentenciado (SEMOG; NASCIMENTO, 2006, p.118-129).

O Teatro Experimental Negro foi fundado em 13 de outubro de 1944, no Rio de Janeiro, quando Abdias tinha 30 anos. Para isso, se aproximou e contou com a colaboração de intelectuais de São Paulo: Agnaldo de Oliveira Camargo, que era agrônomo e advogado; Sebastião Rodrigues Alves, velho amigo de Abdias do Nascimento; o pintor Wilson Tibério, entre outros. O grupo, a princípio não tinha recursos e contou em um primeiro momento com apoio do escritor Aníbal Machado e, na sequência, do jornalista Carlos Lacerda.

Figura 9 - Teatro Experimental do Negro[73]

O anúncio da criação do TEN se deu em uma conversa com o diplomata e escritor teatral Paschoal Carlos Magno, quando debatiam sobre a necessidade de um grupo de teatro negro. Passaram então a funcionar na sede a União Nacional dos Estudantes (UNE). Paschoal tinha na época a intenção de montar uma peça chamada "Palmares", da poetiza Estela Leonardos e ganhou prontamente a

[73] Fonte: http://www.afreaka.com.br/notas/o-teatro-experimental-negro-de-abdias-nascimento/. Acesso em 22 de janeiro de 2015.

colaboração do TEN. Segundo Abdias Nascimento, devido a isso, Paschoal chegou a se intitular fundador do Teatro Experimental do Negro, fato que Abdias encara com bom humor em seus depoimentos:

> Aliás, em relação à Fundação do Teatro Experimental do Negro, se poderia escrever um verdadeiro anedotário. Uma vez, eu passando pela Lapa, há muito tempo - era um tempo de propaganda eleitoral -, então, aquela gente estava ali deitada, debaixo de umas cobertas, suja e bêbada, eu escutei aquilo "Eh, eh, Abdias, vem cá... você não lembra mais de mim?!... Eu fundei o Teatro Negro e você depois apareceu lá..." Ou seja: a mesma coisa que o Paschoal falou um negro bêbado deitado na lapa falou (SEMOG; NASCIMENTO, 2007, p.121).

Elisa Larkin Nascimento afirma que o negro antes era sempre colocado em posição de inferioridade e o TEN veio para criticar essa realidade. Em uma entrevista ao jornal *Lampião*, Abdias afirmou que o grupo escolheu o teatro como forma de expressão porque tinha o objetivo de mudar os critérios estéticos, pois, antigamente, quando uma peça obrigava a presença de uma figura negra, costumava-se pintar a pele de um ator branco (SEMOG; NASCIMENTO, Op. Cit., p.126).

> As peças apresentadas naqueles palcos refletiam exclusivamente a vida, os costumes, a estética, as ideias, em suma, todo o meio social e cultural de uma sociedade dominante que era branca; como se metade da população do País, que é de origem africana, não existisse. Quando um ator ou atriz de origem africana tinha a oportunidade de subir ao palco, era invariavelmente para desempenhar um papel exótico, grotesco ou subalterno - um dos muitos estereótipos dos negros, destituídos de humanidade, tal como o das sorridentes e belas empregadas domésticas facilmente acessíveis em termos sexuais; o moleque mostrando os dentes, com um limitado repertório de momices e palhaçadas; a Preta Velha em seus lamentos ou gargalhadas, ou então o domesticado Pai Tomás (NASCIMENTO, 1998, p.212)[74].

A representatividade de Abdias Nascimento, um exímio defensor do negro e promotor da ação afrodescendente na sociedade brasileira é de extrema importância para a elaboração desta análise. Nascido em 14 de março de 1914 em Franca, interior de São Paulo, Abdias Nascimento atuou como jornalista, artista plástico, escritor, poeta, dramaturgo, professor, pesquisador, economista, político e militante

[74] NASCIMENTO, Abdias. **Teatro Negro Brasileiro no Festac 77**: uma notável ausência. In. NASCIMENTO, Abdias. **Thoth**/ Escriba dos deuses - informe de distribuição restrita do senador Abdias Nascimento. Jan/Abril 1998. Brasília: Gabinete do Senador Abdias Nascimento, 1998.

dos movimentos negros. Sua carreira como ativista começou com a participação na Frente Negra Brasileira, no começo da década de 1930, e com a fundação do Teatro Experimental Negro (TEN) em 1944. Entre suas realizações mais importantes estão a fundação do jornal *Quilombo* em 1948, a realização da I Congresso Brasileiro Negro e a organização do Museu da Arte Negra (MAN), ambos em 1950 (OLIVEIRA; SILVA, 2012, p.22 e 23).

Figura 10 - Abdias Nascimento[75]

Em sua formação educacional, Abdias concluiu o curso de contabilidade em 1929, antes de se mudar para São Paulo. Atuou como militar mas, conforme seus próprios depoimentos, na luta contra o racismo, foi preso várias vezes, até ser finalmente expulso do Exército. Mudou-se para o Rio de Janeiro, lugar onde concluiu o curso de ciências econômicas na Universidade do Rio de Janeiro. Abdias Nascimento fez pós-graduação no ISEB e ficou a frente do TEN até 1968, quando o grupo foi fechado pelo regime militar. A exemplo de muitos outros intelectuais da época se exilou nos Estados Unidos, como professor da Universidade de Yale e na Universidade de Nova York. Ao longo de sua carreira acadêmica, foi professor visitante na Universidade de Temple (Filadélfia) e na Universidade de Ifé (Nigéria), nunca conseguindo, portanto, lecionar no Brasil. Ao retornar para o país, retomou as atividades de militância com a fundação do Movimento Negro Unificado e, no final da década de 1970, com a filiação ao PDT (OLIVEIRA; Op.Cit. p.136).

[75] Fonte: Google Imagens. Data de acesso: 22 de dezembro de 2014.

Na participação política, atuou como Deputado Federal entre os anos de 1983 e 1986 lutando pela garantia à população negra de exercer seus direitos de cidadão. Nesta época, defendeu projetos de lei que previam o enquadramento do racismo como crime contra a humanidade e a disposição de ações compensatórias em benefício ao negro, mediante o passado histórico de exclusão e discriminação no país. Essas propostas, que eram previstas desde a elaboração do programa *Quilombo,* só viriam a se consolidar anos mais tarde com o enrijecimento das penas contra o crime de racismo e com a implantação do sistema de cotas nas universidades públicas brasileiras em 2002. Durante a atuação como senador (que se deu em duas ocasiões, nos períodos de 1991-1992 e 1997-1999, ambos pelo PDT), Abdias Nascimento criou as revistas *THOT/Escriba dos deuses* e a *Sanfona*, visando o resgate da memória e do pensamento dos povos africanos, mais uma vez mostrando o espírito vanguardista do ativista (OLIVEIRA; SILVA, p.22-25).

Entre 1991 e 1997 ocupou várias vezes a cadeira do senador Darcy Ribeiro, enquanto suplente, até a morte do titular, em 1997. De 1999 a 2000 ocupa o cargo de Secretário Estadual de Direitos Humanos e da Cidadania (OLIVEIRA, p.137). Recebeu uma indicação ao Prêmio Nobel da Paz em 2010 pelo trabalho como o primeiro deputado a lutar pelos afrodescendentes. Abdias morreu aos 97 anos no dia 24 de maio de 2011 (FOLHA/UOL, 2011)[76].

O jornalista Claudio Leal, em sua coluna no Portal Terra Magazine, ao noticiar a morte de Abdias Nascimento, lembra que um dos mais célebres nomes do teatro brasileiro, Nelson Rodrigues, já referiu a Abdias como "o único negro brasileiro":

> O único negro brasileiro. Pois não. Abdias Nascimento surgia nas crônicas hiperbólicas de Nelson Rodrigues como um militante irredutível, capaz de esfregar "a cor na cara de todo mundo", numa solitária consciência racial. "Não conte com o Brasil, não conte com o brasileiro", desaconselhou Nelson, ao vê-lo colher apoio para um movimento contra o *apartheid* na África do Sul, em 1968. "Somos não sei quantos milhões!" reagiu Abdias. Naquele tom de espírito de porco, mas comprometido com o incipiente movimento negro, o dramaturgo enunciou o óbvio ululante: "Abdias, só há um negro, que é você mesmo. Não milhões, você, Abdias, só você" (LEAL, 2011)[77].

[76] FOLHA/UOL. **Leia texto de Abdias do Nascimento sobre o jornal "Quilombo"**. 24 de maio de 2011. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/920231-leia-texto-de-abdias-do-nascimento-sobre-o-jornal-quilombo.shtml> Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

[77] LEAL, Claudio. **Morre Abdias do Nascimento**, o "único negro brasileiro". Portal Terra Magazine, 24 de maio de 2011. Disponível em <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI5147512-

Abdias do Nascimento dedicava no jornal *Quilombo* um espaço representativo para o Teatro Experimental Negro, no sentido de divulgar suas peças e exaltar suas realizações. Logo na primeira edição do jornal, a publicação traz uma breve história do TEN, com resenhas positivas sobre as recentes peças encenadas sob o comando da companhia e com convidando os leitores a prestigiar produções futuras. Dizia o jornal:

> Fundado em fins de 1944 por Abdias Nascimento, com o apoio de várias pessoas brancas e pretas, o Teatro Experimental Negro se firmou, desde sua estreia no Teatro Municipal, a 8 de maio do ano seguinte, como alguma coisa nova e forte em nosso mundo artístico (QUILOMBO, 1948, p.7).

Embora o TEN tenha iniciado suas atividades colaborando com o Teatro do Estudante do Brasil (TEB), na encenação na peça Palmares, de Stella Leonardos (OLIVEIRA; SILVA, p.26), em *Quilombo*, Abdias Nascimento se refere ao início do TEN com outra peça: *Imperador Jones*, de Eugene O'Neill[78], com tradução de Ricardo Werneck de Aguiar. De acordo com a resenha do jornal, a interpretação do protagonista Agnaldo Camargo foi surpreendente, uma vez que se tratava de uma peça muito difícil de ser executada. Há também um registro de um pequeno número de espectadores porque "a maioria não acreditava na vitória dos negros" (QUILOMBO, 1948, p.7).

Outras duas peças de O'Neill foram montadas pelo TEN: *Todos os filhos de Deus têm asas*, no teatro Fenix e *O moleque sonhador*, no Regina, ambas em 1946. Algumas outras produções, ainda a ser produzidas na época, já ganhavam seu devido espaço "publicitário" no jornal: a peça *Aruanda*, ilustrava o conflito cultural e psicológico de uma mulata que não acreditava na macumba e se vê apaixonada por um santo; *Don Perlimplin e Belisa* trazia uma adaptação livre da tradução de *Amores*

EI6581,00-Morre+Abdias+do+Nascimento+o+unico+negro+brasileiro.html> Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

[78] Dramaturgo americano vencedor do prêmio Nobel de Literatura de 1936. O autor cedeu a peça dos direitos autorais ao TEN sem custos. A carta de autorização foi publicada no Jornal Quilombo, na qual O'Neill responde da seguinte forma: "Dou-lhe minha permissão para montar 'Imperador Jones' sem nenhum pagamento a mim, e quero desejar-lhe todo sucesso em seu 'Teatro Experimental do Negro'. Conheço muito bem as condições que você descreve do teatro brasileiro. Tivemos as mesmas condições no nosso teatro antes que 'O Imperador Jones' fosse representado em New York em 1920 - qualquer parte de responsabilidade era sempre desempenhado por atores brancos pintados de preto. Depois de 'Imperador Jones', representado originalmente por Charles Gilpin e mais tarde por Paul Robeson, fazer um grande sucesso, o caminho estava aberto para o negro representar drama sério em nosso teatros. O que dificulta agora é a falta de peças" (QUILOMBO, 2003, p.25).

de Don Perlimplin com Belisa em seu Jardim, do poeta espanhol Frederico Garcia Lorca; além de outras peças como *Calígula*, *O Caminho da Cruz* e *Mulato*.

Recorrer a peças estrangeiras era um recurso utilizado pelo TEN mediante a carente produção literária nacional que discutisse as temáticas propostas pelo Teatro Experimental Negro. Em resposta a essa demanda dramatúrgica da companhia, Lucio Cardoso teve seu texto *Filho Pródigo* encenado em 1947 e desencadeou o surgimento de novos textos escritos por autores como o próprio Abdias Nascimento, Morais Pinho e Joaquim Ribeiro, todos com elementos da cultura religiosa negra e com toques de crítica social. Em 1961, foi publicada a antologia *Drama para Negros e Prólogo para Brancos*, com as seguintes peças: *O Filho Pródigo*, de Lucio Cardoso, *O Castigo de Oxalá*, de Romeu Crusoé, *Auto da Noiva*, de Rosário Fusco, *Sortilégio*, de Abdias Nascimento, *Além do Rio*, de Agostinho Olavo, *Filhos de Santo*, de José Morais Pinho, *Aruanda*, de Joaquim Ribeiro, *Anjo Negro*, de Nelson Rodrigues e *O Emparedado*, de Tasso de Silveira (DOMINGUES, 2008, p.75).

A exemplo da FNB, o TEN também promoveu ações de caráter cultural, educacional e social. Em salas cedidas pela União Nacional dos Estudantes (UNE), várias aulas de alfabetização foram chefiadas pelo professor Ironides Rodrigues. Homenagens a poetas consagrados da literatura, como Cruz e Souza e Castro Alves, na forma de conferências e recitais, foram realizados, além de concursos de beleza, bailes e atividades recreativas com o objetivo de socialização da comunidade. (QUILOMBO, 2003, p.12).

Sobre a necessidade das salas de alfabetização, Elisa Larkin Nascimento, a última esposa de Abdias e também estudiosa das relações raciais, afirma que o projeto educacional não se limitava à possibilidade de leitura e memorização dos textos para encenação. Havia uma real preocupação com a valorização cultural dos negros. Nas palavras da autora: "além disso, porém, havia a proposta de formar pessoas conhecedoras de sua matriz cultural e capazes de articular sua concepção crítica da sociedade e do meio cultural em que iriam atuar" (NASCIMENTO, 2003, p.289)[79]. Quanto aos concursos de beleza, Eliza Larkin Nascimento afirma que

[79] NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor**: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003.

tinham o propósito de garantir que as mulheres negras fossem valorizadas enquanto seres humanos e não somente como objetos eróticos.

Além das montagens teatrais, o TEN promoveu atividades sociopolíticas, das quais se destacam o Festival O'Neill, em janeiro e fevereiro de 1954; o concurso Cristo de Cor e a Semana de Estudos sobre Relações de Raça, em 1955; o curso de introdução ao teatro negro e às artes negras, em 1964; e a publicação de número especial dos Cadernos Brasileiros, sobre os 80 anos de abolição, em maio de 1968. "Em novembro de 1968, o professor Abdias Nascimento partiu para o exílio, levando o Teatro Experimental do Negro para se expandir por outros caminhos" (SEMOG, 2006).

3 O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

Abdias Nascimento (1980, p.15-16)[80] na obra "O Quilombismo", afirma que a história do Brasil é sempre contada sob o ponto de vista do homem branco, orientado por uma ótica eurocêntrica, que visa o benefício exclusivo de uma elite branca (ou ainda "brancóide", conforme o autor). "Fornecem uma visão suave, açucarada, das relações entre negros e brancos no país" (NASCIMENTO, *Op.Cit*. p.15). Nesta perspectiva, afirma Nascimento, toda a estrutura econômica, sociocultural e política brasileira foi, e tem sido até hoje, usurpada da maioria da população, constituída por negros e mestiços e que, portanto, não fazem parte deste grupo "ário-europeu".

> Embora costuma apresentar-se como país que se orgulha de ser plurirracial e multiétnico, o Brasil possui uma face intolerante que sempre vem à tona quando os segmentos sociais objetos do preconceito e da discriminação - dentre eles, em especial, os afro-brasileiros - ousam reivindicar o direito à diferença. Marcado essencialmente pelo assimilacionismo, o discurso racial brasileiro - mesmo quando se pretende anti-racista - vê o negro tão-somente como ingrediente numa mistura que, ao fim e ao cabo, deverá gerar uma "raça brasileira" - de pele morena, talvez, mas estética e culturalmente branca, filiada às vertentes da cultura ocidental e calcada em modelos europeus e norte-americanos (NASCIMENTO, 1997, p.92)[81].

3.1 Perspectivas sobre a democracia racial

Vários são os autores que empreenderam interpretações sobre o mito da democracia racial no Brasil. Lilia Schwarcz, por exemplo, sugere que ele seja analisado de uma perspectiva antropológica. De acordo com a autora, limitar a questão racial a um problema exclusivamente econômico, escondendo o fator raça no conceito classe, limita o entendimento de como o mito da democracia racial repercute e é re-significado pela sociedade (SCHWARCZ, 2000, p.35)[82].

---

[80] NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

[81] NASCIMENTO, Abdias. **Pronunciamentos**: Democracia Racial. In. NASCIMENTO, Abdias. **Thoth**/Escriba dos deuses - informe de distribuição restrita do senador Abdias Nascimento. Jan/abril 1997. Brasília: Gabinete do Senador Abdias Nascimento, 1997.

[82] SCHWARCZ, Lilia M. **Raça como negociação** - sobre teorias raciais em finais do século XIX no Brasil. In: FONSECA, M. N. S. (Org.). **Brasil Afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

Podemos citar ainda autores como Carlos Guilherme Mota, Jessé Souza e Thomas Skidmore, tomando como mote o mito da democracia racial e a obra de Gilberto Freyre. Vale ainda ressaltar as críticas feitas por Florestan Fernandes ao longo de sua bibliografia.

Conforme denuncia Florestan Fernandes (1972)[83], difundiu-se, por muito tempo, uma falsa ideia de democracia racial no Brasil. Vendida também em outros países, essa falsa consciência - a que o autor atribui à participação do governo - foi acompanhada pelo crescimento econômico. No entanto, “essa é a ideia corrente no exterior, fomentada pela mesma hipocrisia que impera no Brasil: nós somos o paraíso tropical da convivência democrática das raças” (FERNANDES, 1989, p. 7). Entretanto, essa pressuposição é posta em cheque ao passo que tal equilíbrio social está sequer perto de ser alcançado. De acordo com o autor, os longos processos de miscigenação e formação de uma sociedade heterogênea se sustentam dentro de uma perspectiva em que o sucesso se traduz na capacidade de alcançar o modelo do branco e o fracasso reflete a incapacidade de abandonar sua situação de negro/mestiço.

Outro importante estudioso das relações raciais no Brasil é Carlos Hasenbalg. O autor nos lembra que intelectuais e filósofos de orientação liberal tentam, há décadas, destacar e perpetuar o caráter único e harmonioso das relações raciais no Brasil. A estratégia encontrada por esses formadores de opinião se dá por meio um quadro comparativo com outras sociedades multirraciais. Sob essa ótica, o Brasil ofereceria ao resto do mundo um exemplo de uma democracia racial, em que negros e mulatos usufruem de uma igualdade de oportunidades e são integrados na cultura e na identidade nacional (HASENBALG, 2005, p.19)[84]. Na obra "Discriminação e Desigualdades", Hasenbalg avalia essas afirmações como parte de uma meia verdade. É fato que se comparados a quadros internacionais, o Brasil distinguiu-se pela ausência de conflitos legitimados pelo Estado e formas extremas de racismo como foi experimentado com movimentos de segregação racial, como no Sul dos EUA e a promoção do *apartheid* na África do Sul, no entanto:

---

[83] FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Ed. Difel, 1972.

[84] HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte. UFMG. 2 ed., 2005.

> “se for considerada a distância entre os ideais e a práticas raciais brasileiras, a ‘democracia racial’ é um poderoso mito. Sua função com instrumento ideológico de controle social é legitimar a estrutura vigente de desigualdades raciais e impedir que a situação real se transforme numa questão pública” (HASENBALG, *Op. Cit*, p. 19).

Carlos Hasenbalg (2005) aponta alguns fatores que podem levar à falsa crença da existência de uma democracia racial no país. Dentre eles, podemos citar a co-vivência das mesmas mazelas impostas à população negra a algumas camadas mais pobres da população branca, característica de um país subdesenvolvido e desigual como o Brasil. Também há uma limitação nas teorias clássicas dos estudos sociológicos, que sempre subestimaram a cor ou a raça como fator determinante das desigualdades. Enquanto a perspectiva marxiana, por exemplo, sempre atribuiu à divisão das classes no desenvolvimento das sociedades capitalistas como peça chave para a iniquidade, o ponto de vista weberiano leva em consideração apenas o *status* adquirido por cada indivíduo ou grupo para a formação de uma sociedade segmentada. Hasenbalg afirma que é necessária a utilização também de teorias raciais para conseguir compreender de maneira mais ampla e justa os fenômenos de exclusão e desigualdades no país, uma vez que, conforme vimos até o momento neste estudo, o acesso às oportunidades no Brasil não se limitam a uma questão de classe ou estamento, mas também de cor.

Hasenbalg ainda assinala que a ideia de democracia racial é, ademais, utilizada como uma poderosa ferramenta de controle ideológico e, dessa forma, legitima a estrutura de desigualdades vigentes, uma vez que o argumento de que não há conflitos raciais no Brasil é utilizado na tentativa de impedir que a situação se transforme em uma questão pública (Op.Cit., p.19).

> O mito da democracia racial não só implicou uma “reconstrução idílica” do passado e a persistência do clientelismo, como foi também sustentado pelas realidades sociais do período republicano inicial – a falta de discriminação lega, a presença de alguns não-brancos dentro da elite e a ausência de conflito racial declarado (HASENBALG, 2005, p.256).

A negação da existência da discriminação se tornaria, portanto, um mecanismo tão eficaz quanto às antigas formas severas de repressão para a manutenção das iniquidades (HASENBALG, Op. Cit., p.234).

O racismo tem um caráter essencialmente doutrinário que “prega a existência de raças humanas, com diferentes qualidades e habilidades, ordenadas de tal forma que as raças formem um gradiente hierárquico de qualidades morais, psicológicas, físicas e intelectuais” (GUIMARÃES, 2004, p.17)[85]. Muitas vezes, tentou-se a “biologização” do racismo, uma expectativa de entregar à ciência aquilo que na verdade é cultura, que de fato é ideologia. O racismo é ainda usado como ferramenta política e, para ilustrar como isso ocorre, um artigo publicado na edição número 6 do jornal *Quilombo,* em fevereiro de 1950, traz considerações sobre a utilização das disputas raciais nos conflitos geopolíticos como no artigo intitulado "Século da questão racial" foi escrito por Estanislau Fischlowitz, especialmente para a coluna "Democracia Racial:

> A revolução das relações internacionais e interraciais que delineia claramente no horizonte dos meados do século XX não é apenas consequência do deslocamento do centro da economia mundial de um a outro continente, resultado inevitável e natural dos graves conflitos bélicos. Tem incontestavelmente raízes muito mais profundas. Pode ser considerada, antes de mais nada, como fatal decorrência das pressões sociais, da luta pela obtenção dos mais altos padrões de existência. Do mesmo modo como aumentam e se tornam mais violentas e agudas no plano social interno as reivindicações das classes baixas de coletividade nacional, assim também no plano internacional os países proletários revoltam-se cada vez mais contra os países burgueses, reclamando maior parte na divisão das riquezas. Ora, acontece que esses segundos países os "*Beati Possidentes*" são, quase sem exceção, países de raça caucasiana e da cor de pele branca, para usarmos esses temos correntes, sem lhes atribuirmos, evidentemente qualquer exatidão científica. Essa força motriz preponderante da emancipação das raças não suficientemente desenvolvidas apresenta um traço de ligação entre a contemporânea questão social e a racial (FISCHLOWITZ, 1950, p.3)[86].

O autor a quem usualmente se associa o conceito de democracia racial é o sociólogo Gilberto Freyre, sobretudo devido à obra “Casa-Grande & Senzala”, publicada em 1933, muito criticada atualmente, segundo o filósofo Inácio Strieder, por acreditarem ter-se diluído na obra a desumanidade do regime escravagista e o genocídio indígena praticado pelos colonizadores, propalando que o Brasil se

---

[85] GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. **Preconceito e discriminação**. São Paulo: Fundação de apoio à Universidade de São Paulo, 2004.

[86] FISCHLOWITZ, Estanislau. **Século da questão racial**. 1950, p.3;8. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Adbias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

formou na convivência harmoniosa entre as raças (TORRES, 2013)[87]. Porém, a expressão *democracia racial* não é encontrada nas principais obras de Gilberto Freyre, a não ser tardiamente, no anos 50, o que intriga até hoje os estudiosos das relações raciais no Brasil (GUIMARÃES, 2001, p.1)[88].

Segundo Lilia Schwarcz, os estudos sobre relações raciais no Brasil se encontram em uma encruzilhada, deixada por duas interpretações: a de Gilberto Freyre, que construiu o mito, e a de Florestan Fernandes, que o desconstruiu. Para a autora, as duas representações são igualmente verdadeiras. "No Brasil convivem sim duas realidades diversas: de um lado, a descoberta de um país profundamente mestiçado em suas crenças e costumes; de outro, o local de um racismo invisível e de uma hierarquia arraigada na intimidade" (SCHWARCZ, 1998, p. 241)[89].

No entanto, a pesquisadora Maria José Campos, por meio de sua tese de doutoramento, "Versões modernistas do mito da democracia racial - estudo sobre as trajetórias e as obras de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo até 1945", procurou constatar a presença de tal concepção no pensamento de outros autores cujas obras tiveram repercussão anteriores aos escritos de Gilberto Freyre, procurando, dessa forma, ampliar a discussão do chamado "mito da democracia racial". A tese da autora é a de que se evidencia entre vários estudiosos em um só tempo uma polissemia decorrente do uso plural da expressão democracia racial, o que lhe impede atribuir uma autoria específica ao termo.

> A intenção que motivou o trabalho foi pesquisar e analisar a estrutura conceitual que presidiria a construção poética, literária e política do chamado "mito da democracia racial" brasileira tomando-se como parâmetro de investigação as trajetórias profissionais e as obras de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo. É certo que estes não foram autores clássicos, que teriam demarcado espaços e concepções hegemônicas acerca do tema. No entanto, as atuações frequentes em veículos de divulgação relevantes na imprensa da época faz deles representantes de uma certa mentalidade que apostou não só na ideia de democracia como no ideário de democracia racial enquanto particularidade brasileira. Nesse sentido, procuramos destacar que naquele contexto, os escritos de Menotti e Cassiano

[87] TORRES, Felipe. **“Casa-grande e senzala” completa 80 anos com o mesmo vigor polêmico de quando foi lançado**. Diário de Pernambuco, 1 de dezembro de 2013. Disponível em < http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2013/12/01/internas_viver,476732/casa-grande-e-senzala-completa-80-anos-com-o-mesmo-vigor-polemico-de-quando-foi-lancado.shtml > Acesso em 7 de dezembro de 2014.

[88] GUIMARÃES, Antônio Sérgio. **Democracia Racial:** o ideal, o pacto e o mito. In: Novos Estudos CEBRAP, n.61, São Paulo, 2001.

[89] SCHWARCZ, Lilia M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário:** cor e raça na intimidade. In: História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.4.

> evidenciam o fato de que a "democracia racial" não significava necessariamente igualdade social" (CAMPOS, 2007, p.341[90]).

Houve muita ênfase nas publicações do *Quilombo* em torno da discussão da existência de uma falsa democracia racial no Brasil. O jornal contou, inclusive, com uma coluna fixa justamente com o título "Democracia Racial" com o intuito de criar um espaço para debater este problema.

3.2 O debate em torno da democracia racial

Como prova de que a questão da democracia racial é colocada em debate nas matérias do jornal *Quilombo*, e não somente elenca discursos em uníssono, a primeira matéria da coluna, publicada na edição número 1, em dezembro de 1948, trata-se do texto "A atitude brasileira", uma contribuição especial do autor e sociólogo brasileiro Gilberto Freyre defensor da ideia da existência de uma convivência cordial entre as raças no Brasil. Justificava o autor sua tese ao dizer que:

> Há decerto entre os brasileiros preconceitos de cor. Mas estão longe de constituir um ódio sistematizado, arregimentado, de branco contra o preto ou de ariano contra judeu ou de indígena contra europeu, que se encontra noutros países de formação étnica e social semelhante à nossa (FREYRE, 1948, p.8)[91].

Gilberto Freyre baseou seus argumentos com a premissa de que a população brasileira é fruto da mestiçagem de diversas raças ou etnias: brancos, negros e indígenas. A discriminação de cor no país, portanto, embora seja reconhecida pelo sociólogo, não se justificaria para a abertura de conflitos e para uma política discriminatória aberta. Acreditava o autor serem todos pertencentes a um único povo brasileiro, mestiço e multicultural. Corroborava ainda que uma tentativa de separação entre os grupos seria prejudicial para a criação de uma identidade nacional. Para o autor, seria possível que todos os brasileiros fossem capazes de conservar suas raízes culturais e, ainda assim, conservar um tratamento igualitário para todos.

---

[90] CAMPOS, Maria José. **Versões modernistas do mito da democracia racial** - estudo sobre as trajetórias e as obras de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo até 1945. Universidade de São Paulo, 2007.

[91] FREYRE, Gilberto. **A atitude brasileira**. 1948, p.8. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

As garantias entregues ao longo do texto por Gilberto Freyre para corroborar estes argumentos partem de um eixo de comparação entre a situação brasileira - onde não se encontra um conflito ou um regime segregacionista - a de países de capitalismo central - onde se verificou a adoção de práticas discriminatórias com o aval do estado e da sociedade. Segundo Gilberto Freyre, o que se veria no Brasil, de fato, seriam manifestações esporádicas de "arianismos" e "sangrentos melanismos". Interessante ressaltar que na argumentação do autor, muitas expressões qualificadoras imprimem um tom de generalização a respeito das alegações, por exemplo: "não há exagero em afirmar" ou "há decerto". Essas estratégias tentam convencer de que, apesar de existir o racismo em nosso país, este não traduz em um sistema organizado de opressão, que objetiva inferiorizar ou tornar o negro invisível às questões econômicas e socioculturais.

Chama a atenção a abertura do espaço para Gilberto Freyre no jornal uma vez que toda a produção intelectual sobre as relações raciais vai em um viés contrário. Há nestes estudos a constatação de que o ajustamento de condutas e a suposta convivência harmoniosa entre brancos e não-brancos nunca resultou em um cenário de igualdade de oportunidades e direitos no país. Pelo o contrário, o que se percebe nas páginas das edições do jornal *Quilombo* que foram analisadas, são inúmeras constatações que ajudam a corroborar as diferentes maneiras de atuação do racismo no Brasil. Comprovam que o cenário socioeconômico e político brasileiro se difere de uma sociedade multirracial democrática, em que todos os grupos contribuiriam igualmente para os dinamismos históricos, culturais e econômicos comuns. Para que isso se tornasse realidade, seria necessário reformular nossas atitudes e valores com relação à participação de todas as minorias como agentes de criação cultural.

O que vemos registrado nas páginas do *Quilombo* são homens negros impedidos de entrar em festas, clubes e associações, predominantemente dominados por brancos, ainda que convidados; são instituições de ensino, órgãos do governo, das forças armadas e até representações religiosas que criam mecanismos para evitar a presença de homens negros em seus círculos, criando ambientes excludentes. Ainda que não se manifestem por meio de aval do Estado como o movimento do *apartheid* na África do Sul, ou de segregação no sul dos EUA, as desigualdades nas oportunidades para brancos e negros são os motores para que o

Movimento Negro e a Imprensa Negra criem espaços de denúncia da existência do preconceito e lutem pelo reconhecimento das diferenças e da necessidade de ações compensatórias para a valorização do homem negro.

A resposta aos argumentos de Gilberto Freyre viria logo em seguida com a reprodução de uma palestra proferida por Guerreiro Ramos em 15 de julho de 1948, denominada "Contactos raciais no Brasil", uma homenagem à visita do correspondente do *The Pittsburgh Courrier*, George S. Schuyler ao Brasil. Guerreiro Ramos elenca em seu texto alguns pontos a serem considerados quando discutimos o racismo contra negros no Brasil. Analisando essas constatações, podemos perceber que elas põem em descrédito as garantias dos argumentos que acabavam de ser apresentados pelo texto de Gilberto Freyre:

- Em primeiro lugar, o racismo não se apresenta de maneira uniforme e ganha diferentes formas de acordo com a região geográfica em que ele se manifesta.

- Um segundo ponto é a preferência de muitos pela utilização do termo "preconceito de cor", em vez do termo "preconceito racial", uma vez que esse conceito de raças teria sido superado. No entanto, é necessário o reconhecimento das raças enquanto uma construção social.

- Não existe no Brasil uma linha de "castas", diferente de outros cenários segregantes encontrados em outros países.

- Guerreiro Ramos denuncia as implicações do sentimento de inferioridade experimentado indevidamente pelo negro de classe baixa em relação a outros homens negros que ascenderam socialmente.

- O quinto aspecto está no tocante à cultura. O mestiço brasileiro não estaria em uma cisão entre as culturas europeia e africana. Ele estaria, de fato, aderindo à cultura da classe dominante, permitindo que suas raízes africanas sejam consideradas como pitorescas.

- Existe um comportamento de muitos mestiços que tentam se camuflar de brancos e disfarçar suas marcas raciais para se sentirem mais valorizados ou estão submetidos à ideologia do branqueamento[92].

- Guerreiro Ramos afirma que as culturas negras estão sendo instrumentalizadas e passando à categoria de "curiosidades históricas", sendo mais celebradas enquanto atração turística do que como manifestação legítima dos descendentes dos povos da Diáspora.

- Nas relações de matrimônio, o autor denuncia a preferência da estética branca. Na visão do autor, há negros e mulatos que preferem se casar com pessoas mais claras[93].

Ainda em resposta a Gilberto Freyre, a escritora Raquel de Queiroz, publica o texto "Linhas de Cor", originalmente publicado em O Cruzeiro em 24 de maio de 1947. A autora elenca uma série de situações do cotidiano da sociedade que contrariam a ideia da existência de um "paraíso" racial no Brasil, posição essa que havia sido defendida por Gilberto Freyre na coluna "Democracia Racial", como visto anteriormente. A autora questiona o porquê dos colégios mais caros da cidade de São Paulo, na época, não aceitarem o ingresso de alunos negros. Há uma demonstração no texto de inconformação com as empresas públicas que não aceitam telefonistas negras. Lembra-se da existência de bares que não aceitam que fregueses negros sentem em suas mesas para confraternizar ou ainda hoteis que não aceitam "hóspedes de cor". Questiona a autora: "Se isso não é discriminação racial - e, mais grave ainda, discriminação admitida e amparada pelo governo - que nome lhe daremos?" (QUILOMBO, 2003, p.20).

---

[92] O branqueamento poderia ser entendido, num primeiro nível, como o resultado da intensa miscigenação ocorrido entre os negros e brancos desde o período colonial, responsável pelo aumento numérico proporcionalmente superior dos mestiços em relação ao crescimento dos grupos negros e brancos na composição racial da população brasileira. O branqueamento, todavia, não poderia ser entendido também como uma pressão cultural exercida pela hegemonia branca, sobretudo após a Abolição da Escravatura, para que o negro negasse a si mesmo, no seu corpo e na sua mente, como uma espécie de condição para se “integrar (ser aceito e ter mobilidade social) na nova ordem social (CARONE, 2012, p.14-15

[93] Em um diagnóstico do mercado matrimonial no Brasil, em que se leva em conta a cor, também nesse sentido a população negra tem desvantagens, pois a idade média de casamento para o negro é maior que o da população branca. As mulheres pretas e pardas têm menos possibilidades de escolha de companheiros. As dificuldades aumentam à medida que os anos de escolaridade da mulher vão aumentando, principalmente para mulheres negras, que permanecem em maior número celibatárias. (SILVA, 2006, p.189)

O questionamento de Raquel de Queiroz é retomado pelo texto "Os Arianos do Criciuma", de Origenes Lessa, que havia sido originalmente publicado pelo jornal *O Globo* em 1948:

> Fala-se, com muito ufanismo, em nossa democracia racial. Haverá mesmo? Desconhecemos o preconceito de côr? Negros, mulatos, semi-brancos, têm no Brasil, os mesmos direitos na prática, entram em toda parte, vivem como gente? Há quem diga que sim. Há quem nos inveje essa imaginária ausência de preconceitos. Porque é imaginária. No fundo, temos prejuízos semelhantes aos dos americanos do norte, apenas atenuados em virtude do compromisso geral com o sangue negro. [...] Na realidade, para o negro, e seus descendentes, poucas portas além dos serviços humildes, do rádio e de outras carreiras, estão francamente abertas. Só muito talento e acidentes de formatura dão ao negro e ao mulato no Brasil o direito de entrar num salão elegante não para servir, mas para ser servido também. E a prova mais evidente de que existe entre nós o preconceito de côr está em nossa pitoresca fuga para a brancura. [...] as manifestações públicas e coletivas precisam ser enfrentadas com a energia empregada pela grande Raquel de Queiroz [...] e irá ao presidente da República e a quem e a onde mais seja preciso, “a pedir justiça, a reclamar a um inquérito, a exigir uma intervenção moralizadora para esse burgo insolente” (LESSA, 1949, p. 4)[94].

Vamos retomar algumas proposições que Gilberto Freyre utiliza para corroborar a ideia de que o Brasil é um exemplo de convivência harmoniosa entre as raças. Em primeiro lugar, existe racismo no Brasil, mas este não está organizado em um processo sistematizado de segregação. Após a leitura dos textos de Guerreiro Ramos, Raquel de Queiroz, Origenes Lessa e até mesmo nos editoriais de Abdias Nascimento, constatamos: instituições de ensino, religiosas, públicas, agremiações, grupos artísticos, jornais, todos eles, se não restringem a participação dos negros, exigem deles uma aceitação às condições e tratamentos impostos. Segundo, Gilberto Freyre afirma que seriam todos os brasileiros originados de uma profunda miscigenação, e que não faria sentido que no Brasil o preconceito racial, uma vez que o processo de mistura dos povos, teria resultado em uma "consciência dos brasileiros sobre a origem particular de cada um". O que o TEN destacava em sua militância era justamente a singularidade de cada povo e de cada raça na formação da sociedade brasileira, mas que ela se traduzia em desigualdades econômicas e sociais, de modo que essa realidade precisava ser alterada.

---

[94] LESSA, Origenes. **Os arianos de Criciuma**. 1949, p.4. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

O reconhecimento das diferenças é discutido mais afundo quando a coluna "Democracia Racial" ganha um caráter científico na reprodução do estudo "A mestiçagem no Brasil", de autoria do antropólogo Arthur Ramos, publicada na edição número 2, em maio de 1949. Ao se referir à estrutura geral étnica e cultural da população brasileira, que combina o elemento inicial, o colonizador português, que se misturou às populações indígenas e ao contingente negro, o autor afirma:

> Estas misturas [...] não se processaram de um modo homogêneo, distribuindo-se desigualmente pelas diversas regiões brasileiras. [...] O mestiço brasileiro é tão capaz como qualquer outro povo da terra, tenha ele os elementos culturais de que necessita para sua obra de progresso (RAMOS, 1949, p.8)[95].

O que os intelectuais do TEN, portanto acreditavam, portanto, eram a necessidade de se reconhecer as diferenças mas, concomitantemente, garantir os mesmo direitos e oportunidades à população negra, de modo que ela participe democraticamente dos espaços sociais no Brasil.

Por fim, a edição número dez, de junho/julho de 1950 encerra a coluna "Democracia Racial" com um ensaio de Murilo Mendes sobre a passagem da companhia de dança da americana Katherine Dunham pelo Brasil. Conhecida como "Matriarca e rainha mãe da dança negra"[96], a visita de seu espetáculo em terras brasileiras é celebrada como uma vitória da comunidade brasileira que ganha mais uma via de acesso à cultura.

Mas nem tudo foi festa durante esta visita da artista americana. Ocorreu um incidente em que Katherine Dunham foi impedida de se hospedar em um hotel em São Paulo por ser uma pessoa negra. O episódio instigou a imprensa e a política nacional sobre a questão da discriminação racial. Gilberto Freyre escreveu nota aberta ao presidente da República em que afirmava que se tratava de responsabilidade da Nação Brasileira a vigilância da democracia também em termos raciais, que se propugnava internacionalmente, mas que em muitas circunstâncias, como no caso evidenciado pelo ultraje à artista americana, deixava de ser observada. O deputado federal Afonso Arino aprovou junto ao Congresso em julho de 1951 o projeto de lei que considera contravenção penal atos de racismo (Lei

---

[95] RAMOS, Arthur. **A mestiçagem no Brasil**. 1949, p.8. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

[96] "Matriarch and queen mother of the black dance", foi assim chamada pela biógrafa Joyce Aschenbenner no livro "Katherine Dunham: Dancing a Life".

1.390/51). Essa conquista chegou inclusive a ser chamada pelos intelectuais do *Quilombo* como a "Segunda Abolição" (ALBERNAZ; AZEVEDO, 2013)[97]. No entanto, de acordo com a jurista Dora Lucia de Lima Bertúlio, essa lei teve muito pouca efetividade "por sua injustificada especificidade de tipo e pela dificuldade de provas que as situações de preconceito geravam seja ainda pela visão racista de quem propunha e julgava a ação penal em achar tais provas suficientes ou relevantes" (BERTÚLIO, 1998, p. 200-215)[98].

[97] ALBERNAZ, Renata Ovenhausen; AZEVEDO, Ariston. **Os marginais do direito estatal:** a luta multidimensional do Teatro Experimental do Negro (TEN) pelo "direito a ter direitos", nos anos de 1944 a 1968. Revista Brasileira de Ciência Política, n°11. maio/agosto 2013. Brasília. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522013000200002&script=sci_arttext> Acesso em 11 de setembro de 2015.

[98] BERTULIO, Dora Lucia de Lima. **Direito e relações raciais:** uma introdução crítica ao racismo. Dissertação (mestrado em Direito). Florianópolis: Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.

4 A "DESCOMPLEXIFICAÇÃO" DO NEGRO

O Teatro Experimental Negro trouxe aos palcos brasileiros peças teatrais que retratavam a realidade de vida do negro desde a abolição da escravatura. Tratava-se de um momento em que a história brasileira experimentava raros e frágeis períodos democráticos. O grupo teve ainda destaque na organização de projetos sociais voltados para a comunidade negra. Como destaque, podemos citar o curso de alfabetização, concursos de beleza e a organização de eventos como o 1° Congresso do Negro Brasileiro. Nestes eventos, se discutiam as necessidades reivindicações da comunidade negra[99].

De todos os envolvidos no TEN, Guerreiro Ramos foi o responsável por trazer a dramatização que vai além da manifestação artística e se torna um processo terapêutico de "descomplexificação" do homem negro. Alberto Guerreiro Ramos nasceu em 1915, em Santo Amaro da Purificação, Bahia. Estudou em Salvador e chegou a iniciar o curso de Direito, mas sua formação foi em Ciências Sociais, na Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro (OLIVEIRA, p. 148-155). Uma breve biografia de Guerreiro Ramos, escrita pelo próprio Abdias Nascimento foi publicada na segunda página da edição número 9 do jornal *Quilombo*, publicada em maio de 1950.

Ao lado de Abdias Nascimento, foi um dos principais colaboradores e idealizadores do TEN e do jornal *Quilombo*. Na obra "Introdução crítica à sociologia brasileira", Alberto Guerreiro Ramos elenca os três objetivos fundamentais do TEN:

---

[99] A discussão das políticas de ação afirmativa tomou dimensão nacional e internacional, com maior visibilidade nos últimos anos; contudo, convém lembrar que a temática já aparece no Brasil em 1950 durante a realização do I Congresso do Negro Brasileiro. O Congresso teve repercussão na então colônia portuguesa, Angola, numa notícia que também informava sobre o Jornal Quilombo, publicada em 25 de junho de 1950, em Luanda (SILVA; LARANJEIRAS, 2007, p. 134).

> 1) formular categorias, métodos e processos científicos destinados ao tratamento do problema racial no Brasil; 2) reeducar os "brancos" brasileiros, libertando-se de critérios exógenos de comportamento; 3) "descomplexificar" os negros e mulatos, adestrando-os em estilos superiores de comportamento, de modo que possam tirar vantagens das franquias democráticas, em funcionamento no país (RAMOS, 1995, p.206)[100].

Nesta perspectiva, de acordo com Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2002, p. 93)[101], o TEN não representou apenas uma associação de pessoas preocupadas em promover a dramaturgia, mas também, a posição ideológica do movimento que reivindicava um aumento na qualidade da vida social e cultural do negro. Na análise do autor, o TEN procurou denunciar o estigma social dos negros por meio do teatro e do psicodrama e, posteriormente, oferecer uma integração e mobilidade social dos pretos, pardos e mulatos. Isso seria feito por meio da Grupoterapia e com a metodologia do Sociodrama e psicodrama.

4.1 Os seminários de Grupoterapia

Na edição número 3 do jornal *Quilombo*, página 5, foi publicado o temário do "1° Congresso do Negro Brasileiro de 1949", uma iniciativa do TEN em comemoração ao centenário da abolição do tráfico de escravos, e que visava o estudo das questões referentes ao negro, com a proposta de uma reunião democrática entre escritores, historiadores, antropólogos, artistas e outros estudiosos. No referido texto, um dos tópicos do temário se dedica à discussão da estética:

> **Estética**
> I - O negro e a criação estética.
> II - O negro e a escravidão como tema de literatura, poesia, teatro, artes plásticas.
> III - Particularidades e sobrevivências emocionais do negro
> IV - Integração e participação do negro e do homem de cor na evolução geral das artes no Brasil.
> V - A literatura, poesia, teatro, artes plásticas e serviço da causa abolicionista.
> VI - As artes em geral como meio de valorização social do negro e do homem de cor (RAMOS; CARNEIRO; NASCIMENTO, 1949, p.5)[102].

---

[100] RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

[101] GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2002.

[102] RAMOS, Guerreiro; CARNEIRO, Edison; NASCIMENTO, Abdias. **1° Congresso do Negro Brasileiro de 1949.** 1949, p. 5;3. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

Todos esses itens do temário precisavam ser trabalhados por meio de ações, de práticas sociais. Para apoiar a divulgação das práticas propostas por Guerreiro Ramos, o jornal *Quilombo* investia na difusão de matérias a respeito da Grupoterapia e do Sociodrama. É por meio dessas duas metodologias, e da participação efetiva do membros do TEN, que o jornal capta a vida, os problemas e as aspirações do negro.

As atividades fora de cena do Teatro Experimental Negro visavam o que Abdias do Nascimento chamava de "campo de polarização psicológica". Guerreiro Ramos também constata uma crescente desvalorização estética da cor negra em meio ao pensamento social brasileiro a partir do período pós-abolição, na medida em que o Brasil foi marcado por uma realidade em que não havia, praticamente, pessoas pigmentadas em posições que não fossem inferiores (RAMOS, 1995, p.174-175).

Algo precisava ser feito em relação a essa realidade. Guerreiro Ramos ampliou as atividades do TEN com a implantação da Grupoterapia, possibilitada por meio da criação do Instituto Nacional do Negro. A instalação oficial deste grupo foi noticiada pelo jornal *Quilombo* na página 11 da edição número 3 de 1949.

> Esta é a primeira vez que no Brasil se realizam estudos com essa técnica de base na psicanalítica, e com essa iniciativa do TEN pretende formar uma turma de técnicos hábeis para organizar grupos tendo em vista a eliminação das dificuldades emocionais que impedem a plena realização da personalidade da gente de cor. [...] A Grupoterapia visa o aperfeiçoamento da personalidade e a cura dos distúrbios emocionais através da organização de grupos (QUILOMBO, 1949, p.11)[103].

O Psicodrama é uma prática psicoterapêutica concebida pelo médico judeu Jacob Levy Moreno, nascido 1889, em Bucareste, na Romênia. A metodologia, em sua origem, é marcada por diferentes concepções filosóficas, existenciais e religiosas das quais se sobressaem a filosofia dialógica de Martin Buber e os estudos fenomenológicos de Max Scheler e Karl Jaspers (SCARPARO et. al., 2010,

[103] QUILOMBO. **Instituto Nacional do Negro será instalado brevemente com a abertura do Seminário de Grupoterapia**. n°3 p.11, 1949. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

p. 200)[104]. O Psicodrama é uma abordagem que utiliza a improvisação de cenas dramáticas para analisar e orientar processos psicoterapêuticos de indivíduos ou grupos. Essa abordagem é instrumento de práticas no campo da educação, nas empresas, nos hospitais, nas clínicas e nas comunidades. Por meio dessa intervenção, ocorrem mobilizações que levam ao reconhecimento das diferenças e dos conflitos. O objetivo é favorecer a criação de estratégias transformadoras da situação originária de sofrimento e a expansão dos recursos disponíveis para superá-lo. Para desenvolver sua proposta, Moreno preocupava-se em criar espaços de reflexão que visavam o ser humano e suas circunstâncias (FEBRAP, 2007)[105].

Guerreiro Ramos "[...] apresentou as ideias morenianas, criou possibilidades novas, deu cursos de psicodrama, escreveu artigos, ensinou psicodrama" (MOTTA, 2010)[106]. O sociólogo explorava o caráter inclusivo do teatro, vendo no meio artístico a possibilidade para o negro enfrentar seus medos e ressentimentos, se livrando de estereótipos raciais e visões autodepreciativas que estavam incorporadas na personalidade dos homens negros desde a infância. Durante os seminários de Grupoterapia, havia a transposição para o palco de situações concretas de preconceito e conflito, que eram diariamente vivenciadas pelos indivíduos. Guerreiro Ramos aproveitou para analisar o caráter de influência, a seu ver trágico, da socialização dos indivíduos na era moderna, que se inculca de modos padronizados, que acabam por comprometer a autonomia e a espontaneidade (MAIO, 2015).

> Era psicanalítico o embasamento técnico dos seminários de psicodrama do Teatro Experimental Negro. O processo analítico ampliava o elenco de técnicas para além do modo verbal e ensejava ao paciente, no dizer de Guerreiro Ramos: "... a possibilidade de lutar não apenas na dimensão imaginária e verbal, mas também em todas as outras dimensões, com os seus temores e ansiedades. O paciente, no palco, pode ser treinado em um novo papel ou em uma nova conduta. Sua readaptação é obtida aí e a confiança que ele aí

---

[104] SCARPARO, H. B. K., Moraes, M. L. A., Almeida, C. C. R., Ballardim, G. **Psicodrama moreniano no Rio Grande do Sul: memórias não encenadas**. Psicol. Argum, Curitiba, v.28, n°62, p.199-208 jul/set 2010.

[105] FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICODRAMA – FEBRAP. (2007). **O que é Psicodrama?** Disponível em <http://www.febrap.org.br/psicodrama/Default.aspx?idm=20> Acesso em 9 de setembro de 2015.

[106] MOTTA, Julia Maria Casulari. **1970:** o Congresso que redefiniu o campo do psicodrama brasileiro. Revista Brasileira de Psicodrama, vol. 18 n°2, São Paulo, 2010. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-53932010000200008&script=sci_arttext> Acesso em 9 de setembro de 2015.

> adquire pode ser transportada para vida real" (NASCIMENTO, 2004, p.23)[107].

Segundo Elisa Larkin Nascimento, o que de mais inusitado caracterizava essa práxis sociológica do TEN era o seu direcionamento para uma ciência multidisciplinar, integrando de forma incisiva uma dimensão psicológica à sociologia, em uma época na qual as Ciências Sociais buscavam um olhar objetivo e concreto de fatos comprovados. Na avaliação da autora, o aprofundamento deste aspecto multidisciplinar, que ousava partir do negro com o centro do qual se deveria lançar um novo olhar sobre o Brasil, se tratava de uma inovação que os sociólogos da época teriam dificuldade de assimilar. "Entretanto, esses aspectos fizeram do pensamento e da ação do TEN e de seus mentores intelectuais atores inconfundíveis no palco da formação do pensamento crítico e neo - ou pós moderno no Brasil" (NASCIMENTO, 2003, p. 350)[108].

Guerreiro Ramos foi um dos autores que mais contribuiu para o progresso das Ciências Sociais no século XX, desenvolvendo um método de assimilação crítica para emancipar a sociologia brasileira da dependência por teorias estrangeiras (SIQUEIRA, *et.al*., 2011, p.2)[109]. O pensamento social no Brasil, enquanto se esforçava para construir uma explicação da sociedade brasileira e de suas transformações, não reconhecia o próprio brasileiro como edificador desta obra. É muito comum uma tentativa de recorrer a tradições e teorizações alheias. A obra de Guerreiro Ramos é uma das contribuições no sentido de subsidiar a tentativa de superar essa situação e trazer à consciência os dilemas do pensamento social no Brasil sob uma perspectiva dos próprios brasileiros (BARIANI, 2006, p.85)[110].

Para Guerreiro Ramos, a formação do povo brasileiro nos âmbitos político, econômico e social foi erigido sob a influência de um forte colonialismo cultural, de subordinação, na maneira de pensar e agir, de uma elite nativa em relação à cultura

---

[107] NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Psicologia e Direitos Humanos:** subjetividade e exclusão. Conselho Federal de Psicologia. Brasília - DF, 2004.

[108] NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor:** identidade, raça e gênero no Brasil. Ed. Summus. São Paulo-SP, 2003.

[109] SIQUEIRA, Gabriel de Mello Vianna; SANTOS, Lais Silveira; MACIEL, Flavia Regina Panazzolo. **Contribuições de Alberto Guerreiro Ramos para o Ecodesenvolvimento**. Anais do XXXV Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro - RJ, 4 a 7 de setembro de 2011. Disponível em < http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EOR1246.pdf> Acesso em 9 de setembro de 2015.

[110] BARIANI, Edison. **Guerreiro Ramos:** uma sociologia em mangas de camisa. CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n°11 - outubro de 2006, p.84-92. Disponível em < http://www.cchla.ufpb.br/caos/n11/07.pdf> Acesso em 8 de setembro de 2015.

dos países europeus. Estaria preponderando no pensamento do povo brasileiro uma visão etnocêntrica baseada nas culturas europeia e norte-americana. Essa visão limitante, Guerreiro Ramos afirmava, desconsiderava a originalidade da estrutura social imitando determinações predominantes em países de capitalismo central.

> Era necessário então fazer da razão sociológica um método crítico capaz de proceder a uma reflexão que assimila criticamente as contribuições técnicas importadas. Este método, Guerreiro Ramos chamou de "redução sociológica"[111] (BARIANI, op.cit., p.87).

É neste sentido que Guerreiro Ramos buscava para a sociologia um sentido prático, que congregasse os avanços conquistados as aplicações práticas das Ciências Sociais para a sociedade brasileira no tocante às condições de atraso.

Esse modo de pensar transcendeu os estudos acadêmicos. A militância de Guerreiro Ramos no Teatro Experimental Negro influenciou fortemente o que ele acreditava ser o tipo de conhecimento necessário para a construção de uma autonomia de estratos sociais específicos - como o negro - e da sociedade brasileira como um todo (FILGUEIRAS, 2012)[112].

O TEN, portanto, desenvolvia a articulação do ponto de vista do "negro desde dentro", ou seja, o discurso e a ação do sujeito que se afirma de modo autêntico como negro. Nesse processo, Guerreiro Ramos expressava a construção de uma auto-estima positiva que possibilite ao sujeito dizer, nas palavras de autor: "Sou negro, me identifico com o meu corpo em que o meu eu está inserido, atribuo à sua cor a suscetibilidade de ser valorizado esteticamente e considero a minha condição étnica como um dos suportes do meu orgulho pessoa" (RAMOS, 1981)[113].

---

[111] "A redução sociológica é um método destinado a habilitar o estudioso a praticar a transposição de conhecimento e de suas experiências de uma perspectiva para outra. O que inspira é a consciência sistemática de que existe uma perspectiva brasileira. Toda cultura nacional é uma perspectiva sistemática particular. Eis porque a redução sociológica é apenas modalidade restrita de atitude geral que deve ser assumida em qualquer processo de formação" (RAMOS, 1996, p.42).

[112] FILGUEIRAS, Fernando de Barros. **Guerreiro Ramos**, a redução sociológica e o imaginário pós-colonial. Caderno CRH vol.25 n°65, Salvador. Maio/ago 2012. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792012000200011> Acesso em 8 de setembro de 2015.

[113] RAMOS, Alberto Guerreiro. **Guerreiro Ramos:** o problema do negro na Sociologia Brasileira. Transcrito de Cadernos de Nosso Tempo, 2: 189-220, jan/jun. 1954. In. SCHWARTZMAN, Simon.

A metodologia da Grupoterapia foi descrita por Guerreiro Ramos no texto "Uma Experiência de Grupoterapia", publicado na coluna *Arquivo*, na edição número 4, página 7, publicada em julho de 1949. No referido texto, o autor apresenta dois argumentos principais: o de que a realização do 1° Congresso do Negro Brasileiro representou um avanço no debate sobre os problemas raciais no Brasil, e de que o próprio Congresso, em si, se tratava de uma experiência de Grupoterapia.

À época de publicação do texto, Guerreiro Ramos ainda não tinha dados para sustentar o argumento quanto ao sucesso da Conferência. Isso só viria a se verificar anos depois, como veremos no próximo tópico deste capítulo. Durante a preparação do 1° Congresso do Negro Brasileiro, Guerreiro Ramos ministrou uma conferência na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), intitulada "O Teatro Experimental Negro e as experiências do sociodrama". O convite para o debate foi feito pelo sociólogo Oracy Nogueira, que tornou-se um importante divulgador dos trabalhos da Escola Sociológica de Chicago, inclusive dos estudos sobre relações raciais.

No entanto, o autor apresenta algumas garantias pertinentes à argumentação. Em primeiro lugar, o discurso que Abdias Nascimento proferiu durante o Congresso efetivou a participação do TEN como uma iniciativa de maior profundidade na atividade cultural do país. De acordo com Guerreiro Ramos, o teatro se instala dessa forma, retomando seu significado original, como um "adestrador" do homem negro, funcionando tanto como uma ferramenta artística quanto sociológica. O TEN se consolida então como uma experiência psicossociológica. Essas proposições se apoiam em uma comparação ao famoso Grupo de *Oxford* e ao grupo francês *L'Ordre Nouveau* (RAMOS, 1949, p.7). Vale ressaltar que, a exemplo de sua sociologia, Guerreiro Ramos não se utiliza de modelos estrangeiros para explicar um fenômeno social brasileiro. Essa ressalva é feita no texto, uma vez que o autor destaca que se tratar somente de uma semelhança formal ou de método. Outro apoio utilizado neste texto é a menção ao método moreniano de psicodrama e sociodrama, mas é claro, se internalizando e se ajustando à realidade brasileira.

No segundo argumento de Guerreiro Ramos no texto "Uma Experiência de Grupoterapia", o de que o próprio Congresso do Negro Brasileiro foi, por si só,uma

---

O pensamento nacionalista e os "Cadernos de Nosso Tempo". Câmara dos Deputados e Biblioteca do Pensamento Brasileiro, 1981. p.39-69.

experiência de Grupoterapia, o autor relata três episódios em que ocorreu " [...] um campo de polarização psicológica, onde o homem encontra oportunidade de eliminar suas tensões e seus recalques" (RAMOS, 1949, p.7)[114].

Como na maioria dos textos do jornal *Quilombo*, os autores demonstram a ciência de que estavam à frente de projetos precursores, cujos resultados só seriam observados em longo prazo, e cuja execução seria alvo de críticas durante o seu processo. Como veremos nos demais textos analisados durante este estudo, muitos textos carregam respostas e enfrentamentos diante de questionamentos como, por exemplo, se o TEN não seria uma espécie de quilombismo, que visava separar os artistas negros em um grupo específico. No texto biográfico de Éle Semog, "Uma empreitada sem fim", em que são relatadas as diversas dificuldades pelos dirigentes do TEN, podemos perceber que até mesmo outros homens negros demonstraram protestos:

> A inveja ativa, ao contrário do banzo, concluímos, é uma reação consciente de que negros e brancos que sentem um tipo singular de mágoa (e de raiva) contra aqueles poucos negros que conseguem implementar e concluir projetos bem-sucedidos, afins com as nossas questões étnicas, políticas, sexuais, amorosas, raciais. Grosso modo, se o sujeito for um Pelé, ou uma Glória Maria, ou uma Viviane Araújo, negros cujo sucesso pessoal não contempla os objetivos mais amplos da melhoria de condições de vida pra população afro-descendente, sente-se feliz por ter-se assimilado e não desperta a inveja ativa. Entretanto, com relação a André Rebouças, Luiz Gama, Lima Barreto, João Cândido, Ana Davis, Lena Frias, Zózimo Bulbul, Paulo Cézar Caju ou Nei Lopes, a inveja ativa é devastadora e destruidora. O sucesso de projetos de pessoas como essas se torna intolerável, porque traz consigo implicações emancipadoras para a coletividade negra (SEMOG, 2006, p.54).

Em suma, a principal lição que se apreende do texto de Guerreiro Ramos é o caráter processual de seu engajamento. O sociólogo tinha plena consciência de que os resultados só poderiam vistos gradativamente: "[...] sem dúvida, os que participaram da Conferência Nacional do Negro saíram dela melhores do que entraram" (RAMOS, 1949, p.7).

4.2 Patologia da normalidade e ajustamento social

[114] RAMOS, Guerreiro. **Uma experiência de Grupoterapia**. 1949, n°4, p.7. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

Publicada na edição número 5 do *Quilombo*, a transcrição da aula inaugural do 1° Seminário de Grupoterapia, ministrada por Guerreiro Ramos em 19 de janeiro de 1950, aparece na página 6, sob o título "Apresentação da Grupoterapia". O encontro foi realizado na sede da A.B.I., em uma dependência do Serviço Nacional de Teatro.

Guerreiro Ramos abre sua fala relembrando que os avanços obtidos com o pensamento científico, a partir do século XVIII, procuravam por uma nova concepção de sociedade, abandonando modelos arcaicos. Alguns dados são apresentados: Saint Simon (1760-1825) foi que se preocupou com o aspecto social desta transição. Mas foram Charles Fourier (1772-1837) e Robert Owen (1771-1837) que focalizaram nos aspectos psicológicos da mudança social. Deles se desprende a ciência do ajustamento, chamada sociatria, ou posteriormente de sociometria, com a contribuição de J. L. Moreno. Sobre esse argumento, há duas garantias apresentadas. Em primeiro lugar, apesar da mudança dos estágios na sociedade, ainda não era possível encontrar um processo terapêutico efetivo na resolução social. Segundo, foi somente com a psicanálise que se pode dar início a buscas por soluções, mas com graves erros que só poderiam ser posteriormente desfeitos graças aos esforços do médico J.L. Moreno. Como apoio a estas proposições, o autor apresenta algumas conclusões feitas a partir das contribuições feitas por Charles Fourier e Robert Owen:

> 1 - a de que o ajustamento do homem ás instituições impões certa distorção de seus impulsos genuínos;
> 2 - a de que o caráter social do homem não é um atributo fixo e imutável; e
> 3 - a de que é possível transformar o caráter da manipulação indireta das circunstâncias e, portanto, uma terapêutica de desajustamento (RAMOS,1950, p.6)[115].

Dando procedência à argumentação, segundo Guerreiro Ramos, para que o homem fosse socialmente aceito, era necessário de que ele se tornasse como queriam os outros homens da sociedade. Algumas informações relevantes são destacadas aqui, como a importância dos estudiosos há pouco citados no caminho para o estudo da patologia da normalidade e de uma técnica sociológica de tensões

[115] RAMOS, Guerreiro. **Apresentação da Grupoterapia**. n°5, p.6, 1950. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

emocionais. O autor lembra ainda que Augusto Comte já apontava que o homem se automutilava a fim de encaixar em um sistema social. A própria educação seria, em boa parte, um treinamento com o objetivo de reduzir a liberdade e restringir a independência para que se possa ajustar socialmente. Infere-se, a partir deste argumento, que o ser humano seria, portanto, privado de sua espontaneidade nesse processo: "[...] quase todo seu comportamento é uma reprodução dos moldes ou respostas que ele não elaborou livremente [...]" (RAMOS, *op.cit*., p.6).

O terceiro e último argumento é uma ressalva: mostrar o aspecto patológico da normalidade não é fazer apologia à anormalidade. Sobre esse assunto, há a proposição de que as conservas culturais indicam a necessidade de se descobrir um processo de integração social que não reprima a espontaneidade do sujeito. Como a apoio a essa proposição, inclusive, o autor recorre a uma referência ao processo de *catársis* de Aristóteles, concluindo: a Grupoterapia lança nessa tradição, por meio de um processo sociológico, a cultura da espontaneidade.

Infere-se que a metodologia e a didática empregadas por Guerreiro Ramos em sua aula inaugural transcrita na publicação do *Quilombo* conferem uma credibilidade à proposta da implantação da Grupoterapia pelo TEN. O autor aqui se ampara em um amplo histórico de evolução da sociologia e da psicanálise que resultaram na elaboração da técnica que permitiria esse ajustamento social, não por meio de amarras, mas sim, por meio da espontaneidade.

A lógica de construção dos argumentos segue um caráter científico e didático, iniciando a partir de uma contextualização histórica, passando por uma revisão teórico-metodológica e se concluindo com a proposição de uma tese. No início de sua fala, Guerreiro Ramos remete a um passado de transição de uma sociedade utópica para uma sociedade científica o que permitiu uma maior profundidade nos campos de pesquisa e no início das Ciências Sociais. Em um segundo momento de sua argumentação, embasado nas contribuições morenianas com o sociodrama e o psicodrama, relatou como na patologia da normalidade, o homem cria mecanismos de amarras da própria liberdade de expressão em busca de um ajustamento na sociedade em que está inserido. Finalmente, propõe a tese de que a Grupoterapia seria o método capaz de conceber ao homem uma expurgação das conservas

culturais, conquistando a aceitação da sociedade por meio da expressão de sua espontaneidade.

Também foram publicados no jornal *Quilombo* dois textos sob o título "Teoria e Prática do Psicodrama", o primeiro na edição n°6, páginas 6 e 7, e o segundo na edição 7/8, páginas 9. O objetivo principal do primeiro foi o de dar continuidade ao embasamento teórico do sociodrama e do psicodrama com o intuito de dar uma familiaridade maior ao leitor sobre as técnicas empregadas em seus Seminários de Grupoterapia. O segundo é uma análise bem mais aprofundada em teorias e reflexões, além de uma espécie de pequeno estudo de caso, em que o autor reproduz um sociodrama vivido em um de seus seminários, de modo a ilustrar sua tese.

O primeiro texto é composto de dois argumentos-chave: o de que o psicodrama é, ao mesmo tempo, um método de análise e um processo terapêutico; e o de que o pscicodrama se distingue de uma peça teatral convencional porque se libera de "conservas culturais". Para sustentar essas ideias, são feitas algumas garantias. Diz o autor que o comportamento social do homem não é inato. Ele não nasce com um propósito pré-estabelecido e assim o segue porque faz parte de sua natureza. Ele adquire funções e as desenvolve ao longo do tempo, por meio do processo da convivência e da educação. No psicodrama, o palco seria uma espécie de miniatura da sociedade, onde se deve reproduzir o problema sociológico que surge neste processo de ajustamento. O paciente no palco pode então ser treinado para um novo papel ou se readaptar para uma nova conduta. A representação do paciente de seus problemas fundamentais permite ao analista a compreensão da situação efetiva de seu paciente para realizar a terapêutica.

Conforme já dito, seria a catarse o mecanismo fundamental da psicoterapia. É por isso que é a Aristóteles que o autor atribui como precursor do método psicodramático[116].

Ao segundo texto, em tom de relato, vale ressaltar a retratação de uma experiência de sociodrama vivenciada por Guerreiro Ramos e uma aluna descendente de alemães. O grupo reproduziu uma visita do professor à família da

[116] Foi o filósofo grego quem descobriu que a tragédia, pela compaixão e terror, provoca uma libertação própria de tais emoções.

jovem, que é posteriormente repreendida pelos pais devido ao envolvimento com o TEN.

> Finalizando mostrei os defeitos técnicos da sessão do sociodrama que se terminou de realizar. Seria necessário - disse que outras pessoas viessem dar as suas versões dos fatos ali focalizados. Lastimo a falta de voluntários e de tempo e passo a analisar com a essência das cenas que foram exibidas. Nesta análise, fica patente que as estereotipias e os preconceitos foram as causas dos conflitos e da incompreensão entre as pessoas. Tal análise exerce sobre a audiência uma invisível influência liberatória ou catártica" (RAMOS, 1950, p.9)[117].

Os textos demonstram, portanto, o desenvolvimento processual e teórico do sociodrama e do psicodrama e vai além: ilustram como esse processo terapêutico se dá na prática. Guerreiro Ramos descreve o teatro como uma metáfora da vida real e a partir dessa premissa é que propõe, por meio da Grupoterapia, que os indivíduos "ensaiem" seus ensejos, suas ações suas personalidades, sem deixar de lado, contudo, sua espontaneidade.

4.3 O 1° Congresso do Negro Brasileiro

O 1° Congresso do Negro Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro entre 26 de agosto e 4 de setembro de 1950, tinha o objetivo de formar uma ampla frente de combate ao racismo. O evento também era uma comemoração ao centenário da extinção do comércio internacional de escravos. Em vez de estudos acadêmicos afrobrasileiros, foram priorizados problemas práticos e atuais dos negros, além da busca para os desafios da ascensão social do homem negro. A liderança do TEN se destacava por deixar aspectos políticos à margem de aspectos científicos e culturais (MAIO, 2015)[118].

Durante o Congresso, Guerreiro Ramos submeteu uma tese intitulada "A UNESCO e as relações de raça". Nela, o sociólogo faz uma proposta à Organização das Nações Unidas para a Ciência, Cultura e Educação (UNESCO) de estudar as

---

[117] RAMOS, Guerreiro. **Teoria e prática do sociodrama**. n°7/8, p.9, 1950. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

[118] MAIO, Marcos Chor. **Guerreiro Ramos interpela a Unesco:** ciências sociais, militância e antirracismo. Cad. CRH vol. 28 n°73 Salvador Jan/abril 2015. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010349792015000100077&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em 8 de setembro de 2015.

“experiências sociológicas” desenvolvidas pelo Teatro Experimental do Negro para solução da “questão racial brasileira”. (SANTOS, 2011, p.31)[119].

Sobre o contexto geopolítico da época, ainda sob o impacto do genocídio nazista, do processo de descolonização do Terceiro Mundo e do início da Guerra Fria, a 5° Conferência Nacional da UNESCO aprovou a realização de um conjunto de pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (MAIO, 1999)[120]. "O país era visto como um laboratório que atestaria cientificamente o alegado caráter singular e harmonioso das interações raciais, em contraponto às experiências dos EUA e da África do Sul" (MAIO, 2015).

Mas Guerreiro Ramos tinha uma contraproposta que buscava inserir a intelectualidade negra brasileira no debate internacional sobre formas de enfrentamento da discriminação racial. O ponto de partida para a análise seriam as atividades desenvolvidas pelo TEN, na interface entre a sociologia e a psicologia social, tendo em vista valorizar a subjetividade de negros e mulatos. Guerreiro Ramos sugeriu à UNESCO o patrocínio de um Congresso Internacional de Relações de Raça com o objetivo de definir uma agenda politicamente orientada, de intervenção social ao invés de limitar a ação do organismo internacional a investigações acadêmicas. A proposta de Guerreiro Ramos não vingou, mas influenciou na ampliação do plano de estudos da UNESCO.

> Concorreu para tais mudanças a existência de um cenário em aberto, que foi sendo construído a partir da atuação autônoma de uma rede transatlântica de cientistas sociais progressistas, com experiências diversas de ensino e (ou) pesquisa no Brasil sensível às demandas do TEN apresentadas no 1° Congresso Negro Brasileiro (MAIO, op.cit.).

Era constante a preocupação dos membros do TEN em relação a organismos internacionais no sentido de mobilizá-los na luta antirracista. O jornal *Quilombo* relata isso diversas vezes em suas publicações. O grupo formado por Abdias Nascimento, Guerreiro Ramos e os demais colaboradores do *Quilombo* sabiam que não era viável a luta pelos seus ideais de forma isolada, por isso se articulavam

---

[119] SANTOS, José Antônio dos. **Prisioneiros da História**. Trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional. PUC - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre - RS, 2011.

[120] MAIO, Marcos Chor. **O projeto Unesco e a agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50**. Rev. Brasileira de Ciências Sociais. vol.14 n.41 São Paulo-SP, outubro, 1999. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091999000300009&script=sci_arttext > Acesso em 10 de setembro de 2015.

politicamente com outras instituições que apoiavam a causa negra e a defesa dos direitos humanos da população de cor.

Uma dessas instituições era a Organização das Nações Unidas (ONU), que havia sido criada há apenas três anos, como resultado das conferências de paz organizadas após o fim da Segunda Guerra Mundial. A premissa inicial da ONU era assegurar uma relação amistosa entre os países para que não se visse repetir os desdobramentos desencadeados pelas grandes guerras na primeira metade do século XX. No entanto, como a História viria a demonstrar, a ONU viria a interferir em diversos assuntos, não somente de segurança, mas também econômicos e até mesmo sociais para alcançar seus objetivos. O marco inicial foi a Declaração Universal dos Direitos Humanos, assinada na Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, em 10 de dezembro de 1948.

A equipe editorial do *Quilombo* demonstra uma profunda identificação com as ideias proclamadas no documento e chegando inclusive a apontar pontos convergentes entre as afirmativas destes documentos e aquelas constantemente defendidas no programa editorial do *Quilombo* e na Conferência Nacional do Negro. Há uma preocupação em publicizar no jornal uma demonstração de apoio e colaboração do grupo em meio ao Movimento Negro com as Nações Unidas, por meio também da Conferência do Negro que viria a ser analisada:

> [...] espera que as Nações Unidas, como organismo promotor dos direitos do homem e da amizade e da cooperação entre todos os povos, sem considerações de cor, de religião, de língua, de organização política, continuem a representar dignamente o seu papel de mais alta tribuna da opinião mundial (SHAW, 1949, p.7)[121].

O espaço dedicado à coluna "Democracia Racial" na terceira edição do jornal, publicada em junho de 1949 traz, afinal, a transcrição do discurso proclamado pelo Sr. Paul Vanorden Shaw, representante de ONU no Brasil, na sessão inaugural da Conferência Nacional do Negro, em retribuição ao apoio oferecido pelo grupo às Nações Unidas.

A fala de Shaw argumenta sobre a importante cooperação dos movimentos negros com os organismos internacionais de promoção da paz e dos direitos

[121] SHAW, Paulo Vanorden. **A Conferência do Negro e as Nações Unidas**. n°3, p.7, 1949. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

humanos. Comenta ainda o autor a grande contribuição das populações negras em todos os quadrantes dos crescimentos econômico e social no mundo. Como garantia a este argumento, o autor faz uma referência à Declaração Universal dos Direitos Humanos, que prega a promoção dos direitos e liberdades, independente de raças, crenças ou situação econômica. O autor também tece elogios aos trabalhos do norteamericano Ralph Johnson Bunche pelos trabalhos de mediação de paz no conflito entre Palestina e Israel.

Não foi, aliás, a única vez que uma homenagem a Bunche foi feita no *Quilombo*. O editorial intitulado "Prêmio Nobel para Bunche" publicado na edição número 4, de julho de 1949, pode ser encarada como um *lobby* de Abdias Nascimento e do TEN em favor da premiação do diplomata e cientista político americano Ralph Johnson Bunche com um Nobel da Paz, fato que viria a se concretizar no ano seguinte. Ralph foi o primeiro homem negro a receber o prêmio na História. O reconhecimento se deu em decorrência de seu trabalho na mediação para a criação do Estado da Palestina na década de 1940, envolvido em resoluções que tentavam solucionar o conflito entre árabes e judeus. O editorial se refere a Bunche como um "apóstolo da liberdade e da paz", acreditando sempre na recuperação do equilíbrio da sociedade.

O argumento principal do texto era de que se tratava de uma grande justiça a indicação do ativista do americano ao Prêmio Nobel da Paz e que deveria ele ser reconhecido com este prêmio. Há uma proposição de que Ralph Bunche foi peça-chave para "apagar a pólvora que estava prestes a explodir uma hecatombe", no conflito árabe-judeu. Bunche, diz-se no texto, trabalha com grande conhecimento do Direito, rara habilidade política e avançado conhecimento técnico. Outra garantia que sustenta a argumentação é a de que o Prêmio Nobel da Paz deveria ser conferido àquele que de fato trabalhasse efetivamente pela harmonia dos seres humanos. "[...] a figura mártir e heroica de Von Oietsky, entre outros, obtiveram esse nobre galardão, Por que não juntar-se agora o nome de Ralphe J. Bunche" (QUILOMBO, 1949, p.1)[122].

[122] QUILOMBO. **Prêmio Nobel para Bunche**. n°4, p.7, 1949. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

Ainda em um contexto de aproximação institucional com a ONU, a coluna retorna na edição número 7/8, publicadas em março e abril de 1950, "Democracia Racial" traz a transcrição do discurso de Ralph Bunche (que conforme vimos, viria a ganhar o Prêmio Nobel da Paz) proferido no aniversário de 150 anos da cidade de Aaronsbourg, Pensilvânia, em 23 de outubro de 1949. O texto intitulado "Da solidariedade humana", traduzido por Bernardo Ludemir, revela experiências e acontecimentos vivenciados pelo ativista em seu trabalho de negociação no Oriente Médio, na questão Israel-Palestina. Os relatos são carregados de esperança de que possa haver uma convivência harmoniosa entre os dois povos:

> Vi médicos e enfermeiras do Hadassah Hospital, em Jerusalém, atender com a mesma solicitude árabes e judeus. Vi, em plena guerra, tropas árabes deixarem passar, diariamente, através de suas linhas de combate, entre Tel Aviv e Jerusalém, comboios judeus conduzindo o indispensável em medicamentos, material médico e comida para os civis da Cidade Santa. Vi também, no Hotel das Rosas, em Rhodes, o chefe da delegação de Israel, entrar no quarto de um membro da delegação da Transjordânia e participar com profunda tristeza e compaixão de uma carta que tinha recebido de um árabe, no qual lhe comunicava a perda de toda a sua família num trágico acidente (BUNCHE, 1950, p.3)[123].

Outro texto preocupado com os conflitos internacionais motivados pelo etnocentrismo é o artigo de opinião escrito pelo historiador francês Daniel Rops intitulado "Racismo, a herança de Hitler", publicado na página 2 da edição número 2 do *Quilombo*, em maio de 1949. No artigo em questão, o autor traça um panorama dos conflitos de origem étnica e religiosa em andamento no cenário político da época (África do Sul, China, Índia e Macedônia) culpando os sentimentos herdados por estes povos desde a era Hitler. Denunciou o autor: "[...] é mister que vejamos os mais claros sinais de decadência moral em que se encontra a nossa época e da miséria em que nos debatemos - o racismo, já que é necessário chamá-lo pelo seu nome" (ROPS, 1949, p.2)[124].

---

[123] BUNCHE, Ralph. **Da solidariedade humana**. 1949, p.7. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

[124] ROPS, Daniel. **Racsimo, a herança de Hitler**. 1949, p. 2 In. QUILOMBO: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

Na edição número 4 do jornal, publicada em 9 de julho de 1949, por exemplo, chega ao conhecimento dos leitores mais detalhes sobre as ações da Ku Klux Klan[125] nos Estados Unidos. No texto "Ku-Klux-Klan, Organização terrorista dos Estados Unidos", escrito por W. Bardin Hughes em 1947 para o *Negro Year Book* e traduzido para o jornal brasileiro por João da Conceição, são descritas as táticas violadoras de lei praticadas por esse grupo que incitava a supremacia da raça branca sobre as demais: "[...] ameaças anônimas, alguns espancamentos, tatuagens a fogo de negros e outros atos de violência, inclusive assassinatos" (HUGHES, 1949, p.9)[126].

Retomando o envolvimento do TEN e das matérias do *Quilombo* no âmbito da academia, com o objetivo de explicar a relação entre a atuação do Teatro Experimental do Negro com o mundo acadêmico, foi publicado na edição número 3, página 11, o texto "Espírito e Fisionomia do Teatro Experimental do Negro". Trata-se da transcrição do discurso de Abdias Nascimento durante a abertura da Conferência Nacional do Negro, em 9 de maio de 1949.

O texto apresenta dois argumentos principais. O primeiro é o de que muitas pessoas questionam o porquê da participação dos membros do TEN em um Congresso de caráter acadêmico-científico, uma vez que os autores dessas críticas não apreendem a relação entre uma iniciativa e outra. Em outras palavras, não correlacionam uma convenção de um grupo de intelectuais com a participação de um coletivo artístico.

Abdias não deixa claro em sua fala ou não aponta provas de quem seriam essas pessoas que estariam questionando a presença do TEN no Congresso. Ainda assim, apresenta suas considerações a respeito do assunto. A primeira garantia de Abdias é a de que, apesar do nome, o Teatro Experimental do Negro não se trata de

---

[125] "Três vezes na longa história americana o Ku Klux Klan veio à evidência: ao término da Guerra Civil, no fim da Primeira Guerra Mundial e logo após a Seunda Guerra Mundial. O Ku Kux Klan surgiu em 1866, como um clube de jovens em Pulaski, Tenessee. A princípio era um círculo social com as usuais armadilhas de segredos e costumes. Simples fronhas e lençois brancos eram sua arma principal que os Brancos usavam a noite para causar terror aos negros supersticiosos. Daí o Klan estabeleceu o lema 'manter o negro em seu lugar'. Klanseanos mascarados iam às cabanas de alguns infelizes negros e ameaçavam-nos com castigos misteriosos caso não se comportassem convenientemente" (HUGHES, 1949, p. 9).

[126] HUGHES, W. HARDIN. **Ku-Klux-Klan:** Organização terrorista dos Estados Unidos. 1949, p.9. In. **QUILOMBO**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

uma entidade apenas com objetivos artísticos. Segundo ele, a necessidade da fundação deste movimento foi inspirada por um imperativo da organização cultural das pessoas negras. Abdias afirma que o TEN tem em vista a elevação do nível cultural e dos valores individuais de seus participantes.

Outra proposição de Abdias é a de que o TEN reconhece a necessidade de apelar para uma temática sociológica, a fim de se evitar que a organização se limite a ações idealísticas ou ideológicas, "[...] mas sensível e ajustada à configuração psico-social, cuja transformação almejávamos" (NASCIMENTO, 1949, p.11)[127]. Para apoiar esta afirmação, Abdias afirma ainda que o TEN é também um campo de polarização psicológica, onde ele pretende formar o núcleo de um movimento social multiplicador e de proporção.

O segundo argumento apontado durante o texto é de que a mentalidade da população negra, no tocante ao acesso a conceitos e ideais, é ainda precária. Os negros ainda não dispunham de técnicas sociais ou de acesso adequado à cultura e informação. A despeito, Abdias concede duas garantias ao argumento. Primeiro: não é por meio da política que se é capaz de convencer os negros a se reunirem e lutar contra essa realidade, mas sim por meio de uma aliança e da sublimação de uma profunda vivência ingênua a qual são submetidos. Outra proposição é a de que:

> [...] O Teatro Experimental do Negro não é nem uma sociedade política, nem simplesmente uma associação artística, mas um experimento psico-sociológico tendo em vista adestrar gradativamente a gente negra nos estilos de comportamento da classe média e superior da sociedade brasileira (NASCIMENTO, 1949, p.11).

Como apoio a estas proposições, Abdias lembra que as atividades do TEN vão muito além da produção teatral: passam pela alfabetização, pela iniciação cultural e pelos concursos de beleza.

O texto "Espírito e fisionomia do Teatro Experimental do Negro" se trata, portanto, claramente de um rebate de Abdias Nascimento às críticas recebidas pelo Teatro Experimental do Negro, vindas de outros intelectuais participantes da Conferência do Negro. Elisa Larkin Nascimento, no livro "Abdias Nascimento: o griot

---

[127] NASCIMENTO, Abdias. **Espírito e fisionomia do Teatro Experimental do Negro**. n°3, p.11. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Adbias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

e as muralhas", relata que em diversos momentos os membros do TEN foram alvos de críticas, às quais ela atribui um princípio de "inveja ativa", uma estranha forma de comportamento de outros negros, segundo a autora. De acordo com os relatos, isso teria acontecido devido à maneira como Abdias tomou para si a condução do TEN.

> Pode-se dizer que alguns intelectuais se aproximaram do TEN com a intenção de uma colaboração honesta e despojada, mas outros, apenas com suas ambições antropofágicas, buscando na iniciativa daqueles negros seu repasto acadêmico (SEMOG, 2006, p.143).

Abdias então atribui essas críticas, conforme descrito em seu primeiro argumento do texto, a uma justificativa infundada de que o TEN não teria qualquer relação com um evento acadêmico-científico como a Conferência do Negro Brasileiro. A maneira encontrada pelo autor para levar ao descrédito desta crítica é justamente criar um elo entre os propósitos da Convenção e da proposta do TEN em si. Retomemos o temário do Congresso (que pode ser conferido na página 5 da edição número 3 do *Quilombo*) em que pode-se perceber uma ênfase aos problemas práticos e atuais da vida dos negros, combatendo padrões convencionais racistas das Ciências Sociais e do seu trato com o negro. São discutidos: história, vida social, sobrevivências religiosas, sobrevivências folclóricas, línguas e estética. Olhemos agora para o "Nosso Programa", *box* que resumia de forma sucinta e clara os objetivos do TEN e do jornal *Quilombo*, presente até a quinta edição junto ao expediente, quando ele diz: " Trabalhar pela valorização e valoração do negro brasileiro em todos os setores: social, cultural, educacional, político, econômico e artístico".

Em suma, com base na semelhança dos propósitos firmados, e com base nas proposições contidas nos argumentos de Abdias Nascimento em seu discurso, podemos apreender que o TEN e a Conferência se integravam e funcionavam com objetivos em comum: estudar os problemas do próprio negro e superar as dificuldades.

O quinto editorial, publicado na capa de quinta edição do jornal, que ganhou o conhecimento público em janeiro de 1950 comemora a passagem do negro de matéria-prima dos estudiosos como o modelador de sua própria história. Realizado em agosto daquele ano, o 1° Congresso Negro Brasileiro se definiu como um evento de estudo e reflexão, além de um acontecimento político para os próprios negros e

teve repercussão na então colônia portuguesa, Angola, em uma notícia publicada em Luanda em 25 de junho de 1950 (SILVA, 2007, p.134-135)[128]. Este evento entraria em contraste o Congresso Afro-Brasileiro de Recife (1934) e o de Salvador (1937), nos quais o negro era um simples objeto de pesquisa. Neste editorial, Abdias define quais seriam os objetivos com a realização de um evento de caráter acadêmico, feito por negros e para negros:

> Durante o Congresso o negro procurará estudar-se, decifrar sua personalidade e configurar seus problemas coletivos, pensando e agindo com realismo, deixando de lado a questão racial para enfrentar as questões de base. Congresso sociológico por excelência, o que ele pretente (sic) é descobrir os mecanismos que aceleram os processos de integração de pretos e brancos instalado por nossa própria evolução histórica (NASCIMENTO, 1950, p.1)[129].

Os anais do Congresso só foram parcialmente publicados por Abdias Nascimento em 1968 no livro *O Negro Revoltado,* com um registro taquigráfico dos debates de trabalhos apresentados. Esta obra ganhou uma segunda edição em 1980 com um prefácio que marca a evolução do contexto histórico que marca a experiência da luta negra no Brasil, além de um discurso proferido por Abdias Nascimento no Congresso Nacional dos Estados Unidos em 1980, evento organizado pelo antigo sindicato negro americano (GELEDES, 2013)[130]. O Congresso também viria a ser tema central do editorial da décima e última edição do *Quilombo*.

Por fim, conforme já citado, o 1° Congresso do Negro Brasileiro volta a ser assunto central tratado no décimo e último editorial assinado por Abdias Nascimento.

---

[128] SILVA, Maria Nilza da. **Do problema da "raça" às políticas de ação afirmativa**. In. PACHECO, Jairo Queiroz; SILVA, Maria Nilza (Orgs.). **O negro na universidade:** o direito à inclusão. Brasília-DF: Fundação Palmares, 2007.

[129] NASCIMENTO, Abdias. **O 1° Congresso do Negro Brasileiro**. 1950, p.1. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

[130] GELEDES. **O IPEAFRO disponibiliza a íntegra das duas edições do livro O negro revoltado de Abdias Nascimento**. 5 de maio de 2013. Disponível em <http://arquivo.geledes.org.br/atlantico-negro/afrobrasileiros/abdias-do-nascimento/18525-o-ipeafro-disponibiliza-a-integra-das-duas-edicoes-do-livro-o-negro-revoltado-de-abdias-nascimento> Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

Trata-se da transcrição do discurso proferido pelo diretor do jornal na ABI - Associação Brasileira de Imprensa - em 26 de agosto de 1950, anunciando o início de uma nova fase no estudo dos problemas das relações raciais no Brasil. Abdias reforça que o discurso da democracia racial é um obstáculo para aqueles que lutam por uma integração definitiva, possibilitada pela ascensão social e econômica, por meio da educação e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou uma análise exploratória e qualitativa de reportagens e editoriais veiculados nas dez edições do jornal *Quilombo,* sob a direção de Abdias do Nascimento, entre 1948 e 1950, publicadas posteriormente em edição fac-similar em 2003, pela Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, com textos de apresentação do próprio Abdias do Nascimento, de sua esposa Elisa Larkin do Nascimento e do sociólogo Antonio Sérgio Alfredo Guimarães.

Buscou-se por meio da discussão dos textos analisados, captar a forma pela qual os intelectuais membros do Teatro Experimental Negro (TEN) enxergavam o problema racial no Brasil e de que maneira eles reagiam para mudar essa realidade. Empreende dos argumentos apresentados nos textos analisados que o grupo encabeçado por Abdias Nascimento e Guerreiros Ramos apontavam a necessidade de um reconhecimento unânime das pessoas a respeito da existência do preconceito de cor. Apontavam ainda os sérios riscos que a divulgação da ideia de uma chamada, democracia racial, uma suposta convivência harmoniosa entre as raças, traz para a luta contra o racismo. A grande preocupação é que esse sentimento de acomodação tenha uma influência negativa na mobilização de políticas públicas, nos formadores de opinião e na própria capacidade de militância do Movimento Negro.

Segundo Abdias Nascimento e Guerreiro Ramos, não só é preciso reconhecer sim a existência do racismo no país, mas como também combatê-lo. Essa luta, sabiam eles, se daria em um processo gradual, que teria que superar as heranças culturais e sociais de um país que perpassou quase quatro séculos de escravidão, e que mesmo ao fim do regime de exploração da mão-de-obra escrava, não criou oportunidades para a inserção do negro nos espaços sociais. O próprio negro, neste sentido, ainda não teria superado todos os complexos herdados seu passado de sofrimentos e exploração.

Focado nessa superação, Guerreiro Ramos implantou os princípios do sociodrama e do psicodrama, com base na psicanálise moreniana a fim de que as atividades do TEN transcendessem o mundo artístico e funcionassem como uma terapia que levaria a elevação da autoestima do negro. Esse seria o primeiro passo para que ele pudesse se afirmar perante a sociedade e combatesse o preconceito de cor, superando as desigualdades e participando democraticamente das construções sociais coletivas, dos espaços educacionais e da formação sociocultural brasileira.

A publicação do jornal *Quilombo* se constituiu em um registro das principais ideias defendidas por membros do Teatro Experimental do Negro, em uma trajetória de luta das minorias raciais no Brasil. Conforme demonstrado, é possível identificar por meio da análise da publicação as reivindicações do grupo artístico-político-militante formado pelas lideranças do TEN, bem como as ações e as dimensões significativas destes intelectuais.

Foi verificado um crescente processo de elaboração de uma consciência dos problemas vivenciados pelos negros após a abolição e um interesse em ampliar o debate e discutir esses problemas, buscando respostas e soluções. O maior desafio consistia em reunir o maior número possível de pessoas interessadas em criar uma organização capaz de unificar e conscientizar os negros, justificando a presença do jornal como mais uma ferramenta de divulgação dessa ideia. Por meio de ações beneficentes e com um projeto pedagógico estruturado, o TEN se destacou em meio a outros representantes do Movimento Negro por não apenas trazer uma inversão valorativa da figura do negro em frente à sociedade como um todo, mas sim por tentar buscar uma mudança comportamental em que exista uma valorização do

negro pelo próprio negro. As matérias do *Quilombo* estão, nesta perspectiva, repletas de tentativas de enfatizar a importância da participação do negro na trajetória do desenvolvimento econômico e social brasileiro e prega a ideia de uma emancipação e integração plena desse grupo na sociedade.

Segundo os intelectuais fundadores do TEN e do *Quilombo*, como Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos, a consciência e identificação de uma causa específica dos negros depende e subordina-se à formação e consolidação de um grupo que se reconhece e que se identifique como negro. O processo de afirmação desse grupo avançaria, então, por meio dos projetos e propostas implementados por ações do Movimento Negro e pela divulgação na Imprensa Negra.

Ao final do século XIX e no começo do século XX, uma mudança significativa na ordem social brasileira viria a mudar para sempre a vida do negro no Brasil. Formalmente, não havia mais uma diferenciação entre negros escravos, negros libertos e negros nascidos livres. Todos então partilhavam da mesma condição racial e, ao menos formalmente, na nova ordem política, eram considerados cidadãos. Porém, essa igualdade formal clarificou ainda mais a desigualdade real. O que intrigava os defensores da causa negra e o que eles procuravam entender é como poderiam persistir a hierarquia e as barreiras criadas por meio de padrões etnicorraciais, se, teoricamente, todos eram cidadãos por direito.

Com o TEN, vemos uma união de negros brasileiros que se identificavam não somente pelas características físicas, mas por partilharem uma história em comum. O passado de escravidão e o presente de desigualdade e sofrimento causado pelas conseqüências do racismo passam a se tornar elementos de influência que sinalizam uma alteridade que consolida uma identidade em comum. Ainda que nas páginas do *Quilombo*, seja perceptível a preferência por expressões como "homens de cor" ou "homens pretos", seguindo a orientação dos estudos de Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, de que podemos hoje trabalhar sem reservas com a construção social em torno do termo raça.

Vale também ressaltar ainda que o Movimento Negro da época que analisamos aderiu a uma corrente de pensamento nacionalista. A partir dos anos 1940, pautados nas ideias de Guerreiro Ramos, o povo brasileiro seria o povo negro. De acordo com esta perspectiva, não estariam somente defendendo a "raça negra",

mas sim a "raça brasileira". Esta seria então uma estratégia inédita no campo nacionalista pela integração. O jornal *Quilombo*, conforme analisamos, buscou atestar constantemente essa aliança nacional, acreditando em uma participação de todos os brasileiros, brancos e negros, nesse debate que valoriza paralelamente tanto a cultura negra como a cultura nacional.

Não se procurava, portanto, em separar a cultura negra, mas sim valorizar a participação da herança africana na construção dos valores culturais nacionais. Isto significa que o negro deveria reconhecer como positivo a especificidade das relações raciais no Brasil e lutar pela concretização de uma democracia racial. Os líderes do Teatro Experimental Negro acreditavam que a discriminação era residual, decorrente do pouco tempo de emancipação e que poderia ser revertida com o preparo educacional e a igualdade de oportunidades para a população negra.

Na crença de que a falta de acesso e qualidade de educação, somado à falta de oportunidades, são problemas herdados do passado, mas que deveriam ser resolvidos no futuro, a militância negra acreditava não somente em um intervenção das políticas governamentais, mas principalmente na mudança comportamental dos indivíduos. Esse processo de "adestramento" se daria por meio de atividades educativas (alfabetização, profissionalização e atividades esportivas) e por meio da elevação da auto-estima (atividades culturais, recreativas e concursos de beleza). Paralelamente, discursavam para a sociedade criando espaços de publicidade para da valorização do negro no corpo social brasileiro (as peças teatrais do TEN e a realização do Congresso do Negro Brasileiro). Todas essas atividades foram amplamente divulgadas pelo jornal *Quilombo*.

Essas estratégias e práticas foram teorizadas e justificadas no meio acadêmico de modo que muitos colaboradores do *Quilombo* contribuíram para o desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil e ampliaram as perspectivas sociológicas sobre a formação e as relações sociais no Brasil. Intelectuais como Abdias Nascimento e Guerreiro Ramos defenderam também na esfera científica o reconhecimento do problema racial, negando a existência da democracia racial, criticando a estética da brancura e defendendo um maior engajamento do negro em assuntos políticos. Deste modo, seria possível que tivessem uma representatividade

mais expressiva na reivindicação por políticas públicas de inclusão e no combate ao racismo.

Ao longo desta dissertação, procurei demonstrar a luta dos "personagens" desta história que analisei para desmitificar um conceito que entrava o combate ao preconceito de cor no país. Sobretudo em virtude de uma falsa propaganda política, que tenta vender a imagem do Brasil como um país plural, miscigenado, onde se vivencia uma relação harmoniosa entre as diferentes classes e grupos raciais – e também em grande parte devido a conquistas políticas e ao crescimento econômico – difundiu-se no país a ideia de uma chamada “democracia racial”. Esse fenômeno mítico, como uma crença de que no Brasil as oportunidades de trabalho, educação, renda e justiça não são limitadas em virtude de fatores como a cor da pele, crença religiosa ou gênero - atrapalha o combate à discriminação e à desigualdade no país e age como um empecilho a um debate mais amplo na busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

Em suma, apesar da ausência de conflitos avalizados pelo Estado entre diferentes grupos etnicorraciais, como aconteceu em diversos países ao longo do século XX, por exemplo, o holocausto liderado pela Alemanha nazista, as leis de segregação no sul dos Estados Unidos e o *apartheid* na África do Sul, não é possível afirmar que o Brasil é um país livre do racismo e das desigualdades raciais onde impera uma “democracia racial”.

Muitas vezes o pensamento racista não se manifesta voluntariamente por meio de uma ação individual. O racismo está arraigado em muitas instituições públicas brasileiras e se manifesta por meio de seus servidores, escondidos por trás de sua lógica burocrática na prestação de seu serviço. É o chamado racismo institucional[131].

A imprensa também tem sua parcela de culpa na disseminação do racismo institucional, e aqui, teve seu desenlace discutido e denominado racismo midiático. É certo que o jornalismo não pode, por uma questão ética, fazer uso da polissemia, a

[131] No racismo institucional, as camadas sociais dominantes não têm plena consciência de sua posição privilegiada e este desconhecimento assegura à discriminação um funcionamento que não está explícito. Ao contrário, trata-se de um racismo sem atores, com causas camufladas, aparentemente não detectáveis, ao passo que seus efeitos são tangíveis (WIEVIORKA, 1998, p.32).

exemplo da publicidade, para causar um efeito dúbio ou passar mensagens subliminares em seus discursos textuais. Tampouco pode, atualmente, explicitar mensagens com conotações racistas como já ocorreu anteriormente. “Safari com verba pública” dizia a manchete do jornal *O Dia*, em 21 de agosto de 2001, em uma reportagem que criticava o financiamento de uma viagem de parlamentares à África para a participação em uma conferência cujo tema era o combate ao racismo (OLIVEIRA, 2004, p.37)[132]. No entanto, os meios de comunicação ainda têm muito a evoluir no debate da questão racial. Há uma formação deficiente nas escolas de comunicação que pregam uma cultura "light", onde impera a lei do menor esforço e cria profissionais pouco interessados em fomentar campanhas que enfatizem a importância do engajamento na luta anti-racista.

Por outro lado, se concretiza no Brasil a implementação das políticas afirmativas com a intenção de amenizar as disparidades sociais entre negros e brancos em curto prazo, para que, em longo prazo, se perceba uma verdadeira mudança social. As ações afirmativas são ações diretas de compensação de uma minoria desprivilegiada, coordenada pela máquina pública, quando a própria sociedade não consegue garantir a isonomia dos direitos e oportunidades para seus indivíduos.

No entanto, apesar de toda as lutas e avanços que foram impulsionados pela atuação de militantes como Abdias Nascimento, Guerreiro Ramos e muitos outros. Ainda vivemos uma realidade de desigualdades econômica, política, social e cultural entre as raças. Segundo o Censo Demográfico de 2010 levantado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), consideradas as características fenotípicas: pretos, pardos, amarelos e indígenas constituem 51% da população brasileira em número de habitantes. No entanto, apesar da maioria numérica, há uma convenção em considerá-los minorias[133] raciais em decorrência das restrições impostas a essa parcela da população.

---

[132] OLIVEIRA, Eduardo Henrique Pereira. **O potencial da internet na luta contra o racismo**. In. CARRANÇA, Flávio. BORGES, Rosane da Silva. (Org.) **Espelho Infiel:** o negro no jornalismo brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

[133] "[...] no aspecto antropológico, a ênfase é dada ao conteúdo qualitativo, referindo-se aos subgrupos marginalizados, ou seja, minimizados socialmente no contexto nacional, podendo, inclusive, constituir uma maioria em termos quantitativos. Dessa forma, para ser objeto de tutela

Em números absolutos, o Brasil é o país onde mais se mata no mundo. Segundo dados da ONU (Organização das Nações Unidas), são mais de 22 mortes para cada 100 mil habitantes. Mas este triste primeiro lugar pode ser ainda pior. Se considerarmos apenas os jovens negros de 18 a 24 anos do sexo masculino, o número de assassinatos é de 150 casos para cada 100 mil. Esse número, para se ter uma ideia, é quinze vezes maior que nos Estados Unidos e cinco vezes maior que na Colômbia (BARRETO, 2012)[134].

Na esfera da educação e do mercado de trabalho, também é possível encontrar a persistências dessas desigualdades para as minorias raciais. Um estudo do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) divulgado em 2011, denominado “Retrato das desigualdades de gênero e raça” mostra que, apesar de avanços na média de anos de estudo escolar, combate ao analfabetismo e diminuição da taxa de distorção aluno-série percebidos no Brasil, no período compreendido entre 1999 e 2009, “observa-se a manutenção das desigualdades que têm, historicamente, limitado o acesso, a progressão e as oportunidades, principalmente da população negra, de nordestinos e da população rural na educação (IPEA et. al., 2009, p.20)[135]”.

Para a população negra, o acesso ao mercado de trabalho ainda é um pressuposto de enfrentamento a uma realidade de privação que lhe foi historicamente relegada. Nesta perspectiva, ainda é perceptível que a taxa de desocupação – que mede a proporção de pessoas desempregadas, mas em busca de emprego – reflete as desigualdades de gênero e raça também no mercado de trabalho. Assim, a menor taxa de desemprego corresponde àquela dos homens brancos (5%) e a maior é relativa às mulheres negras (12%).

Quando alcançam o mercado de trabalho, os postos ocupados e também a remuneração que percebem também são inferiores se comparadas com as dos brancos. Foi constatado que os negros só ganham mais em 4% das profissões. Pesquisa do Censo 2010 mostra que as ocupações com maior proporção de pretos e pardos são as que apresentam as piores remunerações no país como:

---

internacional, a minoria deve, necessariamente, ser caracterizada pela posição de não dominância que ocupa no âmbito do Estado em que vive" (MORENO, 2010, p.152).

134 BARRETO, Luciana. **Negros no Brasil:** Brilho e Invisibilidade. Caminhos da Reportagem, 13 de novembro de 2012. TV Brasil, Rio de Janeiro - RJ, 2012.

135 IPEA*, et. al*. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 4ª edição. Brasília, 2011.

trabalhadores elementares da pesca, caça, coletores de lixo e material reciclável e limpadores de janela. Em contrapartida, as remunerações mais altas apresentam baixos índices de participação de pretos e pardos, por exemplo: médicos, engenheiros e juízes (GOIS; DUARTE, 2012, p. 3)[136].

Uma pesquisa realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), divulgado em 2013, mostra que os negros representam 48,2% dos trabalhadores em regiões metropolitanas. No entanto, a média salarial dos negros é 36,1% menor que a de não negros. “As diferenças salariais recebem pouca influência da região analisada, das horas trabalhadas ou do setor de atividade econômica, o que significa que os negros efetivamente recebem menos do que os brancos” (AGÊNCIA BRASIL, 2013) [137].

Depois de uma leitura sociocrítica do jornal *Quilombo*, associado a todo o aparelhamento provido pela pesquisa teórica desta dissertação, a melhor maneira que encontrei para resumir as conclusões que cheguei durante esta pesquisa é citando o subtítulo do jornal: "vida, problemas e aspirações do negro". É perceptível que a vida do negro no Brasil consiste em uma luta diária para enfrentar os efeitos psicológicos, políticos, econômicos, culturais e sociais herdados do regime de escravatura e que persiste até os dias atuais com a manutenção das desigualdades. Percebo que os problemas do negro estão associados ao racismo, que nem todos admitem existir, apesar de tão claras e perceptíveis suas consequências. Concluo que as aspirações do negro são de que um dia esse problema seja superado, seja com a articulação do Movimento Negro, com a implementação das políticas de ação afirmativa ou com a valorização da cultura e da beleza da raça negra.

Espero que com este trabalho tenha conseguido avançar um pouco mais na compreensão das relações raciais no Brasil e contribuído, de alguma forma, para o debate de uma questão urgente em nosso país: a necessidade de reconhecer a necessidade de humanizar e socializar cada vez mais as oportunidades no Brasil, independente de origem, cor ou raça.

---

[136] DUARTE, Alessandra. GOIS, Antonio. **Desigualdade em trabalhos iguais**. Jornal O Globo. 13 de maio de 2012. p.3.

[137] AGÊNCIA BRASIL. **Média Salarial de Negros é 36% menor, aponta Dieese**. 13 de novembro de 2013. Disponível em <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-11-13/media-salarial-de-negros-e-36-menor-aponta-dieese>. Acesso em 20 de dezembro de 2014.

Obrigado!

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Média Salarial de Negros é 36% menor, aponta Dieese**. 13 de novembro de 2013. Disponível em <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-11-13/media-salarial-de-negros-e-36-menor-aponta-dieese>. Acesso em 20 de dezembro de 2014.

AHISTÓRIA. **História do Movimento Negro e a luta por direitos civis**. Disponível em <http://www.ahistoria.com.br/movimento-negro-e-a-luta-por-direitos-civis/> Acesso em 4 de abril de 2014.

ALBERNAZ, Renata Ovenhausen; AZEVEDO, Ariston. **Os marginais do direito estatal:** a luta multidimensional do Teatro Experimental do Negro (TEN) pelo "direito a ter direitos", nos anos de 1944 a 1968. Revista Brasileira de Ciência Política, n°11. maio/agosto 2013. Brasília. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522013000200002&script=sci_arttext> Acesso em 11 de setembro de 2015.

ALMADA, Sandra. **Prefácio**. In. BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Orgs.). **Mídia e Racismo.** Petrópolis, RJ; Brasília: ABPN, 2012.

BAGOLIN, Luis Armando; REIS, Magali dos. **José de Souza Martins, Sociologia da Fotografia e da Imagem**. Tempo Social. Vol 21, n1, São Paulo, 2009.

BARIANI, Edison. **Guerreiro Ramos:** uma sociologia em mangas de camisa. CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n°11 - outubro de 2006, p.84-92. Disponível em < http://www.cchla.ufpb.br/caos/n11/07.pdf> Acesso em 8 de setembro de 2015.

BARRETO, Luciana. **Negros no Brasil:** Brilho e Invisibilidade. Caminhos da Reportagem, 13 de novembro de 2012. TV Brasil, Rio de Janeiro - RJ, 2012.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Brancos e negros em São Paulo:** ensaio sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

BASTIDE, Roger. **Estudos afro-brasileiros** - A imprensa negra do Estado de São Paulo. Perspectiva S.A.: São Paulo, 1983.

BERTULIO, Dora Lucia de Lima. **Direito e relações raciais:** uma introdução crítica ao racismo. Dissertação (mestrado em Direito). Florianópolis: Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.

BICUDO, Virgínia Leone. **Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. Dissertação de Mestrado. Escola Livre de Sociologia e Política. São Paulo- SP, 1945.

BOURDIEU, Pierre**. O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre*.* **Sobre a televisão:** seguido de A Influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1997.

BUNCHE, Ralph. **Da solidariedade humana**. 1949, p.7. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

CARVALHO, Gilmar Luiz de. **A imprensa negra paulista entre 1915-1937:** características, mudanças e permanências. São Paulo: USP, 2009.

CAMPOS, Maria José. **Versões modernistas do mito da democracia racial** - estudo sobre as trajetórias e as obras de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo até 1945. Universidade de São Paulo, 2007.

CARONE & M. A. BENTO (Orgs.). **Psicologia Social do Racismo***.* 5º Ed. Petrópolis: Vozes, 2012

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CUTI. **... E disse o velho militante José Correia Leite**. São Paulo: Noohva América, 2007.

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo**. Racismo e anti-racismos no Brasil. Palla. Rio de Janeiro,2001.

DOMINGUES, Petrônio. **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

DOMINGUES, Petrônio José. **Uma história não contada:** negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Ed. Senac, 2004.

DUARTE, Alessandra. GOIS, Antonio. **Desigualdade em trabalhos iguais**. Jornal O Globo. 13 de maio de 2012.

FARIAS, Maristela. **Experiências afro-americanas nas páginas do Clarim da Alvorada**. 29 de Novembro de 2013. Disponível em <http://maristelafarias6.blogspot.com.br/2013/11/experiencias-afro-americabas-nas.html> Acesso em 04 de abril de 2015.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICODRAMA – FEBRAP. (2007). **O que é Psicodrama?** Disponível em <http://www.febrap.org.br/psicodrama/Default.aspx?idm=20> Acesso em 9 de setembro de 2015.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro à sociedade de classes**. Centro Brasileiro de pesquisas educacionais. MEC: Rio de Janeiro, 1965.

FERNANDES, Florestan. **A luta contra o preconceito de cor**. In FERNANDES, Florestan. BASTIDE, Roger. Inquérito UNESCO-Anhembi - Relações Raciais entre negro e brancos em São Paulo. Anhembi, São Paulo -SP, 1955.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Ed. Difel, 1972.

FERRARA, Miriam Nicolau. **A imprensa negra paulista (1915-1963)**. São Paulo: USP, 1981.

FILGUEIRAS, Fernando de Barros. **Guerreiro Ramos**, a redução sociológica e o imaginário pós-colonial. Caderno CRH vol.25 n°65, Salvador. Maio/ago 2012. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792012000200011> Acesso em 8 de setembro de 2015.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLLI, Francisco Platão. **Para entender o texto:** leitura e redação. 17ed. São Paulo: Ática, 2007.

FISCHLOWITZ, Estanislau. **Século da questão racial**. 1950, p.3;8. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Adbias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

FOLHA/UOL. **Leia texto de Abdias do Nascimento sobre o jornal "Quilombo"**. 24 de maio de 2011. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/920231-leia-texto-de-abdias-do-nascimento-sobre-o-jornal-quilombo.shtml> Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

FREYRE, Gilberto. **A atitude brasileira**. 1948, p.8. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

GARCIA, Marinalda. **Os arcanos da cidadania** - a imprensa negra paulista nos primórdios do século XX. São Paulo: FFLCH -USP, 1999.

GELEDES. **O IPEAFRO disponibiliza a íntegra das duas edições do livro O negro revoltado de Abdias Nascimento**. 5 de maio de 2013. Disponível em <http://arquivo.geledes.org.br/atlantico-negro/afrobrasileiros/abdias-do-nascimento/18525-o-ipeafro-disponibiliza-a-integra-das-duas-edicoes-do-livro-o-negro-revoltado-de-abdias-nascimento> Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro. Record. 2004.

GOMES, Janaína Damaceno. **Os segredos de Virgínia:** estudos de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955). USP - São Paulo, 2013.

GONÇALVES, Luiz Alberto de Oliveira. **Os movimentos negros no Brasil** - Construindo atores sociopolíticos. Revista Brasileira de Educação (set-dez 1998).

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2002.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. **Democracia Racial:** o ideal, o pacto e o mito. In: Novos Estudos CEBRAP, n.61, São Paulo, 2001.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. **Preconceito e discriminação**. São Paulo: Fundação de apoio à Universidade de São Paulo, 2004.

HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte. UFMG. 2 ed., 2005.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o Negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HUGHES, W. HARDIN. **Ku-Klux-Klan:** Organização terrorista dos Estados Unidos. 1949. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

IPEA*, et. al*. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 4ª edição. Brasília, 2011.

KÖSSLING, Karin Sant'Anna. **As lutas anti-racistas de afro-descendentes sob vigilância do DEOPS/SP (1964-1983)**. São Paulo: FFLCH-USP, 2007.

JORGE, Cecília. **Primeira Marcha Zumbi, há 10 anos, reuniu 30 mil pessoas**. Agência Brasil. Disponível em <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2005-11-13/primeira-marcha-zumbi-ha-10-anos-reuniu-30-mil-pessoas>. Acesso em 19 de janeiro de 2015.

LEAL, Claudio. **Morre Abdias do Nascimento**, o "único negro brasileiro". Portal Terra Magazine, 24 de maio de 2011. Disponível em <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI5147512-EI6581,00-Morre+Abdias+do+Nascimento+o+unico+negro+brasileiro.html> Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

LEITE, José Correia. **...E disse o velho militante José Correia Leite**. SILVA, Luiz (Org.). São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

LESSA, Origenes. **Os arianos de Criciuma**. 1949, p.4. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

LIMA JÚNIOR, Ariovaldo. **Jornal ìrohìn:** estudo de caso sobre a relevância do papel da imprensa negra no combate ao racismo (1996-2006). USP. São Paulo - SP, 2009.

LUCA, Tania Regina de. **A grande imprensa na primeira metade do século XX**. In: LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza. (Org.). **História da Imprensa no Brasil**.São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 149-175.

LIAKOPOULOS, Miltos. **Análise argumentativa**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis- RJ, 2002.

LIMA, Ivan. **A fotografia e sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

MACEDO, Márcio José de. **Abdias do Nascimento:** a trajetória de um negro revoltado (1914-1968). São Paulo: USP, 2005.

MAIO, Marcos Chor. **Guerreiro Ramos interpela a Unesco:** ciências sociais, militância e antirracismo. Cad. CRH vol. 28 n°73 Salvador Jan/abril 2015. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010349792015000100077&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em 8 de setembro de 2015.

MAIO, Marcos Chor. **O projeto Unesco e a agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50**. Rev. Brasileira de Ciências Sociais. vol.14 n.41 São Paulo-

SP, outubro, 1999. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091999000300009&script=sci_arttext > Acesso em 10 de setembro de 2015.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia** – Jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo. Ática, 1986.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo** - gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos de Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

MENDES, Miriam Garcia. **O negro e o teatro brasileiro***.* São Paulo: Hucitec, 1993.

MOTTA, Julia Maria Casulari. **1970:** o Congresso que redefiniu o campo do psicodrama brasileiro. Revista Brasileira de Psicodrama, vol. 18 n°2, São Paulo, 2010. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-53932010000200008&script=sci_arttext> Acesso em 9 de setembro de 2015.

MOTTA, Ubijara Damaceno da. ***Jornegro:*** um projeto de comunicação afro-brasileira. São Bernardo do Campo: Institulo Metodista de Ensino Superior, 1986.

MUNANGA, Kabengele; Gomes Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Ação Educativa, 2006.

NASCIMENTO, Abdias. Entrevista concedida a Isabel Cristina Clavelin da Rosa. Rio de Janeiro, Brasil. 7 de novembro de 2009. In: ROSA, Isabel Cristina Clavelin da Rosa. **Racismo em Pauta** – A pluralidade confrontada no noticiário da Folha de S. Paulo na primeira década de 2000. Brasília: UnB, 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2009.

NASCIMENTO, Abdias. **Espírito e fisionomia do Teatro Experimental do Negro**. n°3, p.11. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Adbias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

NASCIMENTO, Abdias. **Nós**. 1948, p.1. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

NASCIMENTO, Abdias. **O 1° Congresso do Negro Brasileiro**. 1950, p.1. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980

NASCIMENTO, Abdias. **Pronunciamentos**: Frente Negra Brasileira. In. **Thoth**/Escriba dos deuses - informe restrito do gabinete do senador Abdias Nascimento. Set/Dez - 1997. Brasília: Gabinete do Senador Abdias Nascimento, 1997.

NASCIMENTO, Abdias. **Teatro Negro Brasileiro no Festac 77**: uma notável ausência. In. NASCIMENTO, Abdias. **Thoth/** Escriba dos deuses - informe de distribuição restrita do senador Abdias Nascimento. Jan/Abril 1998. Brasília: Gabinete do Senador Abdias Nascimento, 1998.

NASCIMENTO, Abdias. NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Apresentação**. In. **QUILOMBO**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor**: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Psicologia e Direitos Humanos:** subjetividade e exclusão. Conselho Federal de Psicologia. Brasília - DF, 2004.

NASCIMENTO, Maria. **Crianças racistas**. 1948, p.8. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, Eduardo Henrique Pereira. **O potencial da internet na luta contra o racismo**. In. CARRANÇA, Flávio. BORGES, Rosane da Silva. (Org.) **Espelho Infiel:** o negro no jornalismo brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

OLIVEIRA, Mirian Ribeiro de. **A ideologia racista de cor no discurso midiático filhas do vento**. Revista Calidoscópio. Vol 11, n°2, p116-123, mai/ago 2013.

OLIVEIRA, Célia Regina Pereira de; SILVA, Nayara Cristina Freitas da. **Jornal *Quilombo*: fonte histórica de mobilização étnica**. Universidade Estadual de Goiás - Porangatu: Goiás, 2012.

PEREGRINO, Nadja. **Cruzeiro**: A revolução da fotorreportagem. Rio de Janeiro:Dazibao, 1991.

PEREIRA, Amilcar Araujo**. A Lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela "reavaliação do papel do negro na histório do Brasil".** Cadernos de História v1 n17 p.25-45, 2011.

PERSICHETI, Simonetta. **Documento do Imaginário Social**. In Discursos Fotográficos, Londrina v4, n5, p.207-210, jul/dez 2008.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura à tinta preta** - a imprensa negra no século XIX (1833-1899). 197 f. Brasília: UNB, 2006.

PINTO, Regina Pahim. **O movimento negro em São Paulo:** luta e identidade. São Paulo: FFLCH-USP, 1993.

QUILOMBO: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

QUILOMBO. **Cartaz:** Guerreiro Ramos. Dezembro de 1950. In. **QUILOMBO**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

QUILOMBO. **Instituto Nacional do Negro será instalado brevemente com a abertura do Seminário de Grupoterapia**. n°3 p.11, 1949. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

QUILOMBO. **Nosso programa**. Dezembro de 1948. In. **QUILOMBO**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

QUILOMBO. **Prêmio Nobel para Bunche**. n°4, p.7, 1949. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

RAMOS, Arthur. **A mestiçagem no Brasil**. 1949, p.8. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Guerreiro Ramos:** o problema do negro na Sociologia Brasileira. Transcrito de Cadernos de Nosso Tempo, 2: 189-220, jan/jun. 1954. In. SCHWARTZMAN, Simon. **O pensamento nacionalista e os "Cadernos de Nosso Tempo"**. Câmara dos Deputados e Biblioteca do Pensamento Brasileiro, 1981. p.39-69.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

RAMOS, Guerreiro. **Apresentação da Grupoterapia**. n°5, p.6, 1950. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

RAMOS, Guerreiro. **Teoria e prática do sociodrama**. n°7/8, p.9, 1950. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

RAMOS, Guerreiro. **Uma experiência de Grupoterapia**. 1949, n°4, p.7. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

RAMOS, Guerreiro; CARNEIRO, Edison; NASCIMENTO, Abdias. **1° Congresso do Negro Brasileiro de 1949.** 1949, p. 5;3. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

ROPS, Daniel. **Racsimo, a herança de Hitler**. 1949, p. 2 In. QUILOMBO: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

ROSA, Isabel Cristina Clavelin da. **Imprensa negra:** descobertas para o jornalismo brasileiro. Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol 11 n°1 Julho a Dezembro de 2014.

SANTOS, José Antônio dos. **Prisioneiros da História**. Trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional. PUC - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre - RS, 2011.

SCARPARO, H. B. K., Moraes, M. L. A., Almeida, C. C. R., Ballardim, G. **Psicodrama moreniano no Rio Grande do Sul: memórias não encenadas**. Psicol. Argum, Curitiba, v.28, n°62, p.199-208 jul/set 2010.

SCHWARCZ, Lilia M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário:** cor e raça na intimidade. In: História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.4.

SCHWARCZ, Lilia M. **Raça como negociação** - sobre teorias raciais em finais do século XIX no Brasil. In: FONSECA, M. N. S. (Org.). **Brasil Afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

SEGUNDO, Paulo Roberto Gonçalves. **Modalidade e engajamento em editoriais da imprensa paulistana de bairro**. Cadernos da CNLF, Vol XIII, n°4, p.2115-2127. Disponível em <http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/tomo_2/modalidade_e_engajamento_em_editoriais_da_imprensa_PAULO.pdf > Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

SHAW, Paulo Vanorden. **A Conferência do Negro e as Nações Unidas**. n°3, p.7, 1949. In. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.

SILVA, Eugénio Alves da. As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais. Revista Angolana de Sociologia, nº12, 2013. Disponível em < http://ras.revues.org/740#tocto2n4> Acesso em 14 de setembro de 2015.

SILVA, Herialde Oliveira. **A história e o desenvolvimento do psicodrama socioeducacional no Brasil**. In: MARRA, M.M.; FLEURY, H.J. (Orgs.) Grupos - Intervenção socioeducativa. São Paulo - Ágora, 2008.

SILVA, Maria Nilza da; LARANJEIRA, Pires. **Do problema da "raça" às políticas de ação afirmativa**. In. PACHECO, Jairo Queiroz; SILVA, Maria Nilza

(Orgs.). **O negro na universidade:** o direito à inclusão. Brasília-DF: Fundação Palmares, 2007.

SILVA, Maria Nilza da. **Nem para todos é a cidade**: segregação urbana e racial em São Paulo. Brasília - DF. Fundação Cultural Palmares, 2006.

SILVEIRA, Oliveira Ferreira da. **Palavra de negro**. In: SANTOS, Irene. **Negro em preto e branco:** história fotográfica da população negra de Porto Alegre. Porto Alegre: Do Autor, 2005.

SIQUEIRA, Gabriel de Mello Vianna; SANTOS, Lais Silveira; MACIEL, Flavia Regina Panazzolo. **Contribuições de Alberto Guerreiro Ramos para o Ecodesenvolvimento**. Anais do XXXV Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro - RJ, 4 a 7 de setembro de 2011. Disponível em < http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EOR1246.pdf> Acesso em 9 de setembro de 2015.

SODRÉ, Muniz. **Sobre imprensa negra**. Revista Lumina – Facom/UFJF – v1, n°1, p.23-32, jul/dez 1998.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOARES, Doris de Almeida. **Elementos básicos para a análise de textos argumentativos em língua portuguesa**. Trabalhos em Linguística Aplicada, vol.48 n°1 Campinas,Jan/Jun 2009. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132009000100006&script=sci_arttext> Acesso em 14 de setembro de 2015.

TORRES, Felipe. **“Casa-grande e senzala” completa 80 anos com o mesmo vigor polêmico de quando foi lançado**. Diário de Pernambuco, 1 de dezembro de 2013. Disponível em < http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2013/12/01/internas_viver,476732/casa-grande-e-senzala-completa-80-anos-com-o-mesmo-vigor-polemico-de-quando-foi-lancado.shtml > Acesso em 7 de dezembro de 2014.